GUSTAVO BARROSO

PRAIAS E VÁRZEAS

ALMA SERTANEJA

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS
FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

COLEÇÃO DOLOR BARREIRA

A COLEÇÃO DOLOR BARREIRA, iniciativa da Academia Cearense de Letras, em convênio com a Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará e o Banco do Nordeste do Brasil, enriquece-se, nesta oportunidade, com a publicação de seu terceiro volume, integrado por dois livros de Gustavo Barroso — *Praias e várzeas* e *Alma sertaneja*, ambos representativos do que se poderá denominar a fase regionalista de sua prosa.

Antecederam este terceiro volume, na coleção, os livros *Tentação* e *No país dos ianques*, de Adolfo Caminha, o primeiro, de ficção, e o segundo, de observações de cunho sócio-cultural, ambos, hoje em dia, raridades autênticas, e *A fome* e *Violação*, respectivamente, um romance e uma novela de Rodolfo Teófilo, ambos de cunho regional e de forte embasamento documental. *A fome* teve já duas edições anteriores (1890 e 1922) e é obra esgotadíssima; *Violação* era praticamente inédito, uma vez que de tiragem reduzida, na província, em 1899.

Como se pode verificar, a Coleção Dolor Barreira obedece a um plano rígido de publicações e visa, antes de tudo, a não apenas preservar mas, sobretudo, tornar mais e mais conhecidas das novas gerações brasileiras, sobretudo dos estudiosos do fenômeno literário nacional no que ele tem de mais legítimo, aquelas obras que, ponderabilíssimas no contexto evolutivo da literatura brasílica, malgrado sua apenas aparente modéstia, há muito se haviam tornado, já não apenas raras, inexistentes na maioria das bibliotecas, mesmo as especializadas do país.

No tocante à personalidade de Gustavo Barroso (1888-1959) e à sua obra, há que destacar sua real importância nos quadros da literatura brasileira, desde seu livro de estréia — *Terra de sol* — em cujas páginas, a par do valor do estilista primoroso, há matéria sociológica e folclórica de magna importância e ainda de grande atualidade, até as páginas valiosas de documentação do variado leque de manifestações da alma popular nordestina, que constituem *Ao som da viola*.

Praias e várzeas e *Alma sertaneja* estão, no conjunto da vasta obra de Gustavo Barroso, como significativos de um sadio espírito regionalista, que este lhe foi sempre nota característica, mesmo quando, envolvido pela justificada aura de fama literária nacional e internacional, bem poderia ter-se cosmopolitizado, à feição do que ocorreu a tantos outros escritores de sua contemporaneidade.

Tanto um como outro dos livros ora enfeixados num só volume contêm, numa atmosfera de ficção, forte conteúdo de verdade documental.

PRAIAS E VÁRZEAS

ALMA SERTANEJA

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
apresenta na
COLEÇÃO DOLOR BARREIRA
(Patrocinada pela Academia Cearense de Letras, com o apoio da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará e do Banco do Nordeste do Brasil)
O VOLUME Nº III

PRAIAS E VÁRZEAS

ALMA SERTANEJA

de

GUSTAVO BARROSO

Organização, Atualização ortográfica, Introdução crítica, Bibliografia e notas por

OTACÍLIO COLARES
da Academia Cearense de Letras

1979

LJOE

RIO DE JANEIRO

COLEÇÃO DOLOR BARREIRA — VOLUME Nº III

SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA (*Cláudio Martins*) vii
INTRODUÇÃO CRÍTICA: GUSTAVO BARROSO E O REGIONALISMO (*Otacílio Colares*) ix
DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE GUSTAVO BARROSO xxi
BIBLIOGRAFIA DE GUSTAVO BARROSO xxii

PRAIAS E VÁRZEAS

ALMA SERTANEJA

PRAIAS E VÁRZEAS 3
Velas brancas 5
Finados 9
Naufrágio 15
O pescador 19
Santa 26
Espectro 32
A Luíza do Seleiro 35
O patuá 44
Absalão 50
O filho do Gurari 55
Emboscada 60

ALMA SERTANEJA 63
Cobra é o diabo 65
Marialva sertanejo 69
O Come-Gente 73
O drama do Guriú 76
A alma do Turco 79
A moça da sapiranga 83
Os noruegueses do Sabiaguaba 87
Chifre de cabra 91
A louca 94
O poço das piranhas 97
Os filhos do Capitão João Pedro 100
Mano Francisco 103
O perdão das trevas 106
O lobisomem 110
Como eu matei a maçaroca 114

NOTA EXPLICATIVA

CLÁUDIO MARTINS
Presidente da Academia Cearense de Letras

EM SEU AFÃ *de divulgar o escritor vinculado à literatura cearense, a Academia Cearense de Letras editou sete livros que justificam plenamente esse propósito.*

Trata-se da "Coleção Antônio Sales", já enriquecida com A Academia de 1894, *de Raimundo Girão,* Contos, *de Oliveira Paiva, fruto de pesquisa realizada por Braga Montenegro e Sânzio de Azevedo, com a colaboração de Fran Martins,* Literatura Cearense, *de Sânzio de Azevedo,* Falas acadêmicas, *coletânea de discursos pronunciados na A. C. L.,* As outras cunhãs, *do cronista Milton Dias,* Miséria e sonho no canal, *romance de Faria Guilherme,* Alencar 100 anos depois, *homenagem da A. C. L. a José de Alencar, no centenário de sua morte e* Teatro *(obra completa) de Carlos Câmara.*

Agora chegou a vez das reedições, empreendimento que se torna realidade pela compreensão e descortino dos ilustres dirigentes do Banco do Nordeste do Brasil, tendo à frente o professor Nílson Holanda, membro do Instituto do Ceará.

O Banco do Nordeste, é de justiça registrar, tem prestado à cultura nordestina os mais assinalados serviços. E, patrocinando este projeto, acrescenta à literatura pátria produção histórica da mais alta valia. Honras lhe sejam tributadas por tudo isso.

Escolhemos para patrono desta nossa coleção o nome sempre lembrado de Dolor Barreira.

Dolor é um dos principais responsáveis pela gloriosa ascensão da Casa de Tomás Pompeu.

Nos momentos de crise, foi no saber e na sua admirável prudência que fomos buscar as soluções necessárias.

Ademais, se outros títulos lhe não exornassem o prestígio de escritor, professor e historiador de primeiro plano, só o fato de haver dado às letras brasileiras a História da literatura cearense *abonaria nosso maior reconhecimento e respeito pelo que ele significou para a nossa cultura.*

De modo que, emprestando seu nome ilustre à Coleção que ora se inicia, sob tão confortadores auspícios, estaremos apenas iniciando o testemunho de veneração que lhe deve a Academia que ele tanto amou.

INTRODUÇÃO CRÍTICA

Gustavo Barroso e o Regionalismo

Otacílio Colares
da Academia Cearense de Letras

Na vasta obra literária (mais de cem títulos) de Gustavo Barroso, a partir do antológico *Terra de sol,* de estréia auspiciosa, em 1912, até sua publicação derradeira em livro, *História do Palácio Itamarati,* em 1956, o que poderá o historiador, assim como o crítico, descobrir facilmente é a existência de um vasto e variado leque de manifestações do escritor, na maleabilidade de sua capacidade de transmitir, pela palavra escrita, que também se registrava no conferencista e no orador de massas, já o emocionante de algo nascido da força imaginativa, já o fato talvez recriado, com base no que se ouviu contar e se transforma em algo de características pessoais, bem assim um fato histórico, que há de chegar ao leitor com o tonus da *estória,* esta, arte de contar, e não da *História,* ciência de provar. A par disso, vamos dizer, que são virtuosidades do escritor, há também, manifesto e insofismável, o profundo sendo da observação, esta sempre bem orientada no sentido de transmitir ao grande público o sentimento e a inteligência das coisas.

Tendo estreado, como já se disse, em 1912, com um livro que estava destinado a abrir-lhe as portas da fama e popularidade literárias, no ebuliente meio intelectualista que vivia o Brasil nas duas primeiras décadas deste século, o que se viu foi um como eclodir insopitável, no jovem escritor de 24 anos, de uma tumultuária fonte de sugestões que uma pena habilíssima de colorista lançava em livros nos quais, a par do literário, no tocante a um estilo eminentemente aliciante, havia, revelado, o espírito de aguda observação, embasado mais em si próprio do que num lastro cultural, que não se podia realmente encontrar ainda em moço que, em suas memórias da infância e juventude, dizia mais ter brincado que estudado.

Assim é que, depois de *Terra de sol,* subtitulado — *Natureza e costumes do Nordeste,* apareceria, já com o autor radicado no melhor ambiente literário do Rio, popularizado também com o pseudônimo de *João do Norte,* o homem ainda inteiramente voltado para as lembranças e experiências da terra natal, como o provam os livros *Praias e várzeas,* Rio, 1915; *Heróis e bandidos,* Rio, 1917; *Ao som da viola,* 1921, e *Alma sertaneja,* 1923, para só aludirmos àqueles volumes cujo conteúdo, já de ficção pura, já de fatos possíveis de

observados, ou de aprofundada colheita nas fontes da tradição popular nordestina, revelavam no moço escritor, rapidamente acolhido no cenáculo da provecta Academia Brasileira de Letras, na última data acima citada, uma sensibilidade e uma inteligência de sentido telúrico indiscutível.

Deve ser dito — e já o dissemos em outra oportunidade, em pequeno ensaio[1] que, se Gustavo Barroso houvesse, de cedo, dedicado suas vocações a um ou dois ramos apenas da imensa aura de sua atividade de observador e escritor, talvez não houvesse, em muito do que escreveu à conta de uma enorme facilidade natural, sido alvo de críticas azedas ou reservadas que lhe fizeram alguns, em parte com alguma verdade mas em parte com incompreensão, quando não despeito, dedicavam-se, ao tempo, ao que Almeida Fischer, crítico agudo de nossos dias, dá como título a seus livros que compendiam trabalhos de análise literária — "áspero ofício"...

Longe de nós, nesta simples apresentação crítica de duas pequenas obras do historiador, sociólogo, folclorista expressivo e narrador contagiante, a pretensão de um estudo abrangente da obra do autor de *Ao som da viola.* Apenas, no tocante a essa proliferação exagerada de títulos de sua bibliografia, diremos que viveu Gustavo Barroso a fase mais dinâmica de sua vida de escritor, ao tempo em que a figura do chamado *polígrafo* constituía requinte da moda, admitindo-se como norma o literato que, ao lado da ficção ou da poesia, fizesse o jornalismo diário ou hebdomadário e ainda freqüentasse cafés boêmios e rodas elegantes, emulados os mais jovens pela intensa e quase milagrosa ação literária desse extraordinário Coelho Neto que, enfim, aos poucos, vai sendo redimensionado para, logo mais, aparecer em sua grandeza real, esquecido ou ignorado pelas novas gerações, desde que sobre ele e sua produção vastíssima e cheia de calor caiu, impiedosa e injusta, e apressada em muita coisa, a mais inflamada vergastada dos modernistas de 22 a 30.

Realmente, entre 1910 e 1920 ou pouco mais, Coelho Neto era o padrão natural pelo qual se guiavam os novos escritores, sobretudo os que demandavam, dos diversos pontos do Brasil, a antiga Capital Federal, fascínio e meta aos mais ambiciosos. Daí, homens como Gustavo Barroso, Carlos de Vasconcelos, Almáquio Diniz, Álvaro Moreyra, José do Patrocínio Filho, Olegário Mariano, e entre esses o curioso Benjamin Costallat, aqui e ali, concordarem com uma literatura de concessões ao que chamaríamos de literatura prato-do-dia, que não chegava ao vulgar, antes, ao circunstancial, ao passageiro, numa época que era, na verdade, de transição no sentido mais lato.

---

[1] Otacílio Colares. *Lembrados e esquecidos / II.* Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza, Ceará, 1946.

Afinal, se em 1914 o mundo entrara em uma guerra cruenta, em 18 dela saíra, com uma Europa a transformar as descobertas feitas para a luta e a morte em artifícios para o luxo e a euforia meio dionisíaca do sexo, afazendo-se o artista aos costumes dominantes no chamado "high-life", sociedade em cujo seio já não mais preponderavam as tradições nem preconceitos, que, no após-guerra, a plutocracia superpôs-se à aristocracia. Daí uma certa literatura beletrística e preciosística, que levaria o já citado Benjamin Costallat, também editor, a escrever romances como *Mlle. Cinema,* lido avidamente pela juventude estudantil, e por ele inteligentemente subtitulada — *novela de costumes do momento que passa,* editando ele, ao mesmo tempo, o livro do também original Romeu d'Avelar *Os devassos,* subtitulado *romance de escândalo.* Enquanto isso, e só à guisa de ilustração, aludir-se-á a *A sinistra aventura, reminiscências das prisões inglesas,* por José do Patrocínio Filho, e *Ban-ban-ban,* do hoje mais conhecido como compositor popular Orestes Barbosa, livro que a editora anunciava como

> interessantíssimo flagrante dos costumes do "bas-fond" carioca. Livro de escândalo.

Aliás, com relação a essa diversificação de temas e mesmo de orientação que tantos hoje condenam e denominam enfaticamente de falta de unidade, vale lembrar o que escrevia, com sua providencial clarividência, ainda nos princípios de sua atividade de crítico, mestre Alceu Amoroso Lima, no Capítulo XIV / Contos, de seus *Estudos,* a propósito, dentre outros, do livro de Gustavo Barroso — *Casa de maribondos,* S. Paulo, Monteiro Lobato & Cia., 1921, *Mosquita muerta,* Buenos Aires, La Novela Semanal, 1921:

> A unidade de uma carreira literária não está no assunto, mas no espírito. Pode-se mesmo dizer que unidade de assuntos, nos temperamentos propriamente literários, é sinal de pobreza.

Mais adiante, incisivo, dizia o mestre:

> O escritor deve variar para renovar-se. Não é preceito este que seja necessário recomendar aos nossos. Aqui, mais do que em qualquer outro país, não só é rara a unidade das carreiras literárias, senão também, quando existe, provém quase sempre da harmonia apontada. O escasso gosto que demonstramos por toda especialização revela-se, inclusive, nessa variedade de obras num mesmo autor. Há nisso curiosidade de espírito como incontinência de atenção.

O crítico atilado estava, então, com uma conceituação que se coadunava com o espírito cosmopolita das primeiras décadas, afeito esse espírito à influência do após-guerra na Europa, ao qual não fugiram, em meio às diversas feições de seu movimento, certos pequenos grupos como o de Oswald de Andrade, em conflito com o nativismo dos verdeamarelistas...

No caso de Gustavo Barroso, historiador, folclorista, que mestre Afrânio Coutinho, em sua *Introdução à literatura brasileira* (7ª ed.,

1975) aponta, ao lado de Mário Sete, como criadores da linha neo-regionalista, que

> compreende os modernos "ciclos" da ficção brasileira, muitos dos quais mergulham raízes no passado

mas também homem de cultura em grande parte absorvida em contato direto com a Europa, no seu caso, repetimos, podiam conviver sem conflitos o regionalismo, redundante em nacionalismo, e o cosmopolitismo.

Acreditando ter situado a contento Gustavo Barroso no complexo literário do Brasil em que se desenvolveu com mais ênfase a sua arte-ciência de homem de letras, atenhamo-nos às duas obras que nos incumbe estudar e que são anunciadas pela ordem de sua publicação: *Praias e várzeas*[2] e *Alma sertaneja.*[3]

Num como noutro destes livros daquela prosa que diríamos ser ainda alencarina, pela musicalidade, mas, já em parte, pessoal, pelo cunho de realismo regional, quase — diríamos — tendente ao documental, num como noutro, o leitor preocupado com definições rígidas esbarra com o dilema: são contos o que está em ambos os volumes reunidos, ou apenas o são no que a palavra *conto* significa *invenção* e a palavra *raconto* é entendida como repetição (podendo ser modificada) de velhas narrativas.

Abordando, quando de seu aparecimento, em 1921, *Casa de Maribondos* e *Mosquita muerta,* a que já aludimos, tentando classificar as estórias em ambas as coletâneas reunidas, escrevia o também já citado Alceu Amoroso Lima:

> Não se pode propriamente chamar de 'contos', ou seria baratear a palavra, a essas estórias leves e às vezes cômicas ou mesmo de espírito, simples casos autênticos, adaptados ou supostos, sem maior desenvolvimento ou impressão.

Talvez, neste caso de *adaptados* ou *supostos* estivessem as estórias, ou melhor, os episódios de *Praias e várzeas,* hoje raridade literária e bibliográfica, livro que reflete, no cearense erradicado da terra do berço, um profundo apego às coisas simples do chão nativo e de sua gente.

Seriam tais escritos racontos de estórias passadas de pais para filhos, geração após geração, e que sua memória guardou, fazendo chegarem a nós, à conta de sua capacidade recriadora, com as denotações de coisas inventadas? A verdade é que, apesar da aura misteriosa da ficção literária, há muito de "pathos" cearense na univer-

---

[2] Gustavo Barroso. *Praias e várzeas*. Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 73, Rua Garrett, 1915.

[3] Gustavo Barroso. *Alma sertaneja* (contos trágicos e sentimentais do sertão). Rio de Janeiro, Editores Benjamin Costallat & Miccolis, 1923.

salidade com que são apresentadas as coisas simples das simples gentes de entre litoral e sertão do *Siará-grande.*

O livro está dividido, como indica o título, em estórias que têm como cenários lugarejos típicos do litoral cearense, bem assim da zona interiorana.

No caso das estórias que chamaremos praianas, classificam-se: "Velas Brancas", "Finados", "Naufrágio" e "O Pescador". De várzeas, ou seja, de planícies de entre serras e sertões do Ceará, são os demais racontos, vamos classificá-los assim: "Santa", "Espectro", "Luíza do Seleiro", "O Patuá", "Absalão", "O filho de Guarari" e "Emboscada".

Há, no caso da única edição de *Praias e várzeas,* algo que, acreditamos, não há de ter causado alegria ao escritor: as ilustrações, que foram concebidas, evidentemente, longe do autor e realizadas pelo desenhista Alfredo de Morais, evidentemente português. Sim, porque são lusitanas típicas todas as figuras humanas, seus trajos e os ambientes com que o artista intentou, baldadamente, dar idéia do que estava descrito e narrado em cada uma das estórias. A não ser que se admitisse — o que é difícil — que o folclorista e costumista de *Ao som da viola* e *Almas de lama e de aço* se houvesse rendido ao mal que a tanto escritor acometeu, em maior dose a Coelho Neto: o da crença na absorção, pelo mercado consumidor lusitano, das tiragens mais ou menos alentadas de livros brasileiros que se editavam em Lisboa ou no Porto...

A esse mal, até certo ponto pedante, já haviam feito concessão autores cearenses da mesma época, e vivendo no Ceará, dentre eles, Rodolfo Teófilo em alguns de seus livros, um desses, *Memórias de um engrossador* (homens e coisas do meu tempo) Lisboa, Tipografia A Editora, Largo do Barão, 1912; Papi Júnior, carioca de profunda vivência no Ceará, onde faleceu, e que publicaria seu volumoso romance *Gêmeos,* na Imprensa Moderna, no Porto, em 1914, bem assim Antônio Sales, cujo romance, *Aves de arribação,* por ele subtitulado *novela cearense,* sairia a lume pela Tipografia A Editora Limitada, de Lisboa, em 1914...

Em face dessa extraterritorialização editorial, encontram-se facilmente, em livros como os citados, de envolta com expressões típicas do falar brasileiro e mesmo do cearense, certas outras que eram, ao tempo, e ainda são, hoje, lusitaníssimas, redundando, ao olhar hodierno, em puro esnobismo verbal...

No caso de *Praias e várzeas,* no entanto, o fato de sair o livro todo ilustrado a modos do tipo português, fica apenas nisso o que reputamos, quando não defeito, singularidade, porque, no resto, a narrativa é corrente e poética, nos já citados moldes alencarinos, com a virtude do emprego, já sem o vezo da apresentação gráfica em

grifo ou entre aspas, dos termos e expressões regionais, significando o autor, embora culto, já integrando ao seu estilo de erudito o falar popular nordestino.

Exemplo da afirmação, este trecho inicial do primeiro raconto do volume "Velas brancas":

Entrava já no septuagésimo quarto ano de vida o Matias Jurema, velho pescador do Meireles.[4] Já não ia mais ao mar na jangada aventureira, para as pescarias abundantes de agosto, nem, de dia com o sol sempre a brilhar num céu varrido e lustroso como a prata líquida do luar a derramar-se sobre o extenso mistério das águas. Não é que a idade lhe tolhesse as juntas com dores reumáticas ou lhe fraquejasse o pulso cansado das manobras antigas. Outros, mais idosos que ele, ainda sustentavam filhos e netos com o que lhes dava a caçoeira e o anzol. Mas, por mal dos seus pecados, uma catarata cobria-lhe os olhos com um véu glauco, por trás do qual as argutas pupilas de pescador se esforçavam por distinguir o desmaio azul do céu no recuo do horizonte, com velas brancas saudosamente fugindo.

Teimava com a filha e o genro em andar sempre trajado de algodãozinho tinto de murici. Não ia mais ao mar. Não tinha precisão de roupas fortes. Porém queria mostrar a todos, os velhos atributos da profissão que lhe levara a vida inteira. Com mão segura, apesar da falta da vista, remendava com cipós novos os samburás gastos, tecia tarrafas para vender aos pescadores do Cocó,[5] examinava as poitas,[6] à procura de falhas que pudessem comprometer a segurança das jangadas dormindo confiantes na ancoragem dos tauassus.

Como se pode facilmente verificar, há todo um contexto informativo a par do conteúdo, vamos dizer, ficcionístico ou literário. E, acima disto, a preocupação de empregar toda uma terminologia regional praiana que, evidentemente, seria novidade absoluta para o leitor português, pois palavras como *murici* e *tauaçu* são de origem túpica...

São assim, pautados numa como preocupação de informar por meio do recurso aparentemente ficcional, todas as estórias dessa pequena jóia de nossa melhor literatura regional de entre praias e sertões cearenses, cuja reedição, há muito, estava a impor-se como medida de justiça.

---

[4] Meireles é antigo trecho do litoral fronteiro à cidade da Fortaleza, antigamente um pouco afastada da praia fronteira à cidade, local de abicamento das jangadas para os negócios da venda do pescado e mesmo lugar preferido para moradia de jangadeiros. Hoje, com o crescimento violento da urbe, foi absorvida por ricas construções, dentre estas, as sedes de elegantes clubes sociais.

[5] *Cocó*, rio que limita, ao leste, a cidade da Fortaleza. Em suas águas entre doces e salgadas da enseada, pescadores, com tarrafas e pequenas redes, pescam peixes de porte mínimo e camarões.

[6] Chamam assim os pescadores de alto-mar, no nordeste, especialmente no Ceará, a pedras de tamanho avantajado, presas cada uma por três varas de madeira rija entrelaçadas em forma de cone por vigorosa cordoalha. Quando a jangada faz uma parada "na linha" ou nas "trinta e três", a *poita* é lançada ao fundo por meio de extensa corda, assegurando à leve embarcação estabilidade e permanência num mesmo ponto.

Valha, em apoio do que se afirma, o fato de verificar-se que, cada dia, mais e mais, a crítica e a historiografia literárias no Brasil valorizam os regionalismos das chamadas "ilhas" do "arquipélago" sócio-literário brasileiro.

No tocante a *Alma sertaneja*, que é de 1923, tem-se, decorrente de sua estréia, a impressão de que, em matéria de estilo, pelo menos no tocante ao seu escrever com base na exploração dos temas e clima regionais, existem as mesmas virtudes de *Terra de sol*. Isso fortalece a assertiva daqueles que consideram excepcionais os que, manejando a pena ao longo do tempo, denotam que, já na primeira obra realizada, hão definido as peculiaridades autênticas do seu escrever. Influído, indisfarçavelmente, pela adentrada leitura de Alencar, mas já adulto intelectualmente, ao tempo em que o romantismo cedia o passo, inelutavelmente, ao realismo-naturalismo, e, com estes, no Ceará, de forma pioneira, a preocupação dos enfoques regionalistas, através de Rodolfo Teófilo, já ao escrever *Terra de sol,* a par de uma certa atmosfera poética, fez Gustavo Barroso sociologia, ao dividir seu estudo em *o meio, os animais, o homem, a arte* e *a lenda,* cada estágio aparentemente diferençado um do outro, mas todos integrados num mesmo contexto de convivências e necessidades, incluídas nestas necessidades as lendas, como elementos de fuga a uma realidade sempre cada vez mais pungente.

E sempre, sempre, a avultar dentre o contexto da natureza cearense, como Anteu autêntico, o Homem, ora bravio e desassombrado, ora solerte por necessidade de sobrevivência: aqui, fatalista e conformado; ali, rancoroso por via do amor-próprio ferido; mais além, de alma chã, simples e boa, descantando descantes, pelas noites de estrelas e luar, ou na retaguarda das boiadas, ralentando a voz no aboio característico. Tudo isso está, explícito ou imanente, nessas estórias a que ele chama de "contos trágicos e sentimentais do sertão".

São nada menos de quinze estórias, ou episódios, muitos destes aludindo a locais que, ainda hoje, se conhecem, a fatos que têm toda a aparência de verídicos, se bem examinados, mas que, na primeira leitura, são assimilados pelo leitor como de pura invenção, nisso residindo, ao nosso ver, a arte maior do fértil escritor.

Em algumas das referidas estórias, mostra-se o sertanejo como que endurecido em experiências centenárias, talvez heranças avoengas de silvícolas, transformadas em abusões ou crenças nos maus fados ou *destinos.* Está nesse caso a narrativa intitulada "Cobra é o Diabo", de intenso sabor dramático. Nele o autor se faz personagem, como observador dos gestos e manifestações fatalistas de um caboclo estradeiro, profundo conhecedor de determinada região que considera "cama de cobras", como dizem nos sertões. Em determinado momento das andanças de ambos, o guia Luiz Fusco descobre o perigo, conforme se vê do trecho que aqui vai transcrito:

... Quase noite, calma completa e a fumaça subindo no ar, linheira como uma diáfana coluna branca. Mas um silvo vibrou sinistramente, adiante, no caminho. O sertanejo parou de súbito, narinas dilatadas, olhos vivos percorrendo o chão. Apontou-nos uma mancha mais escura que o barro do solo e que parecia mexer, a uns oito metros de distância. Mal a distingui.

— Cobra é o diabo! disse ele.

Levou a lazarina ao rosto e deixou-a cair na sua melhor posição de pontaria. O tiro partiu. A mancha escura distendeu-se e logo se imobilizou. Fomos ver o que era e levantei com o cano duplo da minha Flaubert uma cascavel de mais ou menos sete palmos e catorze anéis no chocalho, que estava de tocaia na vereda. O cafuz tomou-lhe a cauda nas mãos, contou esses anéis e exclamou, mostrando num grande riso os dentes brancos como marfim:

— Cada anel é um ano de idade. Catorze anos esta diaba!

A narração é incisiva, feita em corte, evitando os pormenores, que a noite no sertão de antanho era noite mesmo, e não permite detalhes. Em rápidos traços, mais pela ação que por outro qualquer recurso narrativo, o escritor pintou um dos tipos mais peculiares do Ceará, o do cafuso, originado do cruzamento ancestral do índio com o negro, muito próprio de certas regiões em que a lavoura andou parelha com o criatório, como no caso da zona norte, pelas faldas da cordilheira da Ibiapaba.

Para quem for perlustrar, certo interessadamente, as páginas reeditadas de *Alma sertaneja* não haverá necessidade de melhor amostragem que a de poucas linhas atrás, mas cumpre, nesta oportunidade, que mostremos, em traços rápidos, provas da preocupação de Gustavo Barroso em dar, em certos passos dessa coletânea de contos, ou racontos, certo *tonus* épico referente a heróis e fatos do meio sertanejo em que a vida de todo dia, àquele tempo mais que hoje, nos altos sertões, era pautada pela heroicidade muitas vezes pouco ou nada conhecida.

Está nesse caso o conto intitulado "Marialva sertanejo", o segundo, por sinal, na ordem de disposição das quinze estórias compendiadas.

Trata-se da estória do touro chamado Azulão, que era o rei dos demais amontados[7] pelo coronel Paulo, no alto sertão, para periódicos torneios de valentia e destreza entre seus vaqueiros. Leiamos o que narra o escritor:

... O animal ficava selvagem e ele (*o coronel*) tentava a vaqueirama das ribeiras próximas a dar-lhe caça. O vaqueiro que lhe trazia a 'bassoura' do barbatão morto a tiros ou o próprio pegado a laço, derrubado a 'mussica' recebia

---

[7] *Amontadas* são locais reservados, no sertão, pelos grandes donos de terras de criar, para a solta periódica dos gados novos, sobretudo barbatões, destinados à reprodução. Dão o verbo *amontar*, para significar soltar bois na reserva. No Ceará já houve uma localidade sertaneja denominada São Bento da Amontada e cuja atual denominação é somente Amontada, entre os municípios de Itapipoca e Morrinhos.

cinco patacões de velha prata portuguesa *e divertia-se em grande festa na fazenda, durante a qual os melhores cantadores o louvavam ao pé da viola.* [grifos nossos].

Verifica-se na narrativa despretensiosa o sentido épico da pega do barbatão, vinculado o feito do vaqueiro vencedor à perenização do nome, como herói, através da cantoria, que bem poderia, ao longo do tempo, ser transformada em A.B.C., um desses longos cantos épicos, alguns dos quais foram fielmente compilados e melhor comentados pelo escritor de *Ao som da viola.*

É interessante, no caso, a escolha do título da estória — "Marialva sertanejo".

Quem conhece a literatura portuguesa, melhor dizendo, a da chamada ficção histórica lusitana, há de ter lido, ou no livro *Histórias e lendas,* de Rebelo da Silva, ou em antologias didáticas, o capítulo 10, intitulado "Última corrida de touros em Salvaterra", em que a figura heróica do velho marquês de Marialva aparece na praça de touros, para vingar a morte do cavaleiro dos Arcos, seu filho, enfrentando e matando, a pé e a peito descoberto, com um golpe de espada no toutiço, o novilho bravo que havia, minutos antes, abatido o mais guapo mancebo da nobreza lusa, ao tempo de D. José I e do Marquês de Pombal...

Pois bem: no conto de Gustavo Barroso, chega o momento dramático em que um caboclo jovem achincalha o coronel, em resposta a seu desafio para que enfrente o touro, que resolvera abandonar a amontada onde andava, havia muito tempo, e voltara ao curral. Vamos ao texto, com a palavra ofensiva do coronel:

— Vocês são uns maricas! Súcia de medrosos!

Foi como uma chicotada que os vergastasse a todos, nas faces! Aqueles homens rudes, de rostos abaçanados sob os grossos chapéus de couro, não se atiraram ao insultador *detidos pelo respeito feudal* ao ancião, senhor da terra e do gado. Porém um, mais jovem e audaz, replicou:

— Se vosmicê não entra, coronel, é tão medroso como nós.

O velho caminhava já para casa, em cuja alpendrada a mulher e a filha o esperavam para jantar. Deteve-se e fulminou o rapaz com um olhar formidável, arrancou do cinto do homem que lhe ficava mais próximo a comprida faca de arrasto e disse, serenamente, ao seu vaqueiro:

— Jerome, abra a porteira!

Fez-se grande silêncio. Ao fundo do curral, o touro negro arfava. E diante dos vaqueiros, respeitosamente descobertos, aquele homem de setenta anos de idade, de longas barbas brancas, penetrou sem medo no recinto temível!

A mulher e a filha deitaram a correr, gritando, da casa para os currais; mas, quando ali chegaram, já ele estava no meio do cercado, de faca nua na mão, olhando corajosamente o touro. Ninguém se atrevia a dar uma palavra. Pareciam suspensas as respirações e os arrulos distantes das juritis escoavam como gemidos fúnebres.

O Azulão distendeu a poderosa musculatura num salto felino sobre o fazendeiro, que evitou o bote, pulando de lado e golpeando-lhe com a faca o pescoço de aço. Num repelão, o monstro voltou à carga. Já o velho se encostava à

cerca, defendendo as costas. Veio sobre ele numa investida delirante, não lhe dando tempo a esquivar-se. Houve um arrepio; depois, um grito de horror da assistência inteira.

O animal cravara as pontas finas no ventre do ancião, comprimindo-o de encontro aos mourões. Viu-se-lhe o braço nervudo erguer e abaixar a lâmina espelhante. Então, ficaram imóveis o homem e o touro.

Todos precipitaram-se no cercado e, quando se aproximaram do grupo petrificado, viram que o coronel estava morto, trespassado pelos chifres, cujas pontas fundamente se cravaram nos madeiros. Por isso, mantinha-se de pé o imenso corpo do Azulão; mas as pernas traseiras pouco a pouco cediam até que a vasta mole de carne e músculos abateu de vez. A facada do fazendeiro fora certeira e mortal: penetrara em cheio no cabelouro!

Assim, fortes, no contexto como no estilo, são os contos de Gustavo Barroso, em *Alma sertaneja,* reflexos, como os de *Praias e várzeas,* de muito amor e muita vivência cearenses, na personalidade e obra do autor de tanta coisa saborosa e fundamental na evolução da literatura brasileira.

GUSTAVO BARROSO EPISTOLÓGRAFO

Gustavo Barroso foi um grande epistológrafo, e sua correspondência, ativa como passiva, haveria de dar vários volumes e margem para que se documentassem diversos e importantes estágios da vida sócio-político-cultural do Brasil.

Como, no caso, só interessa revelar o Gustavo Barroso na sua permanente preocupação com o Ceará, escolhemos duas das inúmeras e preciosas cartas do autor de *Terra de sol,* uma ao historiador da literatura cearense, Dolor Barreira, a outra dirigida à decana da biblioteconomia no Ceará e hábil pesquisadora Maria da Conceição Souza, a quem o autor da *História da literatura cearense* deveu o exaustivo trabalho de levantamento do vasto e esparso material a ser consultado e ordenado para a efetivação da obra em apreço, interrompida pela morte do autor.

Aí vão as cartas, escritas, aliás, pouco mais de um ano antes de falecer o escritor.

-

Rio, 19 de setembro de 1958

MEU CARO DOLOR BARREIRA:

Hoje é dia de soltar foguetes, pois recebi sua carta amiga! Sim, senhor! tive a força, com a minha doença, de obrigá-lo a romper o silêncio da preguiça. Dou a isso o devido valor e quase abençôo o

ter sido operado, se não tivesse sofrido tanto. Na verdade, foi uma verdadeira catástrofe que se abateu sobre mim: impediu-me aceder a dois convites, um para o Congresso de Madri, outro para o congresso de museus de Copenhague; reteve-me uns meses na casa de saúde, fez-me perder 16 quilos de peso, transformando-me em esqueleto, atrapalhou meus negócios e custou-me quase 300 contos, levando-me economias longamente poupadas. Felizmente sobrenadei e já estou me integrando de novo nas minhas atividades, embora só tenha recuperado 5 dos 16 quilos perdidos e ainda sinta certa fraqueza. Quer me parecer, porém, que fiquei definitivamente curado dos meus enguiços intestinais, pois estou livre de dietas, comendo tudo e com as funções digestivas admiravelmente regularizadas. Foi uma grande experiência, em que vi a *comadre,* como dizem os franceses, de perto, tive de encará-la com a devida coragem e tirei a prova real das amizades. Confortou-me o apoio moral dos meus colegas de Academia e dos meus funcionários.

Ninguém compreende o seu silêncio-preguiça do que eu, pois vivi a meninice e a juventude entre gente que não respondia a cartas. Meu pai era um ás na matéria. Meu padrinho outro. Se reclamo de você, é pelo muito que lhe quero. Gostaria de estar presente à festa na Casa de Juvenal Galeno, mas creio que, neste fim de ano, dificílimo me será sair do Rio. Ninguém melhor do que você, mestre da história literária de nossa querida terra, para orador da comemoração. Estarei presente em espírito, ao seu lado. Como sempre dediquei a maior estima àquela instituição, fiquei admirado de em todo o transe por que passei não ter recebido uma palavra da minha cara amiga Henriqueta. Estará ela doente?

Tenho a sair do prelo, em "O Cruzeiro", o 1º volume dos "Segredos e revelações da História do Brasil" e estou preparando para a editora Aguilar um grande volume sobre minha Obra Regional, contendo *Terra de sol, Heróis e bandidos, Mula sem cabeça, Alma sertaneja, Tição do inferno, O santo do brejo, O sertão e o mundo,* com excertos de *Almas de lama e de aço, Livro dos enforcados, Ao som da viola, Casa de maribondos, Colunas do templo, Coração de menino, Liceu do Ceará, Consulado da China* e *Fábulas do tamanduá.*

É possível que, depois, se sigam outros volumes na mesma coleção de Obras Completas e Obras Seletas, sobre ficção e historiografia. Creio que você já deve ter visto os volumes aparecidos. Os últimos foram do Manuel Bandeira, prosa e poesia.

Bem, já conversei bastante para um convalescente e você já deve estar maçado. Dê um abraço à Conceição e receba outro afetuoso do seu amº

G. Barroso

Rio, 25 de março de 1958

CARÍSSIMA CONCEIÇÃO:

Estou chegando de uma longa e fatigante excursão ao território das Minas e às cataratas do Iguaçu, e encontrando com alegria sua prezada carta, com boas notícias suas e do querido Dolor, mas cheias de más novas sobre o flagelo da seca. Nosso Ceará não tem descanso.

Ultimamente não tenho passado muito bem de saúde. A máquina que completa em dezembro vindouro 70 anos de uso diário está com os parafusos afrouxando. Ouve-se já um grilinho de vez em quando como nos automóveis que caminharam muito tempo por estradas ruins. As de minha vida nem sempre foram suaves. Atacou-me de súbito a doença do Eisenhower (que honra!), rebelde ileíte, inflamação do íleo, da qual, apesar de rigorosa dieta e tratamento adequados, ainda me não livrei de todo.

Respondendo às suas perguntas, digo-lhe que o Trianon onde pronunciei a Oração ao Ceará era um pequeno teatro existente na Avenida Rio Branco, local do edifício em que funciona um cinema, quase esquina da Rua Chile. Nele estrearam Leopoldo Fróis e Procópio Ferreira. Dessa oração parte está reproduzida em *Consulado da China*. Ignoro absolutamente quem se acobertava sob o pseudônimo de Joaquim Moacir.

Em 1898, tinha eu dez anos e vi a primeira seca. Indo com meu pai à tarde ao nosso sítio do Benfica, encontramos os cajueiros pejados de redes sujas de retirantes. Ele pegou-me da mão e, com os olhos rasos de água, me disse: — Meu filho, nunca pensei depois de 1877 ver mais estas cenas! Elas continuam pelo tempo além. Quando terá fim o doloroso martírio de nossa gente? Os governos se sucedem e os paliativos também. O que um Epitácio quer fazer um Bernardes destrói. Duro destino contra o qual temos de erguer o peito no desafio de sempre: desgraça pouca é tiquinho! ou bobagem...

Com as saudades de sempre, dum café, dum bate-papo, do ventinho de carícias femininas — mando-lhe um grande abraço. Transmita-o ao Dolor. E que Deus lhes dê vida e saúde.

Do

GUSTAVO

Os sinceros agradecimentos do organizador desta edição à Professora Maria da Conceição Souza, hábil pesquisadora, a cujos preciosos arquivos epistolares e iconográficos recorreu e que lhe foram franqueados leal e entusiasticamente, como sempre tem ocorrido, em seu auxílio, quando se trata de algo que vise ao engrandecimento e divulgação da literatura do Ceará.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE GUSTAVO BARROSO

Nascido em Fortaleza, Estado do Ceará, a 29 de dezembro de 1888.

Filho de Antônio F. Barroso e Ana Dodt Barroso.

Educado no Liceu do Ceará, Fortaleza, 1906. Cursou a Faculdade de Direito de Fortaleza, 1907/1909; Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, 1910/1911, onde colou grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 3 de dezembro de 1959.

ATIVIDADES CULTURAIS

Redator do *Jornal do Ceará*, 1908/1909.

Redator do *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1913/1919.

Redator do jornal humorístico *O Garoto*, de Fortaleza.

Secretário Geral da Comissão de Defesa da Borracha, Rio de Janeiro, 1913.

Secretário de Estado do Interior e Justiça, no Ceará, 1914.

Deputado Federal pelo Estado do Ceará, 1915/1918.

Secretário da Delegação Brasileira à Conferência da Paz, 1919.

Inspetor Escolar, Rio de Janeiro, 1919/1922.

Secretário Geral da Junta Americana de Jurisconsultos, 1927.

Secretário Geral da Academia Brasileira de Letras, 1928-1931-1949.

Presidente da Academia Brasileira de Letras, 1931-1932-1950.

Diretor da revista *Fon-Fon*, desde 1916.

Diretor e fundador do Museu Histórico Nacional, desde 1922.

Representante do Brasil na Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações).

Representante do Brasil nas comemorações dos centenários de Portugal, 1940.

Representante do Brasil no Congresso Ibero-Americano de Berlim, 1940.

Colaborador de *A Manhã*, desde 1942.

Colaborador da revista *O Cruzeiro*, desde 1948.

Colaborador da revista *Ilustração Brasileira*, desde 1942.

Representante do Brasil à Assembléia Cervantina em Madrid, 1947.

Diretor e professor do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, desde 1932.

Convidado pela Universidade de Coimbra para fazer conferências, em maio de 1950.

Embaixador do Brasil em missão especial nas solenidades de posse do presidente da República Oriental do Uruguai, em fevereiro de 1951.

Delegado do Brasil à X Conferência Interamericana de Caracas, 1954.

Embaixador do Brasil em missão especial nas solenidades de posse do presidente do Peru, 1956.

Membro da Comissão do Ministro das Relações Exteriores, embaixador José Carlos de Macedo Soares, na sua visita ao Chile.

BIBLIOGRAFIA
DE GUSTAVO BARROSO

A. OBRAS DO AUTOR

Terra de sol (costumes do Nordeste). Rio de Janeiro, B. de Aquila, 1912, e mais quatro edições, a mais próxima em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará.

Praias e várzeas. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Lisboa, Aillaud Bertrand, 1915.

Heróis e Bandidos (Os cangaceiros do Nordeste). São Paulo/Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917. 2.ª edição em 1931.

Idéias e Palavras. Rio de Janeiro, 1917.

A ronda dos séculos. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurílio, 1920. 3.ª e 4.ª edições, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936-1937.

Ao som da viola (folclore). Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1921. Nova edição corrigida e aumentada, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.

Casa de maribondos (contos). São Paulo, *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato & Cia., 1921.

Coração da Europa. Rio de Janeiro, A. J. Castilho, 1922.

Mula sem cabeça. São Paulo, Edição Olegário Ribeiro, 1922.

Inteligência das coisas. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1923.

O sertão e o mundo. Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro, 1923.

Alma sertaneja. Rio de Janeiro, Benjamin Costallat & Miccolis, 1923.

O livro dos milagres. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924.

O ramo de oliveira. Rio de Janeiro, Edição do Anuário do Brasil, 1925.

Tição do inferno (romance bárbaro). Rio de Janeiro, B. Costallat & Miccolis, 1926.

Através dos folclores. São Paulo. Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1927.

A guerra do Lopes. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1928. Desta obra foram tiradas mais quatro edições.

A guerra do Flores. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1929. Houve deste livro mais duas edições.

A guerra do Rosas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1929. 2.ª edição em 1939.

Almas de lama e de aço. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.

A guerra de Artigas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930. 2.ª edição em 1939.

A guerra do Vidéu. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930. 2.ª edição em 1939.

Aquém da Atlântida. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1931.

O bracelete de safiras. Rio de Janeiro, Editora Americana, [s/d].

As colunas do templo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932.

Luz e pó. Rio de Janeiro, Renascença, 1932.

A senhora de Pangim (romance). Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1932. Este livro teve mais três edições.

O integralismo em marcha. Rio de Janeiro, Schmidt, 1933. 2.ª edição em 1936.

O que o integralista deve saber. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

Mulheres de Paris. Rio de Janeiro, Marisa Editora, 1933.

O santo do brejo (romance). Rio de Janeiro, Renascença, 1933.
Osório — o centauro dos pampas. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1933. 2.ª edição em 1939.
Tamandaré — o Nelson brasileiro. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1933. Desta obra foram feitas mais 3 edições.
Brasil, colônia de banqueiros. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934. Várias edições, posteriormente.
O integralismo de norte a sul. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.
O quarto império. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.
O quarto império. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1935.
História secreta do Brasil (1.ª parte). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. Nova edição em 1939.
História secreta do Brasil (2.ª parte). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.
História secreta do Brasil (3.ª parte). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938.
Os protocolos dos sábios do Sião (Texto completo e apostilado por Gustavo Barroso), São Paulo, Minerva, 1936. 2.ª e 3.ª edições em 1936-1937.
Reflexões de um bode. Rio de Janeiro, Gráfica Educadora Ltda. [s/d]. 2.ª edição, também s/d.
Comunismo, cristianismo e corporativismo. Rio de Janeiro, Editora ABC, 1938.
O livro dos enforcados. Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa, 1934.
O Brasil na lenda e na cartografia antiga (Série 5.ª — "Brasiliana"). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1941.
Portugal, semente de impérios. Rio de Janeiro, Getúlio Costa [s/d].
Seca e Meca e olivais de Santarém. São Paulo, Presença, 1946.
Quinas e castelos. São Paulo, Editora Panorama, 1948.
Cinza do tempo (contos). Rio de Janeiro, A Noite [s/d].
Coração de menino (memórias). Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa, 1939.
Liceu do Ceará (memórias). Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa, 1940.
O consulado da China (memórias). Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa [s/d].
História do Palácio Itamarati. Rio de Janeiro, IBGE, 1956.
Mississipe (romance). Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1961.
À margem da história do Ceará. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
Nos bastidores da História do Brasil. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1959.
História de nossa pátria (2 vols.). Rio de Janeiro, Editora Brasil América Ltda., 1.º vol. — 1959; 2.º vol. — 1962.
OBSERVAÇÃO: Inúmeros outros títulos constituem a imensa bibliografia de Gustavo Barroso. Alinhamos apenas os das obras que subentendem maior planejamento e que consideramos de maior perenidade.

B. SOBRE O AUTOR

Humberto de Campos. *Crítica* (3.ª série). Rio de Janeiro, M. M. Jackson, 1935.
Gilberto Freyre. *Casa grande & senzala* (12.ª edição brasileira). Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1963.
Luiz da Câmara Cascudo. *Dicionário do folclore brasileiro* (2.ª edição). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962.
Braga Montenegro in Gustavo Barroso. *Terra de sol* (Apresentação da edição do cinqüentenário da obra). Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1964.
Afrânio Coutinho. *A literatura no Brasil* (Vol. I - Tomo 2). Rio de Janeiro, Editorial Sulamericana, 1955.
Basílio de Magalhães. *O folclore no Brasil* (3.ª edição). Rio de Janeiro, Editora O Cruzeiro, 1960.

Antônio Sales. "História da literatura cearense", in *O Ceará*, de Raimundo Girão e Martins Filho (1.ª edição), Fortaleza, 1939.

Dolor Barreira. *História da literatura cearense* (1.º, 2.º, 3.º e 4.º Vols.). Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 1948, 1951, 1954 e 1962.

Mário Linhares. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro, 1948.

Raimundo de Menezes. *Dicionário literário brasileiro* (5 Vols.). São Paulo, Edições Saraiva, 1969.

Otacílio Colares. *Lembrados e esquecidos / II*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1976.

Sânzio de Azevedo. *Literatura cearense*. Fortaleza, publicação da Academia Cearense de Letras, 1976.

Tomé Cabral. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza (Ceará), 1972.

Celso Pedro Luft. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre, Editora Globo, 1973.

José Aurélio Saraiva Câmara. *O tempo e os homens*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

Abelardo F. Montenegro. *O romance cearense*. Fortaleza, 1953.

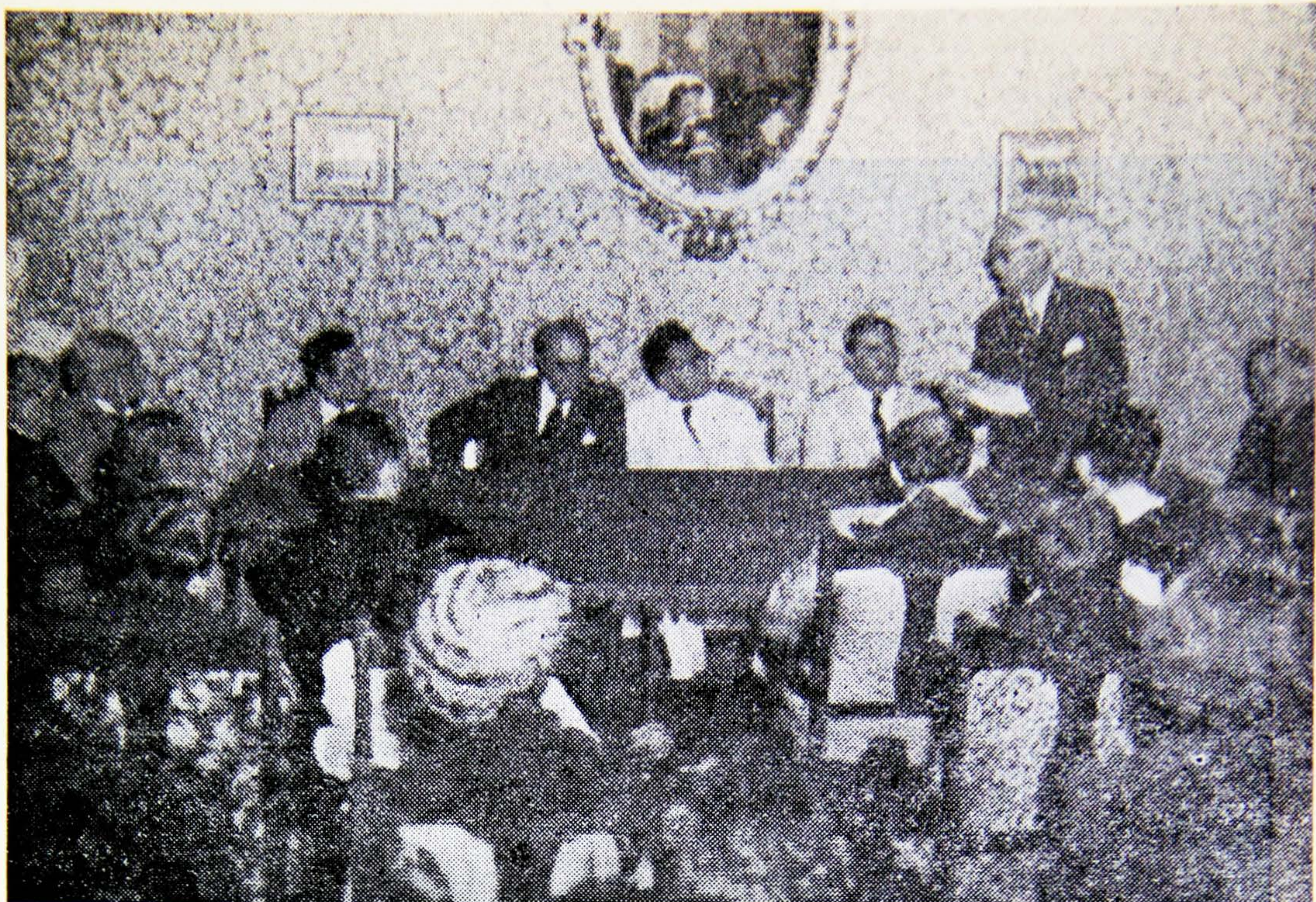
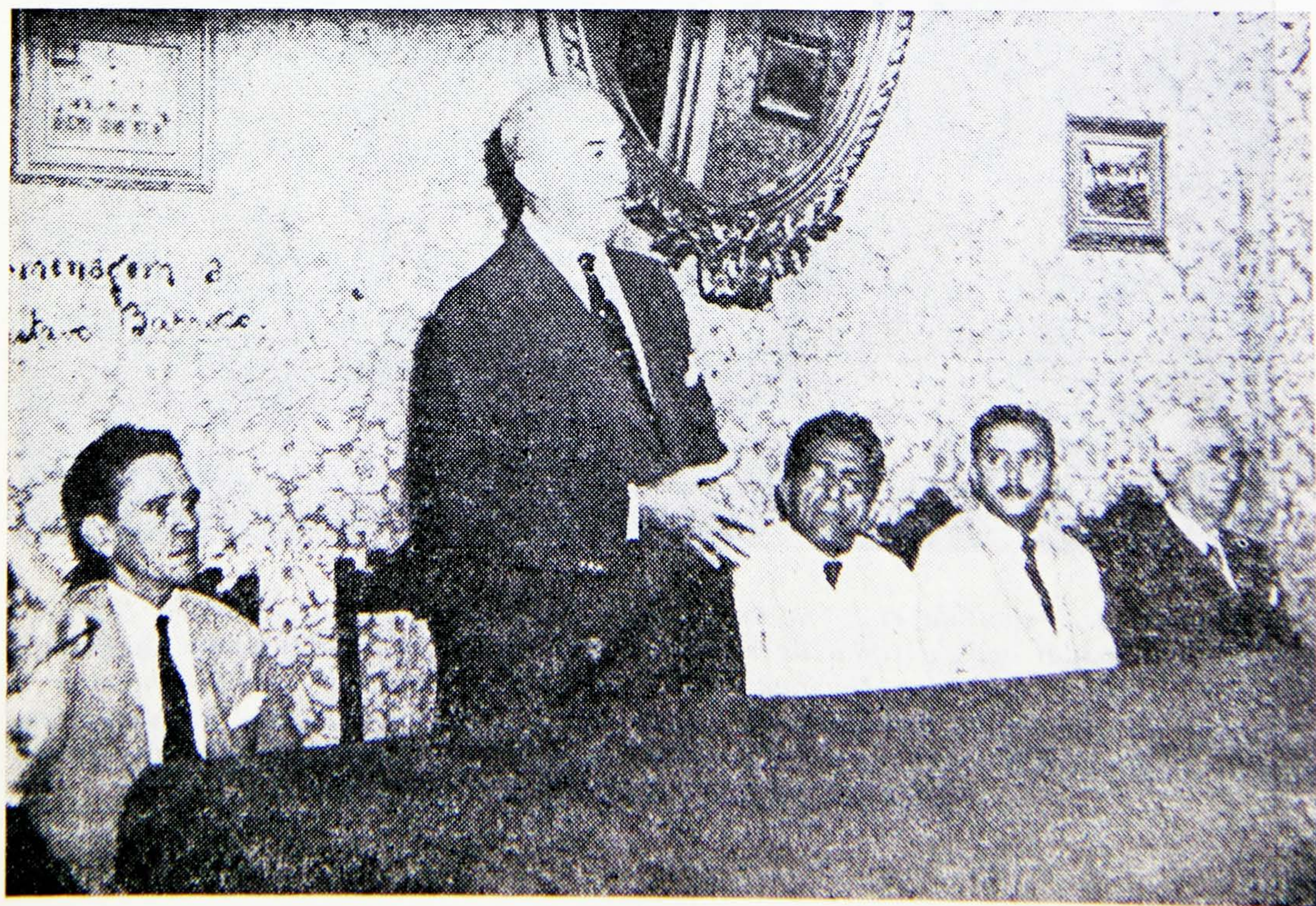
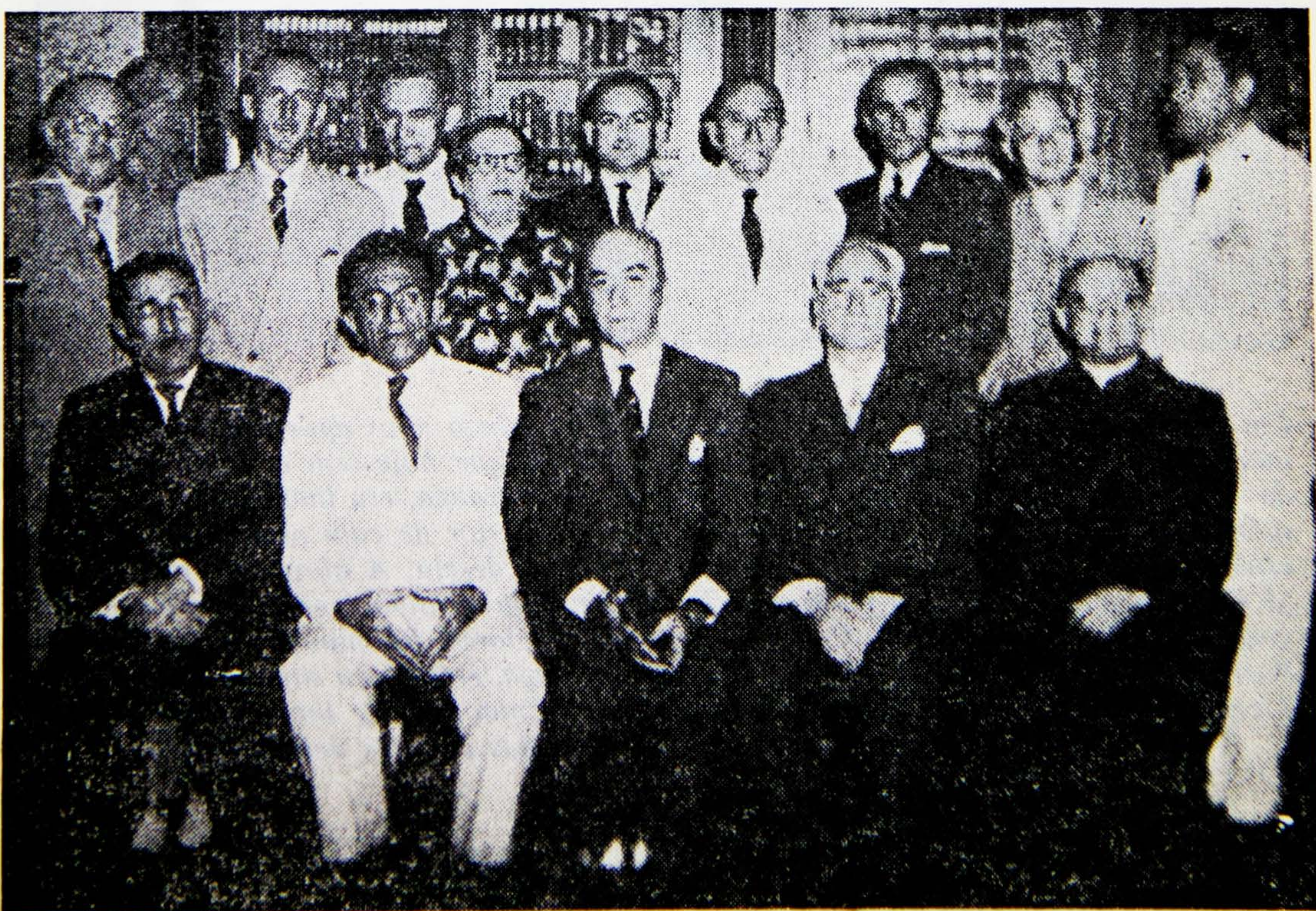
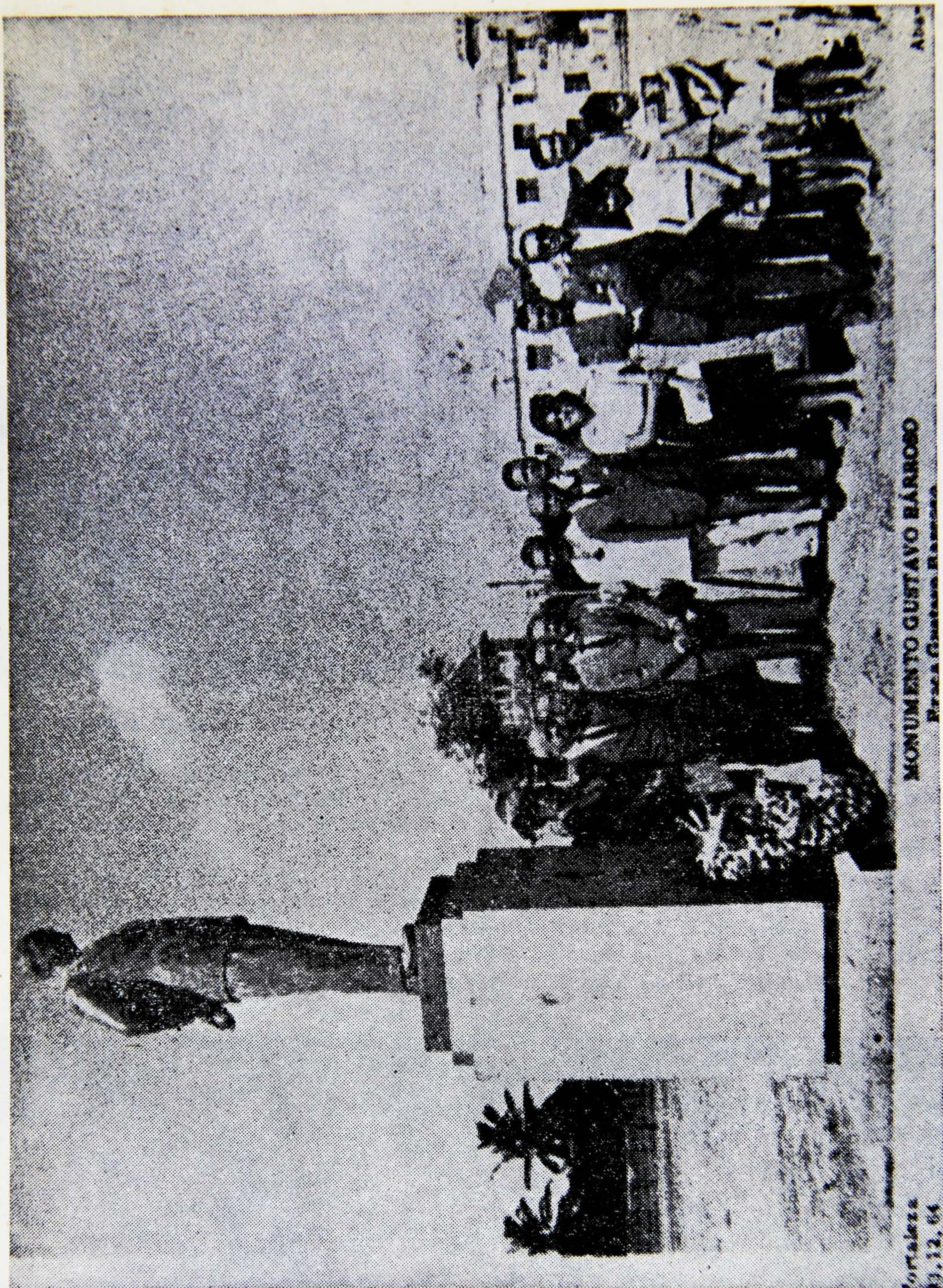
Raimundo Girão. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

Florival Seraine. *Antologia do folclore cearense*. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1968.

Artur Eduardo Benevides. *Evolução da poesia e do romance cearenses*. Fortaleza, 1976.

Alceu Amoroso Lima. *Estudos literários* (Edição organizada por Afrânio Coutinho — 1.º e 2.º Vols.). Rio de Janeiro, Aguilar, 1966.

Terra da luz (antologia). São Paulo, Edições SEC. Publicação da Editora Monumento S.A., 1966.

Esta deve ser admitida como a derradeira fotografia oficial de Gustavo Barroso. Está estampada, após a folha de rosto, na publicação Gustavo Barroso (biobibliografia), *Museu Histórico Nacional, Rio, 1958. Nela o grande escritor enverga o fardão da Academia Brasileira de Letras, da qual foi presidente, e ostenta no peito algumas das inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras que lhe foram conferidas, ao longo da produtiva existência.*

Nos últimos anos precedentes à sua morte, Gustavo Barroso, sempre que podia, procurava matar saudades do Ceará. A foto ao alto da composição é de 1.º de outubro de 1952, na sede da Academia Cearense de Letras, a cujos quadros pertencia, e que o homenageava na palavra do acadêmico e senador Fernandes Távora. Na foto inferior, Gustavo Barroso agradece a homenagem. À sua esquerda, o futuro acadêmico e governador do Ceará, prof. Plácido Aderaldo Castelo, falecido em 17 de junho de 1979, e à sua direita, o professor e historiador literário do Ceará, Dolor Barreira, então presidente da A.C.L. A seguir, o jornalista Vilebaldo Monteiro, representante do Governo, e o já citado senador Távora.

Dono de uma palavra fácil e eloqüente, na foto ao alto, vemos Gustavo Barroso, em sua natural e espontânea postura de conferencista, na Academia Cearense de Letras, a mais antiga, entre as congêneres no país. Repare-se nos semblantes dos circunstantes, presos todos ao fascínio de sua palavra e de suas lembranças. Na foto inferior, Gustavo, ladeado por acadêmicos. Sentados, da esquerda para a direita, os acadêmicos Andrade Furtado e Dolor Barreira, já falecidos, o escritor homenageado, Fernandes Távora, também já falecido, e o acadêmico Padre Misael Gomes. Em pé, e na mesma ordem, os acadêmicos José Waldo Ribeiro Ramos e Sidney Neto, já falecidos, Abelardo F. Montenegro e Martins Filho, a falecida acadêmica Henriqueta Galeno, Manoel Albano Amora, o já falecido escritor Adonias Lima, Hugo Catunda, tendo, a seguir, seus colegas falecidos Júlio Maciel e Gastão Justa.

Em ensolarada manhã de 3 de dezembro de 1964, cinco anos após seu falecimento, num dos ângulos da antiga Praça Fernandes Vieira, que hoje tem o nome do autor de Terra de Sol, *olhando, não longe, o mar de Jacarecanga, era inaugurada, em cerimônia simples, a estátua de Gustavo Barroso, no interior de cuja peanha em granito estão repousando seus ossos, conforme seu expresso desejo. A obra em bronze é do já falecido escultor Leão Veloso. Na foto, que é da ocasião, vemos, dentre outras pessoas, o escritor Eduardo Campos e os historiadores Raimundo Girão e Dolor Barreira. Coincidentemente, ao fundo da imensa praça, está agora situado o centenário Liceu do Ceará, no qual Gustavo estudou, em menino, e que lhe mereceu um volume (o segundo) de suas memórias, revividas em três densos livros.*

PRAIAS E VÁRZEAS

ALMA SERTANEJA

PRAIAS E VÁRZEAS

GUSTAVO BARROSO

(João do Norte)

Praias e Varzeas

Illustrações de ALFREDO DE MORAES

2.º milheiro

Livraria Francisco Alves

RIO DE JANEIRO—S. PAULO—BELLO HORIZONTE

Livrarias Ailland & Bertrand

73, Rua Garrett-Lisboa

1915

Ao meu primo e amigo
CORONEL BENJAMIM LIBERATO BARROSO
e ao meu amigo
DR. RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA

VELAS BRANCAS

A Aderbal de Carvalho

C'était un vieux pilote aux paupières éraillées par le vent, et des flocons blancs descendaient jusqu'à ses hanches, comme si l'écume des tempêtes lui était restée sur la barbe.

G. FLAUBERT: *Salaammbô*

ENTRAVA JÁ no seu septuagésimo quarto ano de vida o Matias Jurema, velho pescador do Meireles. Já não ia mais ao mar na jangada aventureira, para as pescarias abundantes de agosto, nem de dia com o sol sempre a brilhar num céu varrido e lustroso como esmalte, nem de noite com a prata líquida do luar a derramar-se sobre o extenso mistério das águas. Não é que a idade lhe tolhesse as juntas com dores reumáticas ou lhe fraquejasse o pulso cansado das manobras antigas. Outros, mais idosos que ele, ainda sustentavam filhos e netos com o que lhes dava a caçoeira e o anzol. Mas, por mal dos seus pecados, uma catarata cobria-lhe os olhos com um véu glauco, por trás do qual as argutas pupilas de pescador se esforçavam por distinguir o desmaio azul do céu no recuo do horizonte, com velas brancas saudosamente fugindo...

Teimava com a filha e o genro em andar sempre trajado de algodãozinho tinto de murici. Não ia mais para o mar. Não tinha precisão de roupas fortes. Porém queria ainda mostrar a todos, os velhos atributos da profissão que lhe levara a vida inteira. Com mão segura, apesar da falta de vista, remendava com cipós novos os samburás gastos, tecia tarrafas para vender aos pegadores de tainhas do Cocó, examinava as poitas, à procura de falhas que pudessem comprometer a segurança das jangadas dormindo confiantes na ancoragem dos tauaçus.

Ao romper do dia, de bordão em punho, demandava a costa, a sentar-se num mouchão de areia. A claridade fraca do dia nascente espalhava-se sobre as dunas alvas. Começava a lufa-lufa da partida dos jangadeiros para a pescaria. Escutava-a. Vivia pelo ouvido, já que não podia mais deleitar-se com os olhos. Imaginava a paisagem tão sua conhecida em outros tempos e quedava silencioso, o cachimbo esquecido ao canto da boca. Alheava-se em sonhos dos laços que o prendiam à terra. Navegava pela superfície ondulada e indefinida

das saudades, que perpassavam incessantes como as vagas do largo. O mar bramia. Dava ao longe em rochedos com ribombos de canhão. Espraiava-se em cicios pela areia lavada da praia. Rangiam os madeiros das jangadas empurrados nos rolos para as águas. Guinchavam retrancas de encontro aos mastros. E, alta, forte, rude, entrecruzava-se a vozeria dos pescadores. Às vezes riam, outras praguejavam.

— Agüenta a ligeira, cabra frouxo!

— Segura a jangada, diabo!

— Manoel! Manoel, vamos, homem de Deus!

— Traz essa quimanga,[1] Capixaba!

— Ó Chico da Demitilde, zambeta, sarará!

Depois o barulho diminuía gradativamente. Uma a uma as jangadas partiam. Ainda os que ficavam enchiam-lhe os ouvidos de comentários:

— Olha, a Sereia como é boa de bolina!

— Menino, repara a Tubarão como pega vento!

Às vezes franzia os lábios numa comissura escarninha.

Tinha escutado uma manobra mal feita. Outras, quase levantava-se da areia, ansioso, ouvindo as mulheres apavoradas gritarem que uma das embarcações, dando um bordo à onda, ameaçava virar. A seu lado passavam jangadeiros. Davam-lhe bom-dia. Um ou outro detinha-se a dizer-lhe uma palavra, a pedir-lhe lume para o cachimbo ou a contar-lhe uma intriga aldeã. Os meninos corriam-lhe em torno, sujos e alegres, a pedir-lhe a bênção.

Quando na praia paravam as falas e somente o oceano resmoía os seus queixumes, voltava para casa plácido e satisfeito. Virava-se de quando a quando para o mar, como se através do véu que lhe cobria os olhos pudesse avistar, esmaecendo-se, as velas brancas na risca do horizonte.

De tarde tornava novamente à praia, a escutar os ruídos da volta dos jangadeiros. Gritos de prazer das mulheres ao conhecerem de longe as jangadas dos maridos, ou dos pais e dos irmãos:

— Lá vem a Faceira! É ela mesma. Está-se vendo na vela encardida a cruz encarnada do Mané Dantas.

— Raimunda, olha a jangada do teu pai como veleja! Daqui já se vê a sereia azul que o Luiz pintou no canto do pano.

As jangadas encostavam; e eram abraços, risos, brados alegres. Depois a contagem monótona dos peixes, que caíam um a um na areia fina sob o olhar sagaz do cobrador do dízimo. Por vezes ex-

---

[1] Quimanga, no linguajar tradicional do jangadeiro, é o mesmo que coité. Mas no caso, geralmente, é feita de um pedaço de madeira leve, cavada, em forma de pequena canoa, servindo para apanhar água do mar e molhar a vela da embarcação, quando em alto mar.

plodiam disputas. O dizimeiro falava em mandar prender. Os ânimos serenavam. De outras, uma mulher afastava-se em choro. O marido não voltara e nem os companheiros tinham deixado a sua jangada para trás. Não a tinham visto pelo mar. Cachorros ganiam, a lutar por tripas e guelras de peixes esquecidas no chão. Caía a noite. Acendiam-se as luzes do povoado e, apoiado ao braço do genro que voltava da pesca, aspirando com inefável gozo a salsugem do oceano que lhe ficara nas roupas e nos cabelos, o velho Matias regressava à choupana.

Eram aqueles dois passeios diários a sua única consolação neste mundo. Somente o mar o atraía e a terra ele desprezava por sua ingratidão. Ah! ela era miserável e covarde. A sua vingança estava na sua impassibilidade. Não tinha cóleras a sua inércia. O mar, não. Esse, quando tinha raiva, encapelava-se furioso e jogava os grandes navios sobre os rochedos e despedaçava as jangadas no abraço de uma onda. A sua cólera pintava-se na sua face, à luz do sol, à luz da lua e ao negror das trevas. E com ele o jangadeiro afoito aceitava a luta. Era o combate da inteligência contra a força e contra a ligeireza. A terra, essa estendia-se plana, calada e concentrada. Levava anos para dar um fruto, meses para produzir uma fécula. Tinha-se de esburacá-la com pás e enxadas, para se arrancar alguma cousa. Parece que dava esmolas. O seio largo do mar estava aberto a todo o mundo. Era inesgotável. Todos os seus tesouros lá estavam para quem tivesse ânimo de ir buscá-los. Enquanto o seu rosto enrugava-se de cólera formidável, o seu seio mantinha-se fundo e calmo. E como seu coração se dilatava jubiloso ao perder a terra de vista, quando sobre sua cabeça arqueava-se a cúpula iluminada do céu e aos seus pés estendia-se o chamalote movimentado das vagas.

Sobre a terra avara e esmolando as águas do céu, os seus avós tinham vivido curvados a procurar alimento. Dela migraram famintos e esquálidos, numa época terrível de sol e de seca. Vieram procurar a vida e a acharam com facilidade sobre as jangadas, na planície líquida do mar. Ele nascera e se criara naquela vida rude. Um dia sua mulher herdara nos morros do Meireles uma posse de terra. Foi a sua desgraça. O seu filho mais velho nela trabalhou como negro cativo e um dia viu-a passar por uma hipoteca vencida às mãos dos Levis, uns judeus de Fortaleza. De desgosto e acabrunhamento adoeceu e se finou. O segundo filho, sorteado para o serviço da armada, metera-se com outros que se revoltaram e a tropa o espingardeou no galpão da Recebedoria, num dia feio de janeiro.[2]

---

[2] A 3 de janeiro de 1904, sendo Presidente do Ceará o Sr. Dr. Pedro Augusto Borges, a força de polícia estadual, sob o comando do Coronel Francisco Cabral

A mulher tempos depois morreu do coração. Ficara só com a filha casada, e em companhia do genro entregara-se unicamente à vida das pescarias. Era o mais ousado praieiro do Meireles. Arribara um dia ao Paracuru, para o norte; uma feita fora parar em Fernando de Noronha e de outra encalhara a jangada na baía de Touros. Dedicara sua vida somente ao oceano. A terra só lhe trouxera desgraças. Os seus olhos eram vermelhos e tristes das lágrimas que ela o fizera verter e a curvatura do seu dorso vinha ainda dos avós, que a tinham escavado à cata de comida.

Já no último quartel da vida aquela cegueira veio cortar-lhe a vontade imensa de só viver no mar. Era forçoso abandonar o velho companheiro. Já não podia mais vê-lo. Matava saudades ouvindo-o, com os dedos metidos na barba branca, que lhe caía sobre o peito e fazia destacarem-se as rugas de bronze do seu rosto de marujo antigo, em cujos traços ainda se liam vestígios de uma raça heróica que durante séculos devassara os oceanos.

Quando lhe perguntavam se queria ter menos idade, respondia que não, que desejava somente "um caquinho de olho", para enxergar o verde do mar, o azul do céu e o branco das velas pontilhando o horizonte. . .

Passaram-se tempos e num Domingo de Ramos ao repique festivo dos sinos, pretextando incômodos, o velho ficou em casa, enquanto os seus foram ouvir missa à cidade. O povoado estava triste e silencioso. Não havia quase ninguém. Sobre a praia, as velas das jangadas secavam ao sol, estremecendo ao vento.

O velho saiu de casa e dirigiu-se à costa. Às apalpadelas preparou uma caçoeira.[3] Pôs a jangadinha a nado, sentou-se à popa e, governando a escota, rompeu pelo mar em fora sob o oiro inquieto do sol a borboletear nas ondas verdes. E a vela branca da embarcação apagou-se no céu. . .

---

da Silveira, requisitada pelo Capitão-Tenente Luiz Lopes da Cruz, capitão do porto, espingardeou pescadores e catraieiros inermes no galpão da Recebedoria do Estado, sendo os que fugiam do tiroteio, derrubados a golpes de espada pela cavalaria. Esses homens tinham-se declarado em parede por causa duma má aplicação da lei do sorteio para a marinha (*Nota do Autor*).

[3] Denominação hoje quase desusada, sinônima de "paquete", jangada pequeníssima, geralmente governável por um único tripulante.

FINADOS

A Mauricio de Lacerda

Os pescadores contam que, durante a noite, nos ermos do oceano, espantosas visões surgem das águas, e cenas surpreendentes se desenrolam a seus olhos.
JUVENAL GALENO: ***Cenas populares.***

O SOL IRRADIAVA OIRO no verde do mar. Soprava rijo o terral. Curvavam-se, chiando, ramalhando, os coqueiros frondosos, altos, abrindo no espaço claro o plumacho verde e lindo. Na praia branca, rasa, sobre rudes, mal afeiçoados rolos, as jangadas descansavam, velas abertas, secando ao sol. Vistas de longe, de cima das dunas, semelhavam grandes aves marinhas, erradias, poisadas na costa deserta, as brancas asas estendidas à carícia tépida da luz.

Era dia santificado; ninguém ia à pesca.

No fundo prateado das dunas alisadas pelo vento forte, as casas do povoado do Mundaú destacavam-se como pequenas manchas pardas, esparsas na alvura imácula das areias. Entre tufos verdes, junto ao cemitério humilde, erguia-se a fachada branca da igrejinha, sem torres, o frontão simples, encimado pelos braços abertos hospitaleiros da cruz. Ao lado sob um tejadilho trepado ao alto de dois troncos de carnaúba, o sino quedava silencioso, a corda caída, arrastando levemente a ponta na areia, a desenhar os arabescos fantasiados pelos caprichos frívolos do vento. Em torno da igreja, encrespavam-se moitas verdes, revoltas, cerradas, de pinhão bravo, com maribondos a zumbir, enxameando, onde se vinham acoitar, fugindo à ardência do sol, sabiás-côcas, vadias, vindas dos tabuleiros viçosos e das várzeas amenas de além das dunas a brincar pelas praias. E ali, saltitantes de ramo em ramo, inquietas, volúveis, desferiam o canto alegre e doce.

Perto do mar, à sombra de uma latada de palhas de coqueiro, sentados em grossos paus de piúba, descascados a gume de enxó, em retorcidas raízes de timbaúba clara ou em tauaçus de sobressalente, palestravam alguns pescadores, entremeando a conversa vagarosa, indolente, trôpega, arrastada, de largas baforadas do fumo acre dos cachimbos atochados, que se adensava sob o teto e depois,

ao vento, desfazia-se, farandolando e espiralando no ar. Um coçava o queixo, sorria, recordava uma pescaria feliz, abundantíssima, na risca, de onde havia voltado com os companheiros alegremente, vela panda, enfunada ao sopro rijo e brusco de um nordeste vesperal, desembarcando a gritar às mulheres que os samburás vinham atufados, socados a não mais caber de peixes magníficos que reluziam.

Todos os olhos se prendiam no narrador, cúpidos, quase ansiosos. Ninguém dava palavra e ele alargava os braços:

— Quanto cação, meu Deus! E cavalas, e cangulos da risca, e doirados das "trinta e três", e biquaras, bonitos, pargos, garoupas, siobas, meros, mariquitas vermelhas!

A voz lenta emborcava, despejava cestos cheios de peixe... Mas logo outro, imprevistamente, obedecendo sem sentir às tendências de tristeza da raça, atalhava aquela passageira expansão de alegria, como se lhe incomodasse tudo o que não fosse triste, crepuscular, contemplativo.

— Lembravam-se, perguntava gravemente, de um crepúsculo rubro, ensangüentado, tão forte que o mar arroxeara, escurecera num dia de maio? Nessa tarde foram surpreendidos, ele e o Miguelinho, longe da costa, muito longe, talvez na altura de Fortaleza, porque à noite viram bocejar um farol para o sul, que devia ser o de Mucuripe; foram surpreendidos por um bando de tubarões famintos. Um horror! A jangada era pequena, nem era jangada mesmo, era um "paquete". Tinham sido obrigados a dar o peixe todo, atirando-o à fome terrível dos salteadores do mar. A cada balanço forte caíam no convés, arriscando-se a serem fisgados. Para escapar, treparam de cócoras ao banco da vela, agarrando-se ao mastro. O mar era cavado, mar de vagas grossas. E a cada onda que lambia o estrado da embarcação os tubarões passavam, rabanando. Às vezes, fugia a água e o esqualo debatia-se um momento, ferozmente, sobre os madeiros. Era uma desgraça se a jangada virasse! Felizmente não virou. O Miguelinho lembrara-se da padroeira do Mucuripe. Prometeram velas e terços a Nossa Senhora da Saúde.[4] Ao quebrar das barras o mar abrandou e os tubarões foram embora.

O pescador não fazia um gesto, contava calmamente aquela noite de horrores. Todos deixavam pender a cabeça à evocação dos perigos de sua vida rude. Limpou uma lágrima ao canto dos olhos:

— Pobre Miguelinho, filho único da Tia Chica Caiçara e meu velho companheiro de pescarias afoitas! Morreu, vocês devem-se lembrar, noite de S. João, já lá se vão quatro anos, dum "ar do

---

[4] Ainda hoje, Nossa Senhora da Saúde é honrada pela vasta população de Mucuripe, integrado ao complexo da chamada Grande Fortaleza.

vento"[5] que o pegou bebendo aluá frio depois de dançar muito e de atravessar a fogueira três vezes.

Assim iam os jangadeiros conversando, graves, dormentes como índios discutindo uma declaração de guerra, preferindo por uma tara etnográfica, uma predisposição atávica, a narração triste dos naufrágios, das arribadas, das fomes em alto mar, à alegre história de uma pescaria de bijupirás, em que tornassem as jangadas ao porto, roçando velozes o cabeço espumante das vagas, com galhardetes vermelhos tremulando no ar acinzentado da tarde. . .

Numa volta da costa, mais adiante, onde as ondas remansavam de encontro a um espigão de areia orlado de arrecifes, depois de o lavarem por cima, banhavam-se meninos em gritaria, a jogar cambapé e brincar galinha-cheia.

— Galinha-cheia!

— Cheia!

Era um alto, esguio, avermelhado ao sol, com penugens de oiro pelo corpo em fora, que berrava, uma pedra na mão:

— Galinha-cheia!

E o coro, dez ou doze, um muito alvo, quase todos cor de cobre sujo, um muito preto, retinto, respondia:

— Cheia!

A pedra era atirada nágua, bem longe. Todos mergulhavam; iam buscá-la ao fundo de areia limpa. E o que voltava com ela na mão tornava triunfalmente:

— Galinha-cheia!

Quase à orla do mar, junto a um bote adernado, uns velhos teciam tarrafas, sentados; outros desenrolavam poitas de escotas e de tauaçus, "corregendo" as falhas. Eram trabalhos leves, para divertir.

Piavam areais a fora maçaricos velozes, de canelas finíssimas. Longe voejavam gaivotas. E o mar vinha, espreguiçando-se, soluçar na praia o ritmo triste e pausado duma canção de pescadores. . .

Dirigia-se à fila de jangadas em descanso, tapinambaba, bicheira e quimanga às costas, cabaça a tiracolo, vestido de algodão grosso, que a tinta do murici fizera cor de couro, jovem e forte jangadeiro. Ao passar pela latada saudou os que palestravam:

— Bom dia!

— Bom dia, Lucas, responderam e ficaram a cochichar, espantados que levasse às costas os trens de pescaria. Era dia santo. Onde ia assim? Levantaram-se curiosos e seguiram-no dispersos à distância.

---

[5] Entre as chamadas *abusões* das populações simplórias do Nordeste havia a de que apanhar o ar frio após banho quente ou com o corpo agitado redundava sempre em congestão, ou paralisação de movimentos, quando não embotamento cerebral e morte.

O Lucas passou pelos velhos:

— Bom dia!

Um ergueu-se. Chamou-o. Aproximou-se. O velho bateu o cachimbo na carena do bote e perguntou com vagar, paternalmente:

— Onde vais, Lucas?

— Onde vou? Vou pescar!

O tom de voz era de quem estranhava que se admirassem de seu proceder, e de quem, selvagem e rude, não gostava de conselhos.

— Pescar hoje! dia santo! dia de finados! exclamou o velho, esbugalhando os olhos ante aquela ação, que no seu sincero fanatismo religioso achava ser uma monstruosidade, um pecado mortal, um verdadeiro atentado contra as leis divinas que regulam o trabalho do homem. E os outros velhos, deixando as poitas e tarrafas, levantando-se, e os que vinham da latada, já em círculo, cheios de espanto:

— Pescar hoje! dia de finados!

Alguns benzeram-se, resmungando. O velho acrescentou:

— Não vás, Lucas: pode te acontecer uma! Domingos e dias santos ninguém trabalha, mormente no mar. Quando a gente já está na pescaria e não tem vento para voltar, não faz mal. Não se tem outro jeito. Nosso Senhor já sabe por que é. Mas ir de propósito! Não faça isto, meu filho! — Relembrou castigos sofridos por pescadores em casos semelhantes, no Mundaú, no Pecém, na barra do Curu e do Timonha. Calou-se um segundo e depois prosseguiu:

— Há gente que não acredita nessas cousas. É mau! Eu de primeiro pensava que quem matasse um gato nada sofresse. Matei um, uma feita, o gato mourisco do Zé Bento, que me roubava o peixe salgado do girau. Matei de tiro! Atrasei sete anos. Nesse tempo, todo o santo dia apanhava mar e vento, não pescava que prestasse. Andava sempre com a jangada em conserto, perdia a quimanga, furava-se o barril de água, as poitas novas partiam-se nos caçadores e o tauaçu ia ao fundo... Essas coisas são verdadeiras. Se não fossem, os mais velhos não contavam. Quem vai pescar dia de finados sujeita-se a não voltar e morrer de assombração no mar, noite escura, vendo o cruzeiro do céu virar-se em duas canelas de defunto; ou a voltar como há muito tempo o João Cangulo, que, ao chegar perto de terra, meteu as mãos no samburá para contar os peixes e só tirou osso de defunto! Ficou maluco até a morte...

O Lucas mordia e remordia os beiços, cabeça baixa, calado. Sentia-se alvo de todos os olhares, pesava-lhe a curiosidade de toda aquela gente. Por isso mesmo teve vergonha de recuar. Achariam que tinha feito bem, mas nas vendas, entre dois copos de cachaça, à boca pequena, iriam dizer que era covarde. Bem lhes conhecia a

malevolência inata. Dissera que ia pescar, ia mesmo, desse no que desse! Não respondeu, limitou-se a encolher os ombros com desprezo. Depois passou um olhar triste e desdenhoso em torno. Partiu. O círculo de pescadores mais se estreitou, zumbindo comentários:

— Dia das almas, dia tão grande! É maluco, maluco! Ora, já se viu que coragem de homem! Com o mar ninguém brinca!

— Com o mar ninguém brinca! — rosnaram todos, soturnos e entrados do pavor do velho oceano feroz, impenetrável, ao qual disputavam a vida desde o berço.

O Lucas marchava para a praia. Ia resmungando, com raiva. Que tinham os outros que se meter com sua vida? Comia porventura à custa deles? Cria lá em abusões? Tinha vontade e precisão de ir pescar, ia. O dia estava lindo, céu azul, mar verde. Que lhe importavam crendices? Acreditavam os outros, ele não.

— Ele não?

O fundo supersticioso da raça acordava. Quem sabe se não era verdade, verdade como a história do gato e o assombramento dos ossos de defunto? Sempre ouvira dizer que os velhos não mentiam. Mas o fatalismo e a vergonha de recuar venciam tudo. Ia, o que tivesse de acontecer aconteceria. Não havia esquivança que servisse. Era um horror também ficar no povoado. Após a missa, tinha que ir para casa, onde não havia uma carícia de mulher. Não tinha mãe, nem possuía esposa. Em casa, só, deitava-se na rede, a preguiçar, olhando as jangadas pousadas na praia. Não estava para isso. Se fosse domingo, vá lá. O Raimundo Nonato fazia um joguinho de três-sete ou víspora, na venda. Mas dia de finados, todo o mundo se recolhia, nem fumo tinha onde ir comprar. Uma maçada!

Chegou à praia, preparou o "paquete", abriu a vela triangular, empurrou-o sobre os dois rolos até as espumas; fê-lo boiar; depois voltou e trouxe os rolos para fora do alcance da maré cheia. Foi empurrando a jangadinha de encontro às vagas. A uma certa distância da costa, quando a água lhe passava da cintura, saltou nela, sentou-se no banco do governo, empunhou o leme largo, metendo-o no macho, retesou a escota, enrolando-a nos espeques, pôs a cuia de atirar água na vela ao alcance da mão. Fez-se ao largo.

O velho disse alto entre os pescadores:

— Até parece herege ou nova-seita, credo!

E no espigão dos arrecifes os meninos que já enfiavam as roupas fora do banho, ainda semi-nus, úmidos, reluzindo ao sol, erguendo-se nas pontas dos pés, mãos em concha na boca, só por vê-lo partir, sem saberem de nada, bradaram:

— Maluco! Maluco!

O Lucas ouviu. Teve um gesto brusco, de enfado. Sacudiu água na vela, com força, raivoso, para que o pano molhado, encorpando-

se, pegasse mais vento. Puxou-a ligeira, prendeu-a à forquilha, arqueando o mastro, de maneira a inchar mais o seio branco da vela. A jangada voava. E a cada sopro mais rijo do terral a escota forte, retesada, fazia a retranca gemer longamente no atrito forte da boca de lobo. Na frente espadanavam espumas. . .

O sino da igrejinha badalou uma chamada triste de missa. Os jangadeiros foram deixando a praia, pausadamente, caminho do povoado. De quando a quando um se voltava. Na serenidade longínqua do azul a vela se apagava aos poucos: e por sobre todo o mar o oiro do sol faiscava. . .

Passou o dia. Veio o crepúsculo. Chegou a noite. A jangada não voltou. Debalde, durante a tarde toda os pescadores, deitados pela areia, haviam interrogado o horizonte impassível. Ao escurecer recolheram-se tristes. Amontoavam-se nuvens pesadas ao norte. Num cúmulus branco, faiscante, laivado de oiro, fimbrado do rubro, havia como que trepidações, brilhos rápidos, clarões fugazes, elétricos. Ia desencadear-se uma tormenta.

Noite já, ela caiu com um nordeste feroz, convulsionando o oceano. Relâmpagos, trovões, raios, ziguezagueando na escuridão, frondes de coqueiros gemendo, telhados de casas arrancados, gritos de homens, longos, vastos, sinistros rugidos do velho mar!

No dia seguinte pela manhã o céu era puro e límpido, muito azul e muito alto. Jangadas caídas de lado, fora dos rolos, colmados de choças que os pescadores repunham, areias recavadas, eram os únicos restos da fúria da tempestade.

Longe da pôvoa,[6] numa volta brusca da costa, coberta de arrecifes pequenos, dispersos, os jangadeiros encontraram restos de uma jangada e no meio deles, espetado em pontas finas de rochas lodentas, o cadáver do Lucas.

Trouxeram-no ao povoado. O vigário não consentiu que o enterrassem no "sagrado". Sepultaram-no ao pé das dunas, em frente ao mar que o assassinara, disse o cura, por castigá-lo da heresia. . .

E desde então, quando o luar prateia a praia branca do Mundaú, um vulto de homem surge das dunas, marcha para a costa e, trepado em um rochedo, fita o mar, longamente, gemendo.

Quem passar pela praia de viagem, em passeio, de anzol em punho para pescar bagres nas pedras, ou de tarrafa para pescar carapicus no espreguiçar das vagas, não pare nem olhe para trás — reze um padre-nosso e uma ave-maria por aquela pobre alma penada.

---

[6] G.B., evidentemente, no caso desta palavra, fez cortesia ao falar luso. . .

NAUFRÁGIO

A D. Gabi Coelho Neto

Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas.

CASTRO ALVES: "O navio negreiro"

NAVEGAVA o iate *São Rafael,* todo o velame aberto, à vista de terra.

O céu estava de um cinzento carregado e triste; era baixo, tão baixo que abafava e que oprimia. O mar tinha uma calma aparente, zebrado de escuro, com ondulações grossas, pesadas, vagarosas e sem espumas. O tempo era indeciso: não havia prenúncios certos de tormenta; antes era de temer-se um aguaceiro; mas o aspecto dos elementos não infundia a menor segurança. O vento parava, dormitava instantes; depois caía em rajadas súbitas, de nordeste, rasteiras e velozes como grandes golpes de foice, eflorando a vaga triste e preguiçosa, açoitando o rosto da maruja com a impertinência úmida de sua frialdade.

O vulto da terra, no horizonte, que devia ser muito branca, de areia solta, de morros, esbatia-se, esfumava-se. Grandes nuvens baixas, de contornos esfrangalhados, os bordos a se diluírem, arrastavam-se como lesmas, superpondo-se umas às outras, com espaços vazios, profundos, entre elas, por onde se entrevia um pouco de claridade mortiça, cirial e transparente.

Cada vez mais o cinzento do céu escurecia. E uma neblina tênue começou a cair, fina que mal riscava a sombra negra do iate.

Eram quatro horas da tarde. Parecia, no entanto, que vinha perto a noite.

Não se avistava um navio; não passava, piando, uma gaivota; não pairava na esteira do barco, em arremetidas súbitas para a água piscosa um só mergulhão. Na imensidade daquele cenário o *São Rafael* era o único vulto.

Quando vinha uma das lufadas imprevistas, o iate inclinava-se, metia a borda n'água, entre cachões de espuma da vaga ferida, que iam morrer, pulverizando-se, nas tábuas lisas do convés; o traquete rangia, a bujarrona inchava num grande seio branco, todo o apare-

lho dava um gemido surdo e longo de cordame retesado: e o barco veleiro voava sobre o mar...

A inconstância do vento modificava de instante em instante a rota do iate. Em cada bordejo a alma dos tripulantes se enchia de esperança ou esmorecia em desespero. Era, às vezes, com o vento de feição, a terra que se aproximava mais e mais, os vultos dos coqueirais já se delineando por entre a neblina, na imácula brancura das areias. Depois, vinha uma rajada. O barco virava de bordo novamente e aquele cenário ia-se distanciando, apagando, enquanto o navio ganhava o alto mar...

Os quatro homens da tripulação andavam na faina rude, ansiosos por chegar e para rever os lares desejados; andavam mudos, encharcados da chuva, pingando água das vestes grossas, tintas de murici. E o mestre, o Chico Biquara, rapaz de vinte e cinco anos, de pé, mãos calosas na cana lisa do leme, retificava o rumo, mandava a manobra. De momento a momento as mãos se afrouxavam e o seu espírito alheava-se do navio; perdia-se num grande afastamento, olhos fitos na terra apetecida, como que procurando adivinhar-lhe no contorno distante, indecifrável, apagado, o perfil das dunas conhecidas, a aldeola de pescadores aninhada no sopé dos morros, entre coqueiros e moitas de pinhão, os mastros curvos das jangadas alinhadas na praia rasa e branca, a torre festiva da igrejinha, as pesadas barcaças do Aracati dormindo presas às âncoras, os botes balouçando-se ao ondular fraco das águas do porto; por cima de tudo muito sol, céu azul, límpido, grandes ofuscações da luz sobre a alvura das praias; tudo o que seus olhos, desde a meninice, se haviam acostumado a ver; tudo que sempre sua alma via nos devaneios doces da saudade. E, além daquelas cousas da terra, a sua noiva, a suave e ingênua Maria de Lourdes, morena, de lábios muito vermelhos, filha do Antônio Caiçara, o armador do *São Rafael*. O seu casamento estava *tratado* para agora, no repousar daquela viagem. Nela ganhara bastante dinheiro e trazia do Aracati, para a noiva, um baú de cedro cheiroso, atupido[7] de rendas das mais finas que ali encontrara. A gente do Pecém havia de invejar a sua felicidade.

Mais se perdia o seu espírito em divagações a essa idéia. Havia de ser uma bela festa o seu casamento: o padre paramentado entre luzes, diante do altar; a noiva toda de branco, velando os olhos castos à sombra dos cílios longos e negros; ele de jaqueta maruja,

---

[7] A forma é eminentemente lusa; empregou-a Fernão Lopes, segundo Frei Domingos Vieira, no seu *Tesouro da língua portuguesa*. Pode ser que, ao tempo das observações de Gustavo Barroso, os jangadeiros cearenses usassem, em lugar de ou concomitantemente ao usual *entupido*.

azul, largas calças brancas, a desabrochar em sorrisos; os padrinhos compungidos e sérios; muita gente acompanhando, repiques de sinos no ar diáfano da manhã, aclamações no adro, vivas, gritos altos de prazer e festa, foguetes; depois, as danças, tocadores de harmônica e viola, as cantigas. Baixava a cabeça e à carícia suave das recordações que o envolviam, sorria, cantarolava entre dentes:

Minha jangada de vela
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar.

Ai, amor, por ti eu parto!
Por ti, amor, voltarei!...
Quanto amor levo pros mares,
Nas praias quanto deixei!

Numa quadra estava toda a psicologia dos marinheiros audazes e bruscos daquelas praias escampas: o desejo de romper o mar na luta pela vida, dia claro; a vontade imensa de regressar depois do trabalho ao descanso do lar com o escuro da noite. Ia na outra toda a alma afetiva dos praieiros. Então o mestre fantasiava uma felicíssima existência de casado, com filhos carinhosos e esposa dedicada, no inculto e rude bucolismo da sua alma de marinheiro, criada diante do mar e do céu, acostumada a encarar as imensidades, de pé, olhos abertos, firmes, quer à luz encantadora das manhãs translúcidas, quer aos bafejos de morte das tardes de borrasca.

Mas, de repente, a rajada atirava-lhe ao rosto uma bofetada fria, feita dos filós da neblina e dos respingos da vaga: e ele, voltando à realidade, bradava, metendo o leme a bombordo:

— Larga as escotas da proa! Amura sobre a bolina!

E o iate virava de bordo no espumejar da vaga.

O vento foi rondando no quadrante de nordeste. Soprou depois do norte. O *São Rafael* pôs-se a capa. O vento mudou ainda: veio de sueste e então insistente, forte, terrível, a crescer, a crescer numa espantosa velocidade. O iate não podia mais alcançar a terra. Voou, afastando-se da costa entrevista numa fagueira esperança, corrido pela rajada. O mar picava-se. Vinham borbulhas soluçar na superfície. Ia-se fazendo escuro. Não se avistava uma jangada, um farol, uma rocha. A costa apagara-se de todo. Agora era só céu, céu e mar que rugia de encontro a cachopos, distantes e ocultos traiçoeiramente sob o manto revolto do oceano.

— Arria as curingas! gritou o mestre.

O iate que já mergulhava o beque na onda, cortou-a com a roda de proa, duramente, ao impulso das velas grandes, aos saltos, pinoteando. Outra rajada apanhou-o pelo través, pela alheta. Inclinou-se com um suspiro cavo e um soluçar de brandais esticados. Vagas

escorregaram-lhe aos lados, correram; chofraram-se com outras e vieram presto inundar o convés. De novo estrugiu a voz do mestre:

— Agüenta a retranca! Riça o traquete!

A maruja correu, tropeando, pelo convés.

Nova rajada mais forte, mais brutal. O *São Rafael* embarcou uma vaga. A neblina tornava-se chuva forte, o vento recrudescia, cada vez golpeava o mar mais desabridamente. O iate jogou um instante na crista de uma vaga enorme, depois voou por sobre os degraus moles das ondas, às vezes com a quilha quase toda de fora. Correu assim muito tempo. O mestre agüentava a cana do leme, puxava-a, retesando a musculatura de aço, fincando os pés nas junturas do convés, ofegante. O navio, atônito, não obedecia ao leme. E a tempestade aumentava.

Subitamente, num berro de louco, o proeiro, deitado sobre o gurupés, seguro aos patarrases, largou-os num salto para o convés:

— As pedras! As pedras, Maria Santíssima!

Os homens correram em desatino, febris, a toa, pelo navio. Dois lançaram-se à bateira pendurada aos cachorros da popa, cortando os cabos de linho com as facas afiadas. O Chico num grande esforço calmo e resoluto meteu o leme todo de ló, e as veias fortes do pescoço taurino, intumescidas ao esforço, pareciam cordas, surriolas grossas. Era tarde. Gemeram pesadamente os madeiros. Houve uma grande pancada. Depois um ranger forte, horrível, arrepiante, e estalos de cabos rebentando. Os dois homens da bateira, cuspidos n'água, debatiam-se em desespero. O rugir da tormenta abafou gritos e blasfêmias, súplicas e imprecações. O *São Rafael* adernou, adernou mais e foi-se afundando, afundando. Houve um redemoinho, um bracejar de nadadores mais adiante. Depois veio uma onda, depois uma outra, e a glauca superfície alisou-se. Ondas, maiores correram, dando nos cachopos soturnamente. Outras, menores, vieram. Em torno a uma ponta de mastro, brincaram, farandolando. Dispersaram-se. E somente grandes vagas cansadas se estiraram pela tela movediça do mar.

A tempestade rugiu muito tempo. Depois, as rajadas foram diminuindo aos poucos. O temporal gemia ao longe, fugindo. Ganiu mais distante, em arrancos. Foi escurecendo, escurecendo. Fez-se noite.

De manhã, na maré baixa, o mar resplandecia palhetado de sol, muito verde, sob um céu muito azul. Os cachopos negros estavam à vista, com cabelos limosos e longos beijados pela vaga. Boiavam cadáveres e fragmentos de tábuas ao sabor das ondulações, sem fito e sem rumo — sem destino como a própria onda. Piavam gaivotas, avoejando. Uma vela de jangada, muito branca, fugia muito longe...

O PESCADOR

A Graça Aranha

E além, na mata, cantava,
Dolentemente, a cauã;
Ia o sol, depois voltava,
Mas ele não voltou mais
Da ponta do Tarumã.
TELES DE SOUZA: *A Iara*

MADRUGAVA. Nascia a lua. O mar clareava aos poucos. Na crista arrugada das ondas vagarosas a luz joeirava cisalhas de prata. A praia clara recurvava-se entre duas finas e avançadas pontas, arenosa, sem rochas, onde as vagas adormeciam, gemendo, num grande espreguiçamento branco. Para o poente, vultos de coqueirais, batidos do vento, destacavam-se negros no céu estrelado. Nas dunas desertas e tristes apontoavam a brancura da areia mirradas moitas de pinhão bravo; de quando a quando coleavam salsas rasteiras como serpentes enormes. Ao norte, uma das pontas de terra que longamente enfiava pelo oceano terminava em rochedos escuros, aqui dispersos, ali quase igualmente intervalados à guisa de gigânteas alpondras: e por sobre eles, flava, fulgurante, bocejava a intercadências a lanterna benéfica dum farol.

Ao fundo de pequena chanfradura, entre morros e mangues, o Pacoti rosnava, derramando o seu tributo de águas doces da terra nas salsas águas do oceano. Todos os rumores dos matos, das águas e dos bichos notívagos diluíam-se na noite enluarada. Um eflúvio dormente desprendia-se dos cajueirais floridos e fecundados, errava na face da terra uma canseira, um quê de sutil que impelia à modorra, ao sono e à preguiça. Tudo foi clareando mais e mais. Depois a lua resplandeceu alta e uma refulgência prateada, com uns raros tons de azinhavre, derramou-se por sobre as cousas.

Na sua choupana pobre, o Pedro Jojó pôs o uru a tiracolo, enrodilhou a tarrafa no braço, segurou ao cinto a quicé afiada e dispôs-se a partir para a pescaria, que já remontavam os peixes em cardume a correnteza do rio com a maré enchente. Levou a mão à rude porta de talos de carnaúba presos por embiras e escancarou-a largamente ao vento e ao luar. A mulher, porém, erguendo-se da rede, adiantou-se, pegou-lhe o braço, olhou a noite clara e depois dum momento:

— Estás ouvindo?

O Pedro escutou. O vento dava nos coqueiros; cães ladravam ao longe; toda a quietude do luar era cheia de mistério. Um ruído de tarrafa atirada e recolhida, batendo n'água, espalhando círculos concêntricos, marulhosos, chegou-lhe aos ouvidos.

— Quem andará pescando na barra? perguntou a esmo, apreensivo.

Escutou mais. O ruído continuava, espaçado e lento. Enraiveceu-se:

— Pode estragar a pescaria de tainhas. O rio é de todos. Mas, por favor, não mexa nos meus jererés e nos meus anzóis de espera, senão temos barulho grosso!

Deu um passo para fora, aconchegando ao cinto a quicé mal segura. A mão da cabocla prendeu-lhe mais o punho grosso e ela, triste e pressaga, aconselhou:

— Se eu fosse você, não ia pescar hoje. Não é gente que anda pescando na barra. É o pescador encantado, uma alma que anda cumprindo o seu fado. Meu pai contava muitas estórias[8] dessa visagem. Você não sabe dele, porque veio do sertão, está na praia há pouco tempo. Mas eu sou da praia, meu pai era da praia e meu avô era da praia. Desde menina ouço contar que esse pescador é mau e governa as águas e os peixes do rio. Não vá hoje, Pedro, não vá!

Os olhos rasgados umedeceram-se. O seio palpitou nos bordados grosseiros do cabeção da camisa. Segurou com mais força o braço do marido. O mestiço teve um gesto de incredulidade. Deteve-se, no entanto, ante aquela emoção forte e disse com interesse:

— Tola! Conta que pescador é esse!

Ela encostou-se mais ao seu peito robusto e prosseguiu:

— O pescador é na praia o que o caipora é no sertão, mau como ele e perverso como a mãe-d'água que aparece na lagoa da Precabura. O caipora é o dono da mata e o senhor da caça; ele é o senhor do rio e o dono dos peixes. É escuro como a sombra das ramarias de mofumbo, tem os braços longos e retorcidos como as raízes dos mangues, ruge baixo como a correnteza quando se enfia no mar; seus olhos são da cor das águas e seus cabelos verdes como o lodo. Surge da lama das margens com a tarrafa no braço, toma vulto nos raios brancos do luar, desliza silencioso como o guaiamum pela praia. Tem em si o perigo dos poços profundos, dos atoleiros traidores e dos balseiros que descem o rio cheio, com força para levar um homem. Defende as águas e defende os peixes. Umas

---

[8] Ao longo do texto, mudaremos em *estória* a palavra *história* no sentido de coisa que se ouve contar, sem documento probatório.

são sua moradia e não quer que as turvem; os outros são suas riquezas e não quer que as roubem. Entra calado pelo rio. Se encontra jererés, quebra-os; landuás, despedaça-os; anzóis de espera, arrebenta-os. Corre atrás dos pescadores atrevidos, pega-os pelos pés e afoga-os. Mata-os às vezes de surpresa. O caipora amansa-se à vista do fumo. O pescador acalma-se à vista da cachaça. Ele sente frio, tirita como um tarrafiador de madrugada, em agosto. Meu pai que era pescador velho nunca deixou de levar cachaça no uru. Ai de quem não a tiver e topar cara a cara com o dono do Pacoti!

O Pedro quedou pensativo. O luar sereno clareava tudo. O ruído insistente da tarrafa não descontinuava. Uivos de raposa, ao longe, demoravam sinistramente no ar. A mulher passou-lhe os braços ao pescoço taurino, pendurou-se nele, quase lacrimosa, oferecendo a boca vermelha na tentação amorosa dum beijo. Estava convencida da existência daquele pescador de lenda, consubstanciação dos perigos das pescarias noturnas. Queria reter o marido. Fazia-lhe medo e oferecia-lhe amor. Mas as linhas duras do perfil do mestiço não se abrandaram. O sertanejo emigrado guardava nalma a teimosia da sua ascendência de lutadores contra a seca. Afastou-a vagarosamente de si. Cerrou os olhos um instante. Depois, com um tom vagaroso e seguro, como se armazenasse no imo toda a longa resignação dum povo, todo o fatalismo de gerações sucessivas, indolentes, apagando-se numa quase astenia de desesperança, dúvida e indiferença:

— Pode ser verdade; mas que se há de fazer? Vou. Se escapar escapei e vi a tal visagem; se não, morro — acaba-se tudo. Quando chega a vez, ninguém escapa. Acredito lá em certas cousas. Só vendo. Preciso ver!

Continuou, a voz mais larga, cúpido, alegrando-se ante perspectivas favoráveis:

— Talvez seja um morador do outro lado que anda pescando, ou alguém lá do Trairi que desceu o rio até a barra. Pode não ser o tal pescador. A noite é de luar e a maré de pesca. Está tão claro; o rio e o mar estão tão mansos. Os jererés devem estar cheios de golosas, pejados os landuás de siris, os anzóis de espera com a linha esticada às mussicas dos carapicus. É noite de fartura!

Sacudiu à boca uma felpa de mapinguim.[9] Mascou-a. Circulou o olhar pela noite calma e partiu. A cabocla ficou encostada, resignadamente, à ombreira. Ao sumir-se o marido, distante, numa curva do caminho, entre moitas, rompeu num choro e, cheia a alma humilde e crente de terrores fortes, gritou:

---

9 Tipo de fumo de rolo, de qualidade especial, para o gosto dos mascadores, geralmente gente humilde dos sertões nordestinos.

— Pedro! Pedro!

O eco respondeu o grito esganiçado. Um cão ladrou alto para o lado das dunas. Vinham da praia pios de maçaricos noturnos, mariscando nas poças, ao luar.

O Pedro Jojó entrou sob um cajueiral. O escuro das ramadas, fechando no alto, em abóbada, pesou-lhe n'alma. Lembrou-se sem querer da estória do pescador e do medo da mulher. Ela era da praia e sabia das cousas dali. Teve um ímpeto de retroceder, uma saudade da rede macia e da sua palhoça hospitaleira. Parou. Petiscou lume, acendeu o cachimbo de raiz e continuou. Eram abusões. Nunca vira o caipora, por que havia de encontrar o tal pescador?

De novo ao luar, na estrada branca e larga, tudo esqueceu. Não ouvia mais o tarrafiar do fantasma. Somente o vento chiava nas palhas dos coqueiros. Meteu-se pelos mangues lodentos, onde os troncos das árvores nasciam de raízes fora da terra. A vereda torcia-se entre aquelas pernas pegajosas e cabeludas, coleantes, negras, erguendo-se em curvas sinistras, algumas luziam como ossadas, batidas de raios do luar que atravessavam a ramaria, transfundindo-se. As árvores pareciam descansar sobre aranhas imóveis. E os cabelos se arrepiariam só de imaginar que aquela floresta começasse a andar com o ruído seco das articulações casando-se ao mole som do enterrar das curvas patas no fofo lamaçal... O chão escorregadio e sujo pegava-se-lhe às solas dos pés nus. Corriam crustáceos com as patas arreganhadas em defesa. Outros paravam nas luras, espreitando, mexendo os olhos pontudos. Todo o mangue fervilhava duma vida que saía do lodo e que se arrastava no limo. Guaiamuns, caranguejos, siris, aratus, grauçás, mãos-no-olho enxameavam nas buraqueiras profundas. Naquele cenário, a imaginação do Pedro recordou-lhe os conselhos da mulher. Teve outro gesto de desânimo. Mas a vergonha de voltar impeliu-o para diante. Apressou o passo.

Entre medroso e arrepiado afastou os ramos dos arbustos à margem alcantilada do Pacoti. Fechou os olhos desacostumados da claridade no escuro do tremedal que atravessara. Abriu-os depois e uma serenidade se lhe espalhou nos traços. O rio corria plácido. Além dos mangues, as dunas branqueavam, luzindo como prata repolida. A correnteza faiscava tocada pelo luar. Tainhas cor de prata que a remontavam em cardumes, acossadas de peixes maiores, saltavam fora d'água, rebrilhando com a rapidez de fagulhas. Sorriu. Preparou a tarrafa e entrou n'água, cortando-a apressado, com frio. Afastou-se da margem, examinou a força da maré que subia e da corrente que ainda se esforçava por descer. Voltou. Apalpando os hervanços e as salsas tombadas para dentro d'água, começou a procurar os jererés. Deu com um. Tirou-o. Mirou-o à luz. Estava com as malhas rotas. A primeira idéia que teve foi dum peixe grande que o tivesse

rompido no esforço de soltar-se. Atirou-o longe, com raiva. Somente os instintos de pescador tinham despertado aquela contrariedade. Depois é que veio a lembrança do que a mulher contara. Passou o olhar inquieto em torno. Nada viu além da placidez da noite e nada ouviu além do gemido das águas.

Apalpou novamente as ervas úmidas, tateou os festões gotejantes. Outra armadilha, um landuá quebrado ao meio. Arrepiaram-se-lhe os cabelos. Veio-lhe à mente tudo o que a mulher contara. Febril, estonteado, na ânsia de certificar-se, desejando ao mesmo tempo um desmentido, procurou os outros instrumentos de pescaria. Todos tinham sido partidos ou rasgados por maldosas mãos. Parecia que peixes grandes tinham rompido as malhas dos jererés e que a correnteza forte levara os anzóis presos aos arbustos da margem. Mas não. Nem andavam peixes grandes pela beira do rio, nem as iscas dos anzóis ofereciam resistência à correnteza, bastante para que ela os levasse. Fora o pescador fantasma, não tinha mais dúvidas... O frio da água subiu-lhe pelas coxas até o peito. Estremeceu todo. Endireitou o busto, frente para o rio claro, mão no cabo da quicé...

A luz descia sobre as águas como um grande manto dum branco misterioso. Tudo, água, céu, dunas, tudo era branco, tudo refulgia. Açaparrados, os matagais quedos e sombrios avultavam como grandes manchas negras. O vento arrumava nuvens pelo céu e enrugava as águas pela terra. Diante do mestiço, na refulgência doce do luar, foi-se erguendo um vulto que saía das águas. Ao princípio foi uma mancha de nevoeiro, depois definiu-se, tomou os contornos duma figura humana. O Jojó batia os queixos, horrorizado. O vulto deu um passo em frente. Entrado de pavor, o Pedro quis fugir. Fez um esforço, atirou-se para a praia. Mas sentiu uma pancada forte na perna; mão robusta pegou-lhe os tornozelos, dilacerando-os com as unhas. Soltou um grito horrível, estrangulado:

— Socorro!

Do plumacho dos arbustos, espantados ao grito, voaram caburés. Morcegos voltearam pelo ar. Caiu de bruços com um gemido surdo, reboleou-se na lama, afocinhando-a, espadanando água em gotas luzentes. Ainda algum tempo estremeceu. A água turvada borbulhava-lhe em torno. Depois aquietou-se. Ficou estirado, os pés boiando, a cabeça atolada, abarreirando ao longo do corpo garranchos e hervanços flutuantes.

Pelo ar, muito alto, passaram marrecas em filas, piando. Distante, galos começaram a cantar. Os contornos das cousas foram ficando mais nítidos. O dia rompeu por fim, fulvo e sangrento, numa explosão brutal de luz. O mistério do luar apagou-se com o dia. À sua luz branca ou esverdinhada sucederam todos os tons do oiro. Guaxinins e raposas recolheram-se às tocas. Tatalaram rolas nos capinzais

e o canto alto das graúnas vibrou na doçura da manhã. A floresta era toda verde, o rio barrento não a refletia. Adiante, além duma volta, por sobre a areia amarelaça duma praia, quebravam-se as espumas alvas das verdes ondas do Atlântico.

A maré vazava. O seu rugido enfraquecia aos poucos. Diminuíam as águas da barra do Pacoti. E na lama da margem, túmido, empastado de lodo, com água até o peito, cercado de caranguejos, bicado de peixes, o cadáver do Pedro mostrava na contorsão horrível do corpo a intensidade do seu pavor.

Mais alto já, o sol ia doirando tudo...

Por sobre as dunas, vinha um grupo de pescadores, acurvados ao peso das quimangas e das poitas, em demanda da praia e das jangadas de pesca que lá os esperavam. Andavam apressados, conversando alto, cantando trovas por vezes. Àquelas quadras poéticas, soltas em voz larga e queixosa como um gemer de violas, todos baixavam a cabeça num desalento aparente que era somente a nostalgia contemplativa e indolente da raça. Perto do rio, um aventou, bem triste:

— Era tão bom se nós tivéssemos uma viola. Nas "trinta e três",[10] com o tauaçu no fundo, até a gente se divertia, enquanto as garoupas fossem mordendo o anzol.

Outro, mais velho, atalhou logo:

— Quem já viu cantoria em jangada? O mar não gosta de alegrias. Então de noite, credo! De noite o mar é mais traiçoeiro e mais triste do que de dia.

Um outro interveio:

— O mar é sagrado. É vivo. É a única água que se bole por si. Eu não o acho traiçoeiro; acho-o até paciente e bom. Lá uma ou outra vez zanga-se, mas quanto tempo deixa a gente viajar por cima dele!

Riu, soltou um muxoxo e cantou alto:

> Quisera ser encantado,
> Menina, p'ra te roubar,
> E te deixar escondida
> No fundo escuro do mar.

Calou-se, depois continuou:

— Dizem que o mar tem perigos. Estórias! O vento é quem os faz. Tudo fazem os outros, o vento, a noite, e dizem que é ele quem faz os perigos...

---

10 "Trinta e três" significa, na linguagem dos jangadeiros navegadores de jangadas maiores, as trinta e três braças de fundo, o mar alto e sereno, propício à pesca, com anzol, de peixes de maior porte.

Já na margem mimosa do Pacoti, outro falou, demorando no ar o tom quente de sua voz moça:

— Perigos? Perigos há em toda parte, na terra e no mar, nas praias e no sertão, na floresta e no rio. São os temporais, os atoleiros, as cobras, as feras, os peixes maus, os bichos venenosos da água, a mãe-d'água, o caipora e o pescador. . .

Todos benzeram-se a esse nome que acordava o seu terror. Atravessaram o rio. Deram com o cadáver ao sair do outro lado. Rodearam-no com espanto. Pensaram logo que fosse um bêbado. Viram-lhe, porém, a tarrafa no braço e o uru boiando, preso a tiracolo. Reconheceram o Pedro Jojó. Ergueram-no pelos braços. De em torno fugiram cardumes de piabas e gargarus. Deu-lhes trabalho desprenderem-lhe os pés dum balseiro que neles se emaranhara. Um até lembrou ter sido aquela galhada que o derrubara, batendo-lhe nas pernas com a força da corrente. Mas o jangadeiro velho interrompeu-o:

— Ontem foi sexta-feira e noite de lua. Nunca vi tanta raposa e tanto guaxinim a gritar! Os galos cantaram pouco. Foi noite de burras-de-padre e de lobisomens. Pela porta lá de casa passou uma mula-sem-cabeça que ia danada. Ia numa carreira desbocada. A cachorrada dava-lhe nas pernas. Era uma zoeira medonha. Eu e a mulher nos encolhemos nas redes. Os meninos desandaram a chorar. Mais tarde, quase madrugando, ouvi um grande grito. Talvez fosse assombramento do Pedro. . .

Calados, todos pegaram o cadáver e entraram de caminhar pelos mangues sinistros.

O sol doirava tudo.

E desde esse dia nunca mais pescador algum se atreveu a entrar no Pacoti, quando pelo luar suave e casto ecoa o ruído da tarrafa misteriosa do Senhor do Rio.

SANTA

A Alberto de Oliveira

E eu? cega, sozinha neste mundo de Deus? Que há de ser de mim?
COELHO NETTO: *Sertão.*

NOVEMBRO. Andava-se já em seca brava. As águas tinham fugido. Entre os arbustos ressequidos terreavam mouchões de felga[11] quistosos e nus, de onde o vento levantava à tarde uma poeirada de oiro.

Aos solavancos duros, o meu cavalo fatigado descia a última rampa da serra do Pereiro. Pela lomba íngreme, marcada de antigas aluviões erodentes, aqui e ali pungiam touceiras enfezadas de arbustos espinhosos. A estrada sarjava de vermelho a terra desnuda, sem fiapos de gramíneas, com esqueletos de árvores. Só muito alto, onde havia mais frescura, azulesciam matos. A planície erma do sertão enchia-se da nevoaça das queimadas, acinzentando-se com o cair do dia. Para o poente esbatia-se uma amarelidez de crepúsculo. Alto, o céu era cinzento, deserto e tranqüilo como a paisagem. Um parecia refletir o outro. Todos os tons que durante o dia o sol esbraseara abrandavam-se, desmereciam: eram cinzento-pérola as capoeiras abertas, branco-cinza as extensões queimadas, azuladas as serranias que fugiam no horizonte, empastadas de bistre e sépia as várzeas que se ermavam e que se confundiam à distância. Raros sons quebravam a uniformidade do silêncio. Mais raros vultos moviam-se na tristeza monótona do cenário.

Finda a ladeira esconsa, a terra estéril retalhava-se nos barrancos das enxurradas antigas. Sombras adensavam-se, confundindo-se, nos anfractos das pedreiras. Às vezes, dominando o carrascal morto, dormitava na quietude do espaço uma canafístula sempre viva, decotada a foiçaços.

---

11 Torrões de terra secos que se esmoem. Um lusitanismo no contexto regional da narrativa.

Detive-me numa volta do caminho, à porta duma choupana arrincoada, que se aninhava na orla da selva despida de folhas. O terreiro era espanado e limpo pela vassoura e pelo vento. Surgiam-lhe em torno, adoidamente, grandes casas de cupim, dum amarelo de ocre. Escurecia. Luzeluziam pirilampos. Sopros ainda fracos do aracati[12] refrescavam a calidez da soalheira passada, que se desprendia do solo maninho em emanações de mofo. Arejos mais fortes levantavam pó. Aquele vento do litoral que toda a tarde invadia o sertão pelo vale do rio Jaguaribe, chegava tarde por aquelas alturas. Era longa a sua viagem benéfica da costa às faldas do Pereiro.

Bradei à porta:

— Oh! de casa!

Apareceu uma cabocla forte e esperta, com dois filhinhos a se agarrarem nas dobras amplas de sua saia de algodão listrado. Rumorejou afável que *desapeasse,*[13] prendesse o cavalo à tacaniça e entrasse.

— A casa é sua, moço.

Estava só com os filhos. Era noite, mas o marido ainda ronceava pelos ermos, em busca das vacas moribundas nos rincões ásperos da serra, onde subiam, sequiosas, esfomeadas, migrando da planície estéril à cata de sombra, de comida e de água. Lá, nada também encontrando, morriam de inanição e de miséria. Às vezes os seus gemidos vinham até a casa, roucos, sinistros, pausados, numa dislalia[14] de aflição, num soluçar de desesperança. Os gaguejos fracos dos bezerrinhos pareciam até choro de crianças. Ouviam-nos o dia todo. À tarde diminuíam. De noite apagavam-se. Então guaxinins e raposas andavam a guaiar, sandejando pelas quebradas. Os pobrezinhos tinham acabado de sofrer.

Em setembro o vento levara as últimas folhas secas. Mas nas abas das serrotas acamavam-se as pastagens suculentas e amareladas. Era grande o cuidado com elas. Ficavam longe da estrada. Não havia perigo de fogo pelo descuido dum comboeiro fumador. No entanto, como por castigo, havia pegado fogo o pasto do Zacarias,

---

12 *Aracati* é um vento forte e rasteiro que, saindo, ao entardecer da foz do Jaguaribe, à entrada da cidade cearense do mesmo nome, percorre vasta zona leste e centro-leste do Ceará, todos os dias, valendo como refrigério, após os dias de canícula.

13 Ainda hoje, no alto sertão nordestino, aos sertanejos o verbo apear não parece tão expressivo como o *desapear-se*. Naturalmente por analogia com *desmontar.*

14 Termo médico, significativo de perturbação no falar. Até certo ponto, o emprego não se justifica, numa narrativa de cunho regional.

meia légua adiante, e os carcarás, catando bichos grelhados no braseiro, trouxeram nas garras garranchos inflamados que deixaram cair no capinzal seco. O incêndio lavrou. Ficou destruído o último alimento do gado infeliz.

Agora, por ali todo o solo estendia-se sáfaro, calcinado, negro, léguas e léguas. E a gente sentia, ao vê-lo, uma funda tristeza a subir do peito, — uma ânsia, uma saudade de olhar grandes campinas muito verdes, com águas estremecidas, reluzindo.

Entrei na casinhola. O interior era mais que humilde. Presa ao tapume, a candeia de querosene oscilava. Sombras iam e vinham pelo teto enxalmado. Num raio de luz faiscava, às vezes, o bocal polido duma arma, pendurada às forquilhas bidentadas, ou palpitava em pingos brilhantes a pregaria grosseira duma mala de couro. A chaleira rumorava sobre uma trempe, entre labaredas desiguais. Estalavam garranchos ao fogo. Desprendiam-se centelhas, a espaços, em penachos e leques.

A mulher enxotou os filhos, bruscamente, para o quarto. Deu-me numa xícara de esmalte enodoado um pouco de café. Fui sorvendo-o a goles compassados. Ela encostou-se à ombreira do quarto em silêncio; e os caboclinhos vieram de novo agarrar-se-lhe às saias, curiosos, a espiar-me.

Fora já era noite fechada, escura como breu. Quase não se viam estrelas. As constelações apagavam-se, pestanejando. Fiz uma nova pergunta sobre a seca. A sertaneja suspirou e vagarosa, resmoendo aflições, descreveu-me toda a ferocidade da natureza e toda a valentia dos vaqueiros. "Deus até parece que não tem pena da gente", disse ela. Água, iam-na buscar a duas léguas, ladeira acima. Já haviam morrido as suas poucas cabeças de gado. As do patrão acabavam-se aos pares por dia. Andavam a comer a carne seca das ovelhas que tinham morto antes que a fome as levasse. Dia a dia a situação piorava. A luta já era desesperada. Os filhos do Joaquim Simeão, cansados de lutar sem proveito, tinham procurado o seu rumo. Estendeu o braço a toa — como a indicar uma paragem longínqua, que mal entrevia na sua imaginativa rude, que mal podia compreender na curteza de suas idéias:

— Os Almazonas.

No terreiro riscou um cavalo. E o marido, um caboclo ossudo, alto, entrou, arrastando as esporas rudes, todo vestido de couro avermelhado, com as grossas costuras brancas de poeira.

A mulher explicou a minha presença. Sorriu hospitaleiro e bom, com um gesto largo de franqueza ostensiva. Foi tratar-me o cavalo. Era pouca a água, mas chegaria para o meu, cansado da viagem, e para o dele, tonto de varar a mataria garranchenta. Quase não tinha

milho no paiol. O cercado, porém, guardava ainda um resto incolor de panasco,[15] seco.

Ela começou a arranjar o "de comer". Novo silêncio encheu o copiar. Uma raposa vadia gaifonava ao longe, nos carrascais desertos.

O vaqueiro reapareceu. Sentamo-nos ao chão sobre um couro de boi e, calados, devoramos um alguidar de carne cozida n'água e sal, com pirão de farinha grossa. Os dentes às vezes rangiam, mastigando torrões de barro encontrados na farinha. Pela porta entrou, a fazer festas com a cauda troncha, os olhos verdes humildes e famintos, um cadelo esquelético. Acompanhava de perto, sofregamente, os ruídos todos da mastigação. Era o verdadeiro espectro da fome. Mas logo o vaqueiro ergueu o braço: — Sai daí, Rompe-Nuvem! O mísero encolheu-se, levantou-se corcoveado e foi sentar-se mais adiante, à soleira, ofegando, com as riscas das costelas justalinheando-lhe os flancos murchos.

Tomamos café. O sertanejo dependurou minha rede a um canto da quadra. A mulher enrolou o couro, depois de o haver sacudido com força, e, raspando com a colher de estanho o alguidar de barro, deixou cair ao chão fiapos de carne, migalhas de pirão e ossinhos pequenos. O cão veio de rastos, encolhido e ávido, lambeu a argila demoradamente e ficou-se depois, para ali, a triturar os ossos nos dentes. De quando a quando soltava um rosnado lento — advertência de estar disposto a defender o seu quinhão.

Na alcova, a cabocla cantarolava, ninando os dois filhos. Na sala, o vaqueiro remendava as véstias de capoeiro rasgadas nos espinhos unciformes dos arbustos maus que nem a seca matava. Saí ao alpendre e acendi o cachimbo, olhando a noite escura. Passou-se algum tempo. Depois, ao longe, surgiu uma luz que cortou a treva direita ao rancho, com vagar, oscilando. Vinham dois vultos, um dos quais trazia uma lanterna envidraçada; já no alpendre distingui-os bem. Eram uma velha acurvada e ruguenta, apoiando-se a um bastão, e uma criancinha loura e triste. Deram-me boa-noite e entraram na casa, pouco se demorando. Saíram. — E de novo a luz foi oscilando, a apagar-se pela escuridão afora.

Chamei o vaqueiro e indaguei curioso do que andavam a fazer aqueles dois entes fracos por noite tão negra, quando chocalhavam cascavéis de tocaia e uivavam raposas insofridas, aos bandos, esfaimadas. Então ele contou uma melancólica história de dor, de martírio e de abnegação.

---

15 Erva de pasto, da família das umbelíferas.

Era o mais avaro e o mais rico fazendeiro daquelas redondezas o velho Chico de Paula, que ao morrer deixara aquela velhinha, sua mulher, dona de grandes fazendas, oiros, lotes de bestas parideiras, boiadas incontáveis, currais cheios de miunças, além do sítio da serra que era um "condado",[16] onde a maniçoba abundava nos recostos dos morros e dos altos paus d'arco baixavam as nervuras dos cipoais, como antenas enormes. Fora sempre brutal e ríspido, humilhando-a tanto quanto judiava com seus acostados e serviçais. Ela não tinha voz para cousa alguma. O negregado mal lhe dava os meios de subsistência, restringindo, cúpido, semana a semana as despesas domésticas. Ralhava com todos, enfezado, a cada momento. A sua morte foi um alívio e nessa ocasião a pobre D. Maria, sua única herdeira, logo pudera ajudar a pobreza — que a seca fora grande e a fome muita. Dessas esmolas fez repetidas vezes. As crises mesmo lhe davam prejuízos fortes. Pouco se importava. Parecia querer espalhar em benefícios aquela fortuna reunida por maldades. Teve a mania de criar todas as crianças abandonadas da ribeira. Umas eram órfãs, outras orfanadas pela necessidade dos pais ocultarem vergonhas. Sua casa foi um asilo. Cresciam ali como filhos e ao casarem recebiam um pequeno dote. A mulher do vaqueiro era uma dessas enjeitadas.

E não fazia só isso. Quem precisasse, poderia bater à sua porta. Era servido. De sua ilimitada bondade os maus se aproveitavam até para a explorarem.

Criara umas doze pessoas e sua fama já percorria o sertão do Cariri. Todo o mundo dizia que era santa e essa crença arraigava-se dia a dia na alma sofredora dos roceiros.

Com os anos empobrecera aos poucos. Um incêndio levou-lhe a casa da fazenda. As últimas terras que possuía amaninharam-se ao abandono. Reduzida à miséria, morava agora numa palhoça que o vaqueiro construíra na várzea. Teimava em ficar lá, desprezando os convites de vir para a casa dele. Ia em oito anos que criava aquela menina dum louro de milho fanado, enjeitadinha, a última talvez. Tinha setenta e oito anos de caridade e amor. Não suportava mais nos olhos enevoados a ardência do sol. Era obrigada a sair de noite, a procurar víveres nas casas dos que alimentara durante largos anos.

Ao partir, deixei-lhe uma esmola e nunca mais esqueci aquele heróico vulto de mulher sertaneja, nobre, doce, abnegada, fazendo frente às calamidades terríveis do seu áspero meio, abroquelada na

---

[16] Expressão até bem pouco muito em voga nos sertões nordestinos, significando propriedade próspera.

sua virtude excelsa e na sua alma desprendida, que valia por uma instituição forte de beneficência.

Tempos depois voltei àqueles lugares e na casa humilde do vaqueiro serviu-me água, vestida de luto, uma criança loura. Adivinhei naquela roupa de dó a morte da velhinha. O vaqueiro confirmou o meu presságio, dizendo-me que se finara placidamente, a sorrir, sem uma convulsão, sem um estertor, como soem morrer os justos e os santos. Até corria entre o povo que a terra não comeria o seu cadáver, preservadas as carnes mortais pela santidade eterna da sua alma. . .

ESPECTRO

Ao Castro Menezes

A casa abandonada seria em breves tempos uma tapera.
RODOLPHO THEOPHILO: *O Paroara.*

A PAISAGEM tinha a tristeza dos ermos, a quietude das cousas abandonadas. No topo dum serro rude e escalvado, entre carcavões ressequidos, a casa da fazenda era uma ruína, um amontoado de paredes a cair, o madeiramento da taipa a descoberto, os rebocos chagados; em muitas partes o telhado abatera e pontas de caibros apareciam carcomidas e pretas; portas tombavam dos gonzos partidos, montões de telhas em cacos pesavam no velho assoalho esburacado. Sobre as pedras disjuntas da calçada as lagartixas aquentavam-se preguiçosamente ao sol num eterno abalar de cabeças. Vegetações irrompiam a esmo, aqui e ali, entre aquela ruinaria, viçosas, dum verde novo e forte, apoderando-se do que o homem abandonara.

Açoitada do vento, uma porta rangia fanhosa, dando um gemido arrastado e feio como o das avantesmas por noite sem lua, nas solidões. Entre duas travessas de pequiá robusto, na alpendrada, o velho sino de cobre da capela senhorial escancelava a boca cheia de lágrimas esverdinhadas, de onde pendiam, a esvoaçar, umas farripas de corda.

Em torno, o matagal tristonho amarelava ao sol. As cercas de pau a pique dos currais caíam aos lanços e os mourões pretos, de madeiras rijas, denunciavam o lugar das porteiras. Dentro dos curros, o esterco do gado pulverizava-se, misturando-se à areia grossa, dando-lhe um tom bistrado que enegrecia à chuva. E lá para baixo do serro, numa curva brusca, escorria o fio barrento do rio Fonseca, levando o mísero tributo de suas águas reles para as cheias invernais do Banabuiú.

A tarde ia findar. Pelo ar andava a fumarada tênue das queimadas distantes. O sol baixava sem raios e sem glória, como um grande olho ensangüentado. Um vento sutil fazia um murmúrio leve nos ramos dos marmeleiros. E longe, além duma várzea extensa, onde o carnaubal chorava, as casas do arraial do Cosmo Pais punham

manchas brancas esparsas entre o verde do mato e a púrpura régia do poente.

Aquela tapera tinha sido em tempos idos de abastança e fidalguia a residência feudal do padre Ferreira, um dos homens mais ricos e poderosos do sertão. Dizia o povo que ele era homem de "muito dinheiro e pouco coração". Vivera ali por muito tempo. Entre as cercas daqueles currais mugiram centenares de cabeças de gado. Por aquelas várzeas e carrascões andavam a campeá-las os seus escravos, cujo braço fazia sair da terra colheitas magníficas. Até aquele vargedo do Cosmo Pais estendiam-se, ciciando, os milharais da fazenda e para o outro lado, nas baixas do rio Fonseca, tudo era mandioca, feijão e jerimum. De manhã té sol posto ouvia-se o cantar da escravaria nas brocas do mato, no entrançar das cercas, no desmanchar da farinha e no plantio dos legumes. Quando os cantos morriam ofegantes, estralejavam os chicotes dos capatazes e o relho do feitor. De novo o ar se enchia de melodias africanas, pungentes, repetidas, enfadonhas como uma vista árida de deserto.

Nunca o padre fizera um benefício. Não havia na ribeira notícias de uma esmola sua. Vivia no meio da abundância entre meia dúzia de concubinas pretas. Os filhos desse serralho não tinham, porém, mais direito que os simples filhos da senzala. Trabalhavam e apanhavam do mesmo modo. O padre não considerava os escravos como gente e punha-os mesmo um pouco abaixo dos seus cavalos de sela. O trabalho durava a semana inteira, sem interrupções. Não havia dia santo que se guardasse. Sexta-feira da Paixão era o único. Matou muito escravo de açoites e uma feita mandou arrancar, a torquês, os dentes alvos duma sua odalisca que um hóspede gabara a miúdo.

Teve morte digna de sua vida miserável. Uma manhã de outubro, indo ao Quixeramobim, o cavalo espantou-se com a queda duma galhada seca, espinoteou, bateu com as patas num garrancho que se lhe prendeu aos jarretes. Mais cresceu-lhe o medo. Deu upas, saltos e corcovos formidáveis. Não desmontou o padre, que era exímio vaqueiro, corredor de argolinhas, pegador de gado pelo rabo, a laço e a unha, no limpo e no fechado das catingas. De orelhas fitas, arquejando, o pedrês atirou-se mato adentro, furando a ramaria espessa. O pajem procurou segui-lo, o que só pôde fazer com muita dificuldade. Foi encontrar o garanhão atirado abaixo dum barranco, nas vascas da agonia, com o pescoço quebrado, partidas as patas e o couro varado de estrepes. Perto achou o padre. Na carreira furibunda batera com o crânio num ramo de mororó. Estava morto e da cabeça brechada a mioleira vazava pelo chão. . .

Contavam depois por ali que, quando o foram enterrar, o caixão ia vazio. O corpo desaparecera. Disseram que o diabo o levara. O

Bernardo da Cauã afirmava ter visto na tarde do enterro um negro todo encourado surgir na casa da fazenda. A afluência era numerosa e ele quase não foi notado. Era Satanás em pessoa, com toda a certeza, aquele vaqueiro.

Depois, ao abandono, a casa foi-se arruinando. Hoje estava naquele estado. Noite de sexta-feira ninguém passava ali. Para ir ao Cosmo Pais fazia-se um rodeio.

O padre aparecia no alpendre, de batina, miolos pingando da cabeça aberta, alto, espigado, olhos em fogo. Agarrava-se à corda do sino; puxava-a desesperado.

E o sino reboava fanhoso por aqueles campos vastos, envoltos no sudário branco da lua ou no manto negro da escuridão, como voz de além-túmulo que proclamasse ao mundo dos vivos a fealdade e a torpeza daquela alma!

A LUÍZA DO SELEIRO

A Juvenal Lamartine

Não faça caso da cruz:
Tire o chapéu — vá passando!
CASTELLO BRANCO: *Lyra Sertaneja.*

PAREI O CAVALO no topo esmoitado do serro e debrucei-me para diante, por cima das crinas, a olhar.

Vasto, dourado à luz do meio dia, lá embaixo, o vale do Aracoiaba era de uma beleza forte e impressionadora de paisagem sertaneja. Ao fundo barravam-lhe a perspectiva, altas, abruptas, as serras do Baturité e do Acarape, onde emergiam da verdura brancos talhados de granito, faiscando ao sol. Deles a vista se apartava dorida a descansar em raros pontos, tanto a glória luminosa do dia enchia tudo. Sob ela cintilavam os penhascos, incendiam-se as micas, palhetavam-se de tons flavos as águas paradas de uma lagoa, ao longe. Aqui e ali uma grande árvore derramava sombra numa fachada clara de casa matuta ou espargia frescura sobre um quintalejo benfeitorizado.

Pelo recosto do serro descia em ondulações de veludo novo uma capoeira densa, muito verde, de fetos, de marmeleiros e de ameixieiras bravas. Por tudo e em tudo, do alto azul do céu à calma horizontal das águas empoçadas, do dorso corcoveado dos montes às extensões lisas da planície, sorria farta, orgulhosa, a pompa régia do inverno. A terra tinha um nobre e calmo aspecto de abundância; o céu, um claro riso de bondade e proteção. Da mata verde surgiam cá e lá manchas policrômicas. Eram as flores selvagens do sertão, brotando por toda a parte, encostas de serrotes à riba, plainos e várzeas em fora. Jitiranas roxas pendiam da ponta de longas guitas[17] vegetais; paus d'arco amarelos de flores enfeitavam as catingas maciças; algodoeiros floriam nos baixos; pendões multicores de pacaviras ondeavam à beira das águas mansas; e os pega-roupas esgalhados toucavam-se de frunchéis macios e alvos, abrindo os braços ao longo dos caminhos.

---

17 Barbante fino. Por extensão, G.B. empregou a palavra na acepção de cipós.

Aprumava-se adiante uma rude escarpa de gnaisse e granito, alternando-se, com lascões negros a ziguezaguear a esmo e touceiras espiculantes de cardos, rompendo das frinchas e equilibrando-se nas arestas. Mais para baixo uma grande depressão afundava o vale, que se aplainava depois e fugia da vista, verde e rico, recortado de barreiras avermelhadas e de estradas de sílica branca, até os contrafortes de uma pedra fina e alta como um obelisco monstruoso, a Pedra Aguda, que se avistava naquela ribeira toda e de cujas faces, como coroas votivas, pendiam enrodilhamentos brutos de lianas, mascarando as sujas inscrições do escorrer das chuvas.

Raros telhados de fazendas e colmados de choças avistavam-se balizando os carrascais reverdecidos. Poucas eram as cercas altas de roçados, menos ainda as terras lavradas para as sementeiras.

Havia chovido dois dias atrás. O Aracoiaba corria prateado e lento pelo meio do vale, escondendo-se mais adiante, numa volta brusca, entre colinas, surgindo além num cotovelo súbito, entre troncos de árvores. Pelas suas margens, de espaço a espaço, um montão de lama recoberta de galhadas relembrava os estragos da cheia fertilizante e brava, que, escachoando nos pendores do Baturité, derramara-se após pela planície, como um louco tropel de touros, a devastar os vargedos amenos e tristes do sussurro perene dos carnaubais.

Ao nascente, pelo céu, passavam com vagar frocos brancos de nuvens.

Escarpas sucediam-se a escarpas, fugindo muito ao longe, no saudoso esmaecer das serras distantes.

Dos matos vinham cantos altos de pássaros, tinidos de chocalhos, marulhos de ribeiros, cantos de lavadeiras. E de todo o campo se desprendia um bafio quente de alqueives[18] ao sol.

Junto a mim, dentre pedras amontoadas, erguia-se uma cruz de madeira tosca, com veias escuras da água do inverno e gretas escanceladas do calor ardente da seca, abrindo no espaço, os grandes braços tristes e sós de onde pendiam flores emurchecidas.

Descobri-me ante a piedosa idéia que a pusera ali, pois decerto só relembrava dores e só recordava desgraças: ou mostrava o lugar onde se cometera um crime, ou designava o último leito dum infeliz, vitimado por um ataque inesperado de moléstia fatal.

Desci o serro. Ao surgir embaixo, numa clareira onde um riacho grulhava entre pedras, assustei um bando de lavadeiras. Pararam surpresas o trabalho, compondo as roupas encharcadas, aconchegando as rendas das camisas numa ânsia de ocultar os seios inquietos.

---

[18] Terreno tratado em sulcos para próximo plantio.

Umas lançaram um pano sobre os ombros, coradas, com pressa. Outras ficaram quietas, cabeças baixas, olhando as moedas de luz que por entre as ramas o sol derramava nágua, ou bolhas irisadas de sabão vogando leves ao sabor da corrente.

— Boa tarde.

Todas responderam baixo:

— Boa tarde.

Mergulhei calado novamente na sombra do mato. O meu arrieiro vinha atrás. Durante algum tempo ouvi somente os passos surdos dos cascos enlameados do seu cavalo, batendo a terra dura.

Depois encheu o ar a cantiga melancólica das lavadeiras.

Passarinho está cantando
Para alívio de quem chora.
Se canta p'ra consolar-me,
Passarinho, vai-te embora!

Este amor que te devoto
É tão puro e verdadeiro,
Que já estou sofrendo tanto
Como a Luíza do Seleiro.

No canto triste, abafado já pela distância e pelo mato, andava todo o desalento e o desânimo todo do troveiro matuto que o compusera. A sua tristeza fez-me pender a cabeça: e ao trote vagaroso do animal e ao morno perfume do mato deserto e banhado de sol, quedei-me a cismar.

Mas o Elpídio, emparelhando o seu cavalo, com o meu, perguntou-me:

— Vosmincê sabe essa história da Luíza do Seleiro?

— Não. Conta lá.

Em todo aquele sertão da Pedra Aguda não havia moça alguma que tivesse olhos rasgados e negros como os da Luíza, pele macia e aveludada como a sua, tanta graça de linha e de atitude, tanta languidez de gestos e andar que mais enchesse a gente de desejos imperiosos. Os grumos[19] vermelhos dos seus lábios, com um branquinho de dentes quando se abriam em risos, estonteavam os rapazes, de amor. Ao dançar o baião lembrava requebros de bailadeiras e fascinações lascivas de dançarinas egípcias.

Em alvoroço por ela andava a rapaziada da ribeira. Era de ver quem se casaria com a Luíza. Cada qual mais se esmerava em fazer-se o preferido.

---

[19] Prova de eruditismo. Grumo significa *pasta*, reunião densa de grânulos. O emprego visou a dar idéia da intensidade do rubro dos lábios.

Pela tarde, ia ao córrego, buscar água. Voltava quando o vermelho do ocaso se abrandava e desmerecia num roxo cada vez mais terno. Os moços corriam, impacientes e tímidos, esperá-la à passagem. Os corações pulsavam-lhes tão fortemente que, escutando, ouviam-lhes o bater.

Uns vinham de longe, duas, três léguas ao galope incansável dos árdegos cavalos de campo. Na estrada espalhavam-se as sombras que não podiam mais caber na floresta. Ela aparecia com o pote d'água à cabeça, às vezes cantarolando. Ao balanço do andar caíam-lhe gotas sobre os ombros; algumas aljofravam-lhe o rosto; outras empastavam-lhe os cabelos nas fontes. Pelos raros rasgões do vestido de chita apareciam pedaços morenos de pele aveludada, e sob o corpete molhado sentia-se a saliência dos seios virgens, eretos e pequeninos.

Em cada volta da estrada, numa posição fingida de encontro fortuito, topava um sertanejo. Davam-se boa-tarde. E ela passava ligeira e séria, com um mover sensual dos quadris abundantes.

Os seus pretendentes eram em grande número. Tantos que nem podia escolher um. Ademais, com aquela rapaziada que se enciumava facilmente, cujas paixões selvagens não conheciam limites, essa escolha era até certo ponto perigosa.

Num baile, em casa do João Bernardo, por ter o Francisco da Marcelina, que era guenzo[20] e sarará, dançado duas ou três vezes com ela, alguém apagara as candeias com cacetadas. "Fechara-se o tempo". Saíram os homens aos novelos pelo terreiro claro. Então à palidez do luar, brilharam facas, reluziram finas parnaíbas de arrasto. Um ficou logo ali estirado e frio. Outros foram para casa curar as feridas. Tão sério foi o conflito que o subdelegado de Vazantes montara a cavalo e percorrera a ribeira, buscando os criminosos e as testemunhas. Mas não achou nem uns, nem outros.

O pai da Luíza era o Simeão Seleiro, já velho e doente dos olhos, que vivia a mourejar sobre as caronas que bordava, os ginetes velhos que compunha, as cangalhas que empalhava e as selas pesadas, onde cosia suadouros, pespontava abas e afivelava cilhas de sola da terra, brunida à cera de carnaúba. Era viúvo. Nunca cobiçara outra mulher e só tinha na sua triste vida a alegria dos olhos de sua filha.

Quando algum vaqueiro ou plantador da vizinhança, apeado no seu alpendre largo, sorvendo café aos goles vagarosos ou enrolando o cigarro grosso, de palha de milho, a vista pousada no barro socado do terreiro, falava em casar com a Luíza, ele entristecia. Via

---

20 A palavra, hoje, quase desusada, era muito usada pelo povo, no sentido de magro, torto, defeituoso da espinha.

então que aquele desenlace viria mais cedo ou mais tarde. Era adiável, porém fatal. Dava um suspiro fundo, magoado. Puxava depois uma fumaçada do cachimbo. E dizia com um tom resignado:

— Por mim, está feito. Você é um moço bom, trabalhador. Agora procure ela.

Nessa escolha todos naufragavam. Ela não aceitava nenhum. Antes aborrecia-os todos. Achava-os iguais nos gestos e nas palavras, nos pensamentos e nas ações. Nenhum lhe aparecia com um traço de originalidade. Vestiam da mesma forma, cantavam no mesmo tom, dançavam da mesma maneira, diziam as mesmas estórias. Eram sensaborões e ridículos. Não os suportava. O seu espírito, por uma predisposição natural, herdada ou própria, comprazia-se em idear uma figura forte e descomum de macho. Queria um que se não parecesse com os outros, que fosse mais valente, ou mais inteligente, ou mesmo mais ruim do que aqueles que ela conhecia.

Um dia esse tipo que sonhava lhe apareceu na figura varonil do Estêvão Nunes, filho de um fazendeiro rico dali perto, possuidor de gado solto, do riacho do Caxingó aos fundões frescos do Capivari. Era um rapaz bonito e forte, bem-posto e com maneiras polidas que aprendera na cidade do Forte,[21] no colégio. Enfeitiçou-se por ele, e para ele daí em diante convergiram todos os seus pensamentos, numa obsessão amorosa que nem ela própria compreendia.

Conversava com ele no caminho da levada, às escondidas. E as más línguas de umas solteironas, as Malaquias, que viviam de tecer rendas e bordar labirintos numa casinha branca, ao pé do morro, assoalhavam pela redondeza nos dias de adjunto ou de sambas e novenas que alta noite o Estêvão vinha bater sorrateiro à janela do oitão da casa do seleiro. Deixava o pedrês impaciente atrás do chiqueiro, amarrado à cerca, e atravessava as moitas, cauteloso, de faca nua na mão. A janela abria-se. Ele pulava para dentro da casa. E até de madrugada se ouvia o pedrês inquieto, saudoso da capoeira, com o frio do sereno, bater duramente com as patas e bufar de minuto a minuto, sacudindo os freios.

Rapazes enciumados foram esperá-lo. Vaqueiros audazes puseram-lhe tocaias. Mas ao apear-se do cavalo e tirar a longa faca do cinto com uma circunspecção cautelosa, respirando vagarosamente ao lento arfar do peito membrudo, escondiam-se na espera, temendo enfrentá-lo. Seria amanhã; e amanhã adiavam para outro dia.

Uma noite o Batista do Olho d'Água, numa resolução esporeada pelas lisonjas dos outros à sua fereza, avançou por trás do Estêvão,

---

21 Assim era denominada, até princípios do século passado, sobretudo pelas populações sertanejas, Fortaleza, a capital do Ceará.

para apunhalá-lo nas cruzes.[22] Era um golpe que não falhava, sabia-o bem. Mas um pé falseou numa arrieira resvaladia. Perdeu o prumo e pisou com força um galho seco. Ao ruído o Estêvão voltou-se, viu o outro. Avançou para ele. A luta foi breve e surda. Ao outro dia o Batista andava de braço na tipóia: e quando lhe perguntavam o que fora, respondia com maus modos — que caíra do cavalo, vaquejando na catinga.

Ninguém mais se atreveu a tirar uma desforra. Entanto muitos não dormiam e rolavam nas redes até o galo cantar, com visões de ciúme e anseios amorosos que os torturavam terrivelmente.

Menos dormia a Luíza. Levava o dia a pensar em encontrá-lo. Enchia a casa pequena e clara do rumor alegre das cantigas. Outras vezes ficava à janela, olhando a estrada, a sorrir e a cismar. O seu temperamento de mestiça com as tendências sensuais de duas raças lascivas não se fartava do homem querido. Cada vez o desejava mais. Se ele a abandonasse, sentia que havia de morrer, porque não teria mais a alimentá-la a embriaguez dos beijos infindáveis e as loucuras dos abraços veementes. Toda a sua carne estuava de desejos, toda a sua opulência sensual ansiava de gozo.

Ao sentir o seu passo na areia do caminho ou as pancadas discretas nas umburanas da janela, vibrava toda. Corria a abri-la e ficava muda, braços pendidos, na lividez do luar que se espraiava pelo quarto pobre, trazendo o perfume dos vastos campos adormecidos. Depois era um aniquilamento da vontade e um apagamento completo dos sentidos nos braços dele, numa sensualidade toda feita de languidez, de abandono e de preguiça.

Com a primeira claridade triste da manhã, ele ia embora. Ficava esquecida à janela. Os passarinhos cantavam nas biqueiras dos casais e nas moitas densas. Longe, nas bebidas, juritis gemiam. O tropel do pedrês apagava-se com a distância. Mas parecia-lhe que ele continuava ainda. Aplicava o ouvido. Somente a levada cantava lentamente entre as pedras. . .

De manhã tinha olheiras roxas. Queixava-se de dor de cabeça. A sua paixão já não conhecia limites nem temia cousa alguma. O seu rosto apregoava alto as suas noites de amor. O seu corpo quebrado e lânguido contava os segredos de sua alcova. Todo mundo falava dela na ribeira. Sabia e pouco se incomodava. Tinham-se desvanecido todos os seus receios de virgem e o seu pudor de donzela. Agora era ela quem procurava Estêvão, quem insistia para que fosse à casa mais a miúdo. Por vezes tinha vontade de bradar às outras, com orgulho: é meu! é meu! é meu! Até uma vez arran-

---

[22] Ainda hoje é muito popular nos sertões a expressão "cruzes" para significar a região entre as espáduas.

cara-o numa contradança, em pleno terreiro do Virgolino da Venda, dos braços finos duma filha do João Mulato.

Ao passar pela porta das Malaquias, as solteironas resmungavam com uma pontinha de inveja:

— Que sem-vergonha! Que devassa!

O Seleiro, que não ia a festas nem a feiras e com poucos conversava, de nada sabia. Ao pai do Estêvão, porém, uma das Malaquias fora de propósito contar tudo, pedindo segredo sobre a delação. Temendo uma inclinação forte do filho pela cabocla, o velho fazendeiro enviou-o para a capital.

Para o Estêvão a Luíza era somente uma mulher que se goza e que se deixa, nada mais e nada menos. Já andava até enfadado dela. Foi alegre que montou a cavalo e mais alegre que entrou no trem, na estação de Água Verde. Ora, Fortaleza era sempre melhor que a Pedra Aguda.

A Luíza entristeceu. Murcharam-lhe as cores da face e os traços fisionômicos descaíram numa expressão triste de sofrimento. Era seu martírio dia e noite a recordação constante da felicidade passada. Queria cantar, queria trabalhar. Vinha-lhe um nó à garganta, o seu olhar parava sem brilho, quase morto, a evocar as visões esmaecidas no cérebro. Parecia que se voltava para dentro naquele esforço paciente de memória.

E as lembranças vinham uma a uma. Era o baile do Matias Florindo, noite de São João, no Criancó. Ele a olhava, encostado à ombreira da porta, com um olhar tão negro e persistente que lhe acordava na alma uns desejos que desconhecia e uns anseios que nunca sentira. Depois foram as valsas loucamente revoluteadas, ao som gritante das harmônicas, quando ele a apertava com tanta força, que sentira — lembrava-se bem — um dos botões de osso do seu casaco de brim claro machucar-lhe o seio. Tão intensa era a força de rememorar que levava súbito a mão ao peito na completa ilusão de ainda sentir aquela pressão dolorosa...

Vinha-lhe uma grande saudade e a insuportável impaciência de não poder reviver os dias idos. Desatava bruscamente a chorar alto, forte, de borco na rede, o corpo sacudido em estremeções. O pai acorria. Encontrava-a desgrenhada, olhos vermelhos. Pretextava dores súbitas, lancinantes, do fígado. Ele vexava-se, animava-a, dava-lhe tisanas de jurubeba amarga, que ela bebia de um trago, numa careta, para contentá-lo.

Muita vez o Manduca Catolé vinha tomar o seu café na latada do Seleiro, com o propósito firme de contar ao velho amigo tudo o que sabia. Traziam-lhe a xícara grossa, de louça esmaltada, as mãos transparentes e finas de Luíza. Os seus olhos emoldurados em roxo pousavam-se nele, com tristeza. O velho Manduca baixa-

va a cabeça. Depois que ela saía, o Seleiro dizia na sua voz resignada e suave, cheio de confiança, de sossego e de fé:

— Não sei o que ela tem, compadre. Queixa-se do fígado. De vez em quando dá-lhe uma dor. Chora que faz dó. Já tem bebido uma porção de jurubeba. É mesmo que nada. A doença quando entra na pele dum cristão, custa a sair. Felizmente ela é moça. Isso passa. Passa — que ela não há de ficar assim para toda a vida.

Mas logo uma dúvida o assaltava:

— Fale, compadre? Diga o que você acha? Porque se ela morrer eu não resisto!

E vinham-lhe as lágrimas aos olhos, escorrendo depois pelas erosões da face enfermiça, amiserada e idosa.

Diante daquela dor, o Manduca despedia-se. Montava o baio ronceiro e largava estrada em fora, todo pendido para diante, tristemente.

Já nas várzeas, ao choro lento do carnaubal, diante do sol faiscante e alto, olhando os fumos das queimadas, longe, nas abas das serras, soltava para o ar quente do dia a vibração sonora e lassa duma quadra matuta:

Quem tiver moça bonita
Traga presa na corrente
Que eu também já tive a minha
Jacaré levou no dente...

De novo entrava no mato. De novo sombras o envolviam. Baixava a cabeça branca com um suspiro. E o baio, sentindo o desfalecimento do cavaleiro, ainda chouteava mais devagar.

A Luíza cada vez andava mais triste. Depois do sol posto, na curta e doce claridade do crepúsculo, ela dava um giro pelo campo. Seguia a estrada até o córrego ou subia o morro, e lá de cima olhava os tons da tarde que esmaeciam no vale, violetando os carrascais e os campos de plantio cheios de rugas. Nas várzeas passavam cicios de brisas e demorava no ar o arrulho gemente das pombas. Ficava pensativa ali, no alto, muito tempo. Depois tornava à casa, arrastando os passos. Quando passava em frente às Malaquias, elas murmuravam apiedadas, trocando os bilros.

Um dia não voltou do passeio. Procuraram-na com fachos, aos gritos, pela catinga espessa. Muito tarde, guiados pelo rasto, já apagado quase do pisar dos bichos, o Manduca e o pai acharam-na caída de costas, em cima do cerro, no mesmo lugar em que agora se levantava a cruz. Estava morta. Tinha os olhos abertos e muito enevoados.

Um ano depois o Estêvão casara na Canoa. Hoje em dia morava ali perto. Tinha uma fazenda e filhos. A mulher era rica. O Seleiro ainda arrastava a sua dor e a sua saudade pelo mundo.

Já os bordados de suas caronas saíam tremidos. Não havia muito tempo que um freguês lhe devolvera uns arreios completos. Ia ficando cego. Uma catarata pertinaz cobria-lhe aos poucos os olhos glaucos.

Arrimava-se a um jucá forte e pendia para o chão. Dera para devoto. Vivia balbuciando preces com os beiços moles.

Em torno, na mata viçosa, a passarada cantava alto. Gemiam águas num marulho preguiçoso. Uma grande frescura errava no ar. O vento trazia perfumes suaves de resinas. E na dormência daquela rara abundância sertaneja deixei cair uma pergunta:

— De que morreu a Luíza?

O pajem sorriu:

— O velho conta que foi de um ataque, mas o povo diz que ela morreu de amor.

O PATUÁ

Ao meu padrinho
Cel. Antônio Leal de Miranda

Le prêtre remit à la jeune fille un petit sac de cuir qui semblait renfermer une chose d'un grand prix et qu'elle serra soigneusement dans sa ceinture.

PIERRE LOTI: *Le Roman d'un Spahi.*

"ARMAZÉM DE PANCADAS" chamavam na vila do Riachão ao caboclo Chico de Paula, o brocador de roçado mais forçudo daquelas cercanias e a criatura mais mofina que Deus até então pusera em ribeira sertaneja. Também não havia quem dele fizesse conta. Até meninotes de buço a repontar indeciso, nos dias alegres das coivaras e das farinhadas, davam-lhe cachações e murros pelo menor motivo, gozando a inércia covarde do roceiro musculoso, cujos braços encordoados que nem ramos de anoso jatobá eram capazes de matar um de arrocho. Todo o mundo já tinha batido no largo costado do Chico de Paula. Por dá cá aquela palha, ali se exercitavam socos, e detrás da Sé, uma noite de furdunço na vila, a Joana do beco da Casa da Câmara, por lhe haver ele feito um convite pouco sério, foi-lhe às ventas, esborrachando-as.

Muita vez o Damião da venda, encapetado e ladino, dizia com o seu irônico sorriso aos freqüentadores da sua casa que um dia o Chico havia de cansar e, zangando-se deveras, meteria uma faca no bucho dum atrevido ou espatifaria a porradas de jucá o crânio dum insolente.

O Major Moura, delegado de polícia, ria, incrédulo, coçando o queixo, onde se enroscavam fiapos grossos de barba rala, denunciando mestiçagem velha, já se abrandando à grande quantidade de sangue branco de avós mais próximos. Depois, arrastando a voz, afirmava:

— Se aquele mofino tiver um arranco desses, eu nem o mando prender. Dito e feito!

Outros apostavam dinheiro. O intendente e o coletor travavam-se em suposições contrárias. E o João Santa Fé, valentão afamado, cangaceiro do Coronel Inácio, o chefe político do Riachão, parceiro de bisca do delegado, falava, movendo os olhos estrábicos, com laivos de sangue e uma nuança ligeira de bílis:

— Qual o que, seu Damião. O diabo do caboclo safado até apanhou duma mulher!

Num dia quente de verão, quando todo o poviléu da vila andava na labuta rude do campo ou na mesquinha movimentação do seu comércio, o "armazém de pancadas" surgiu na venda deserta do Damião. Estava sem ter o que fazer no roçado limpo à espera de chuvas e dera-lhe vontade de matar o bicho.[23]

Pediu cachaça. O Damião serviu-a. Mas derreando-se por sobre o balcão gorduroso e enodoado, a mirar os braços cabeludos e a endireitar o arregaço das mangas, exprobrou o caboclo por sua mofinice, que o fazia arrastar vida abjeta e triste, tornando-o a tábua de bater roupa da rapaziada bem disposta do Riachão.

Desconsolado, a encolher os ombros como para se aliviar do peso daquela fatalidade, o sertanejo queixou-se:

— Eu não tenho jeito pra brigar, seu Damião!

Apontou-lhe a transparência duma lágrima ao canto avermelhado dos olhos castanhos.

O Damião teve pena. De novo andou-lhe pelos lábios um franzir de ironia. Ora, ele precisava rir um pouco à custa da gente da vila. Melhorar a sorte daquele covarde, satisfazia-lhe a piedade e os desejos de mofar da prosápia e da pretensão de muitos. Profundamente conhecia os seus patrícios, sabia da sua credulidade, do seu fanatismo e do que eram capazes. Seu espírito tinha predisposições naturais que o adiantavam aos daqueles pobres habitantes do Riachão. Risonho, disse ao caboclo esperançado:

— Passe amanhã a esta hora por aqui que eu lhe dou um patuá, uma reza forte que não há homem mofino com ela ao pescoço. O defunto meu avô recebeu essa oração das mãos de Frei Serafim, quando esse santo homem andava no sertão em santas missões. Na guerra do Lopez, meu tio andou com ele ao pescoço e foi quem o livrou das balas dos paraguaios, que eram teméros[24] na pontaria. Passe amanhã por aqui, homem de Deus! E guarde segredo, ouviu?

O Chico de Paula não teve dúvidas. A sua alma crente repousou nas palavras do Damião, o qual segundo todos diziam era um homem sabido. Foi para casa num contentamento tão grande que não pôde dormir. Levou a noite toda a se remexer na rede qual preá inquieto caído no fojo. Se uma leve modorra baixava-lhe as pálpebras, logo lhe vinham sonhos. Via-se em sambas animados, acabando a festa a molinetes de maçaranduba, numa defesa heról-

---

[23] A expressão ainda é muito em voga no nordeste e significa beber bebida forte, geralmente aguardente; *sangrar o galo.*

[24] Corruptela popular da palavra *temerário.*

ca ao ataque de muitos ou arremetendo na ofensiva delirante, a expulsar a negrada da sala da folgança. Ora, estava armado até os dentes, rodeado de cangaceiros, de Cariús ou de Capixabas,[25] à espreita, na várzea, de um bando inimigo. Eram ainda farrapos da guerra dos Montes e Feitosas que ele cavalheirescamente continuava em sonhos, ajudado de reminiscências do que ouvira contar pela gente velha.

Acordava. Sentia-se fatigado dos esforços da luta. Readormecia. Novas visões lhe povoavam a mente. Eram sempre lutas, combates, duelos com inimigos intratáveis, à faca, nas campinas solitárias. . . E ele sempre vitorioso e indene pela força misteriosa do amuleto.

Enfim ia ser feliz, pensava. Poderia agora desforrar-se daquela canalha que o humilhava desapiedadamente. Eles haviam de ver a transformação. O Damião era homem sério, de palavra, se dava aquele caborje é porque ele tinha verdadeiro valor.

Quando o Damião abriu às seis horas da manhã as portas da venda, já o Chico estava de pé, encostado à ombreira.

— Bom dia, seu Damião.

— Bom dia, Chico. Entre.

O vendeiro fê-lo esperar mais ou menos hora e meia, desempoeirando garrafas, dando uma arrumação às prateleiras, ajeitando as rumas de queijos da terra. Depois, foi lá dentro, trouxe um saquinho de chita vermelha de ramagens, bem costurado nos bordos, pendurado às pontas dum cordão grosso de fio franco mal trançado.

— Deixa ver o pescoço, Chico.

O Chico abriu a blusa, estendeu o cangote para diante. O Damião, passou-lhe o cordão ao pescoço, deixando cair o patuá sobre os pêlos fortes do peito, compungido e sério.

— Vá com Deus, homem! E não abuse nunca da força que leva no corpo.

O caboclo agradeceu e saiu pela rua a fora, quase a saltar de contente. Tinha ímpetos de dar pinotes e de desafiar todo o mundo. Resmungava:

— Agora! Agora é que vamos ver Deus Nosso Senhor por quem é!

Vinham-lhe novos desejos de luta. Mas não avistava um homem. Só apareciam às portas mulheres e meninos. Se ao menos surgisse

---

25 Famílias de mestiços que acompanhavam às guerras sertanejas as duas importantes famílias brancas dos Montes e Feitosas, que durante anos pelejaram no sertão (*Nota do Autor*).

por ali a Joana do Beco! Que deliciosa vingança! Logo, porém, o seu curto raciocínio intervinha:

— Não, ela não! Um homem valente não dá numa mulher. Isto se deixa para os mofinos.

Por uma felicidade apontou numa esquina um vulto de homem. Trazia na mão um longo cajado de canela de veado cor de fogo. O Chico aproximou-se dele. Nem o olhou. Deu-lhe um encontrão e passou celeremente. Era a primeira experiência da reza forte. O ofendido nada fez. Parou um instante e prosseguiu o seu caminho de cabeça baixa.

Era um cego. Tateava com a vara os bordos irregulares das arrieiras fundas e ia andando, a murmurar:

— Diabo! Parece mais cego do que eu. Quase me derruba.

O caboclo que nem o olhara, não sentindo a menor reação em palavra ou gesto, mais cheio de entusiasmo continuou. O caborje provava bem. Dera um encontrão num tipo armado de cacete e ele nada fizera.

Em frente à igreja viu-se cara a cara com o Santa Fé. O cangaceiro riu diante da sua cara alegre e atirou-lhe chufas:

— Quando é que crias juízo, armazém de pancadas, tábua de bater roupa?

O roceiro parou, apalpou a faca no cinto e retrucou:

— Quando a sua mãe criar, burro sem rabo, cão tinhoso, quartau[26] de mulher viúva!

Meio atônito ante tão inesperada resposta do covardão, Santa Fé avançou para ele, cacete erguido:

— Eu não te mato, não, lazarento, mas môo-te de pancadas. Deixo-te estirado!

Calmo, faca nua empunhada, a alma cheia de heroísmo que lhe transmitia a oração, o adversário somente respondeu:

— Vem!

O homem do cangaço teve um instante de receio. Como é que aquele mofino duma hora para outra ficara daquele jeito? Não se quis arriscar a uma luta no meio da vila, máxime naquela ocasião que já muita gente os bispava do renque de casas fronteiras.

Seguiu caminho, lançando um pretexto:

— Não brigo aqui, porque sou amigo do delegado e não quero que ele me prenda por te haver morto, boi ladrão! Mas nós nos encontraremos no mato. E aí te arranco os bofes e a forçura para a feijoada dos meus cachorros, filho de mãe de burro.

Quando as notícias da transformação súbita do Chico chegaram à venda, o Damião dizia, sorrindo, à sua roda:

---

26 Cavalo pequeno, porém robusto.

— Eu não disse que um dia ele virava bicho?

O que é certo é que ninguém se atreveu mais a bulir com ele, que desfrutava a serenidade de uma paz bem merecida após tanto tempo de surras. Só o valentão não o esquecia e repetia o seu juramento de arrancar-lhe a forçura no dia em que o topasse no mato.

Era esse o eterno pesadelo do Chico. Evitava andar sozinho no campo. Temia que numa ocasião séria o amuleto lhe faltasse com o auxílio. Comprava armas. Tinha um verdadeiro arsenal. Andava com um rifle, uma pistola e uma faca feita pelos Fernandes do Crato, os ferreiros mais afamados do Ceará. Para ver se intimidava o Santa Fé fazia-lhe constar que o queria matar de murros e bofetes, tão pouco caso fazia de sua fama. O Chico já era um terror. O delegado evitava-o. O intendente preferia-o para os serviços municipais. Só o vendeiro ao lhe servir o copinho da branca tinha nos lábios o seu imutável sorriso.

Numa tarde clara e toda cheia do canto mavioso dos galos de campina, o Chico avistou na estrada deserta da Forquilha o vulto membrudo do Santa Fé. Veio-lhe um medo terrível, apesar da reza forte. Quase não podia andar. Despertara a covardia antiga, já tão esmaecida, apesar dos esforços para acreditar na virtude do feitiço. Cada passo mais o aproximava do outro. Chegara a sua última hora.

Crescia-lhe o medo, sacudindo-o todo em espasmos. Vieram-lhe soluços. Não, não lutaria. Atiraria fora as armas e de joelhos pediria perdão ao famanaz. Firmou-se nessa resolução. Sacudiu aos hervanços todo o cangaço que conduzia e correu para o bandido.

À vista daquilo, o Santa Fé lembrou-se da estória que lhe contavam que o Chico queria matá-lo de arrocho, a braço. Não duvidou um momento de que ele cumpria a sua promessa. Despia-se valentemente das armas e avançava para trucidá-lo. Aterrorizou-se. Caiu de joelhos, balbuciando perdões.

Espantado, o Chico de novo sentiu voltar-lhe a confiança inteira no bentinho da família do Damião. Parou, estufou o peito e, estendendo o braço, ordenou:

— Apanhe minhas armas, seu cachorro!

Espalhou-se logo a nova daquela estrondosa vitória pelo povoado e o respeito que o caboclo infundiu foi completo. Nunca mais ninguém ousou ofendê-lo. Até o evitavam.

Ele é que ficou insuportável. Tornou-se briguento, desordeiro, não se fartando de vingar as injúrias antigas. Não havia samba a que fosse que não terminasse em pau; novena em que estivesse que não findasse em briga.

Todo mundo tinha medo dele.

Começaram muitos a culpar o Damião. Desconfiavam daquele sorriso que o não largava. Fora ele, o vendeiro levado do capeta, que dera qualquer meio de feitiçaria ao Chico de Paula para aquela extraordinária e misteriosa transformação, já de há muito por ele mesmo profetizada.

Avolumando-se os comentários deste teor e crescendo dia a dia a prosápia e a arrogância do Chico, o vendeiro assentou acabar com a sua valentia emprestada. Era só tomar-lhe o bentinho e assim se esvairia a força sugestiva do patuá, única autora daqueles estrupícios. Quando o caboclo se visse desamparado do seu feitiço, abrandaria logo. Ademais, era só ao vendeiro que ele respeitava. A mais ninguém ligava importância. Portanto, não era provável que se furtasse a restituir o que lhe fora entregue.

Num sábado à tarde, já ao lusco-fusco, cheia a tasca fumarenta, nela penetrou o Chico, de quirim[27] debaixo do braço e faca passada no cós da ceroula.

Então, diante de todo aquele povo, o Damião pediu-lhe o amuleto. Era uma tradição de família e, além disso, agora ele precisava dele.

Quase nada teve o Chico que obstar e, lento e triste, entregou-lhe o saquitel.

Com a maior calma deste mundo, o vendeiro pegou da faca de cortar sabão, rasgou as costuras do saco e mostrando à assistência uns fiapos de negras e duras cerdas, apregoou:

— Está aqui a oração forte que eu dei ao Chico para torná-lo valente!

Todos arregalaram os olhos curiosos. O Chico baixou a cabeça, acachapado.

— É a barba dum fulejo magro,[28] minha gente. . .

Uma grande gargalhada encheu a sala. Depois foram gritos, berros, guaiados. Caíram em cima do Chico, de pau e de punho. E o caboclo atirou-se de porta a fora em carreira desabrida, perseguido pela matula esquentada de cana, a brandir cacetes, numa assuada terrível:

— Armazém de pancadas! Tábua de bater roupa!

---

[27] Denominação sinonímica da madeira *frei-jorge*, ou *freijó*, muito empregada em marcenaria, por sua beleza e fortaleza. Por analogia, cacete, porrete.
[28] Bode (*Nota do Autor*).

ABSALÃO

Ao Vitório de Castro

Accidit autem ut occurreret Absalom servis David, sedens mulo; cumque ingressus fuisset mulus subter condensam quercum ut magnam, adhaesit caput eius quercui, et, illo, suspenso inter coelum et terram, mulus cui insiderat pertransivit.

Biblia Sacra: *Liber secundus regum, Caput XVIII-9*

O ORELHUDO PAROU, fincando os jarretes nervudos na felga macia da clareira. A catinga acabava ali num rarear de juremas raquíticas, e para diante várzeas estendiam-se planas, atapetadas de verde. A copa alta das catandubas estremecia no ar luminoso e o lento choro dum fio de água remoto, escondido no maciço da floresta, punha uma suave tristeza na claridade diáfana daquela manhã de inverno. Balanceando o cupim grosso, respirando ruidosamente a frescura do ar, ainda mais se firmando nas pernas fortes, o touro soltou um longo mugido, que morreu em gradações infinitas de eco em eco que acordavam e readormeciam pelo sertão em fora.

Fazia muito tempo já que a vaqueirama esperta da ribeira gastava os cascos dos cavalos e os couros rubros das vestes a palmilhar as várzeas e a esfuracar as catingas, na incessante procura daquele touro destemido, que desafiava por seus mocambos a longa experiência dos vaqueiros, todas as traças e artimanhas legadas de pais a filhos; que, pela sua ligeireza de gato, deixava para trás os mais afamados campeadores do gado arisco daquelas regiões. Nunca ninguém lhe pusera as mãos. Raros vaqueiros o haviam avistado de alcatra, como um relâmpago, a embrenhar-se no mato. Outros ouviram o seu urro vagaroso e duro, reboando nos pedregais. Quase todos o esperavam na bebida, na malhada, nos pastos frescos com a babugem a rebrotar às primeiras chuvas. Tudo debalde. O bicho andava no fado. Deixava as vacas de leite ao abandono e nem tinha, assim parecia, desejos de topar pelos vargedos com as novilhas tenras, aptas já para a procriação. De tal braveza se tomara e de tal medo do homem andava cheio, que até se lhe haviam apagado daquele jeito os instintos sensuais de velho chefe dos currais alegres.

Fugira da fazenda após uma grande vaquejada[29] de gala, com que

---

[29] Estava grafado *vaquejada.*

o Coronel Bento Pais solenizara o casamento de sua filha Dorotéia com o juiz substituto do Canindé. Fora uma festa grande. Mais de cem encourados tinham-se reunido no pátio vasto da fazenda. Mataram-se oito bois. Estralejou o foguetório no ar radioso. A derrubada de gado diante dos convidados foi extraordinária. Quase não houve rês que escapasse de ser "enrolada" e não provasse com o lombo a dureza do barro. O Orelhudo levou quatorze quedas. Ao outro dia sumiu-se da pastaria e amocambou-se para os lados da serra das Antas:[30] ia em quatro meses que por lá andava.

O Coronel Bento Pais zangou-se com o seu velho touro. Entendeu de fazê-lo voltar ao curro, custasse o que custasse, apesar do Gavião já andar com as vacas, arrebanhando-as, com muita alegria de sua parte e grande gáudio da parte delas. O Gavião era um novilho liso vermelho, que, por sua beleza de pêlo e seu elegante talhe de macho, escapara da capação num dia em que se faziam bois para os mercados futuros. Fora o Chico Matos, o vaqueiro, quem suspendera com um gesto a faca amolada do Zé Capador e fizera notar ao Coronel a beleza masculina do animal. Afrouxaram-lhe o laço e soltaram-no. Criou-se no descampado das margens do rio e raramente vinha espiar o curral da sombra distante duns paus brancos, lá na extrema do pátio. Logo que o avistava, ciumento, o Orelhudo escarvava o chão e despedia veloz sobre ele, de pontas em riste. O Gavião fugia. Um belo dia, chegando àquela parada costumeira não ouviu urros de touro nem avistou o rival feroz. Foi-se aproximando cauteloso e fez-se dono do harém. O domínio do sultão velho tinha passado. E agora era ele quem corria célere sobre os novilhotes que surgiam na orla da catinga, a espiar o curro, na necessidade natural de fecundar as vacas.

O caprichoso fazendeiro prometera uma feita, na venda do Bom Princípio, perante uma meia dúzia de vaqueiros, uma pelega nova de cem mil réis a quem lhe trouxesse de mascára[31] e chocalho o Orelhudo ligeiro e uma de cinqüenta a quem lhe entregasse a bassoura[32] do bruto e as suas orelhas assinaladas, ensinando-lhe o local onde a carcaça tivesse ficado para matar a fome dos urubus.

---

30 Admitindo que a expressão *serra das Dansas*, que estava no texto não corresponde a qualquer acidente orográfico do Ceará, preferimos corrigir colocando *serra das Antas*, que esta existe, entre Jaguaruana e Itaiçaba, no baixo Jaguaribe, região tradicionalmente propícia ao criatório. (O.C.)

31 Por motivos à primeira vista injustificáveis, é comum acentuarem os matutos o segundo *a* da palavra *máscara*, cobertura de couro que apõem aos "rostos" dos bois "brabos", depois da "pega".

32 Chamam "bassoura" o penacho de longos cabelos que faz a extremidade da cauda dos bois. É uma corrupção, com a troca do *v* pelo *b*, muito característica do substrato da pronúncia lusa nos sertões cearenses.

A notícia espalhou-se pelo sertão a fora com a rapidez do telégrafo. Aquele povo que sabia quantos ovos punham as galinhas da mulher do João Socó e quantas rapaduras o Coronel gastava por mês, vivendo sem assuntos de conversa, à cata de niquices para se entreter, deu trela aos comentários. Não havia vaqueiro que ao topar com outro, entre notícias e roteiros de gados tresmalhados, não lhe dissesse:

— O Coronel prometeu cem mil réis a quem pegar o Orelhudo e cinqüenta a quem o matar. . .

Em ribeiras distantes, além do Caxitoré e para cima da serra do Machado, já se falava no assunto. A vaqueirama da Várzea do Meio desesperara de pegar o bicho. A influência da recompensa passara ao rol das coisas velhas. De fora, às vezes, chegavam vaqueiros, pediam campo, procuravam o Orelhudo e se tornavam às suas terras, descoroçoados da empresa.

Só quem nunca desanimou foi o Mariano da Lagoa do Lemos. Toda semana tirava um dia para perseguir o touro. Às vezes gastava dois e não o encontrava. Era, porém, o único que se gabava de o ter visto várias vezes e numa delas, se não fora o Juriti — dizia ele, amaldiçoando o seu cavalo de campo ser fraco de mãos e cair de ventas num barranco, o Orelhudo estava no curral e os cem mil réis no seu bolso. Lá ficara na aba da serra a marca da sua passagem. Quebrara a garranchada da catinga, "entupindo no fundo" do touro, e uma vez passou-lhe a mão no sedenho, sentindo a aspereza dos pêlos da saia de encontro ao seu guante de couro. A mulher que dissesse se nele não tinham vindo cabelos do mocambeiro e se não levara três dias a remendar o seu gibão, rasgado de unhas-de-gato.[33] Diziam que era sua mentira, mas muitos viram, riscando o mato da serra, o trilho aberto pela passagem do touro com ele no piso.

Quando o Orelhudo soltara o urro repetido de monte em monte, o Mariano estava apeado no sopé da serra, manducando a farinha e a carne do alforje. Parou de mastigar. Conheceu o ronco do touro. Nem guardou o resto da comida, nem afivelou o alforje à garupa do *ginete* de sola bordada. Carne e farinha ficaram espalhadas nas

---

33 Para esclarecer o leitor não nordestino e já que G.B. não apelou nem para aspas nem para caráter diferenciador de tipo, explicaremos: *unha-de-gato* é uma espécie de planta silvestre de fortes espinhos, terror dos vaqueiros, quando na *catinga*, na caça ao boi.

pedras para o jantar dos mocós. De um salto estava a cavalo na direção de onde viera o mugido.

Ao surgir da catinga espessa, na orla da clareira, avistou de relance o Orelhudo esfuracando o chão. Despejou-se sobre ele. Não montava mais o Juriti. Agora era o Meladão, cavalo de campo que não conhecia parelha naqueles sítios. Mas o touro embrenhara-se no mato, partindo a ramaria num estralejar terrível. Atrás dele enfiou o Meladão destemeroso. O Mariano deitado sobre o pescoço do cavalo, joelhos apertando o arção da sela, pés firmados nos estribos fortes, braço estendido para segurar o rabo do animal, vinha quase se emparelhando com o Orelhudo. O touro levava nas armas, partidos, galhos de paus brancos e ramos de pequiás frondosos. Galhadas quebravam-se de encontro ao chapéu do vaqueiro, feito de sete couros superpostos.[34] Às vezes um garrancho escapo aos chifres do Orelhudo, com a força duma mola distendida, vergastava o cavalo suorento ou a cara abandalhada do Mariano, já com riscos vermelhos de arranhões. Um estrepe furara o peito do Meladão. Um fio de sangue corria lento entre os pêlos. Os seus flancos estavam riscados de espora. A catinga fechava-se cada vez mais. Copas de juremas baixas entreteciam-se umas nas outras. Por vezes, o vaqueiro pendurava-se a um lado do cavalo, segurando-se ao arção.

De repente, veio-lhe uma dor lancinante, como de facada, na face e na orelha. A correia rija do barbicacho, correu-lhe do queixo para o pescoço, apertando-o. O chapéu escorregou para a nuca. Sentiu-se levantado no ar. O Orelhudo sumia-se entre cipoais, lá adiante, e o Meladão saiu-lhe das pernas na velocidade da carreira. Estava dependurado pelo pescoço. Um galho forte de jurema metera-se por entre o barbicacho e o rosto, suspendendo-o por aquela golilha, enforcando-o.

Esperneava, sem fôlego, em desespero. Sufocava-se. Levou as mãos ao alto da cabeça, para suspender-se. Agarrou o galho e logo retirou as mãos ensangüentadas num grito abafado. Os espinhos venenosos da jurema tinham-se-lhe enterrado nas palmas. O seu peso apertava terrivelmente a alça de couro. A língua já lhe ia saindo da boca, rubra e viscosa. O peito arfava em haustos. Subia-lhe o sangue à cabeça, afogando-lhe os pensamentos. Rápida, fugaz, uma sensação de gozo se lhe espalhou da nuca pelo corpo todo. . .

Duas ou três vezes tentou, cada vez mais fracamente, abarcar com as mãos o galho que o suspendia. Retirava-as em sangue num grito rouco. Procurou quase insciente a faca no cinto, para cortar a

---

[34] Esta observação documental é importante, sabido que, em questões de tradições nordestinas, G.B. era fino observador e honesto registrador.

jugular que o enforcava. Tateando, achou-a; mas ela escorregou-lhe da mão trêmula, retinindo de encontro aos seixos do chão. Aquele som metálico ecoou na zoeira do seu cérebro, longínquo e sonoro, como um dobre distante de sinos. . .

Ainda tentou levar as mãos ao alto da cabeça. Mas elas caíram logo ao se erguerem. Bracejou assim algum tempo com o sinistro vagar da impotência. Depois, elas penderam lassas ao longo das coxas. As pernas flácidas mais se esticaram. O corpo distendeu-se num último estremeção. . .

O FILHO DO GURARI[85]

A Leal de Souza

> *Alors le fils comprit de quel lien, supérieur à ceux inventés par la poésie, la race retient la race.*
>
> PAUL ADAM: *La Force.*

Meu pai não era vaqueiro,
Mas amansou barbatão,
Com meia braça de corda
Chegou um touro ao mourão.
Eu por ser filho dele
Trago a mesma opinião.

QUANDO O MANÉ DA ZEFA GOMES fechou a boca, a assistência riu ruidosamente. Depois calou-se. Vibrou, então, na noite enluarada o gemido saudoso das violas. Ao apagar-se de todo, o João de Banga largou a voz pausada numa resposta esmagadora:

Quando mamãe me pariu
Foi dentro duma panela,
Da queda que ela me deu
Eu quebrei uma costela.
Chegou meu pai perguntando:
— Muié, cadê nosso fio?
— Está sentadinho no banco
Já cantando desafio.

Sonora e alta, ecoou uma gargalhada geral. E os grupos de homens e mulheres reunidos pelo alpendre foram de novo entrando para a sala, onde as harmônicas começavam de soar, fanhosas, na arrastada cadência duma valsa francesa deturpada pelo sertão.

Tinham-se interrompido as danças para se escutar o desafio entre o Mané da Zefa Gomes e o João de Banga. Pares e tocadores saíram ao alpendre. Agora tornavam a continuar o samba.

Sentado a um banco, só, o Coronel Delmiro Caxiara, potentado da ribeira, o mais rico fazendeiro e o mais afamado caudilho do cangaço daquelas paragens, seguia com os olhos o seu filho de cria-

---

85 A ação deste conto passa-se há cem anos atrás, mais ou menos (*Nota do autor*).

ção, o Dudu, dançar com a afilhada da Maria Gonçalo, que era uma cunhã bonita, apertando-a um pouquinho demais sobre o peito largo. O Coronel olhava-o, examinando-lhe o talhe másculo, a rijeza daquele corpo de vinte anos, lendo, escrita nas linhas do seu rosto, a valentia ardente da raça forte de que provinha. E já não tinha sido uma única vez que ele, ao seu lado, em recontros sangrentos, dera provas da mais louca coragem.

Criara-o desde quatro meses de nascido, quando inda era lourinho e tenro, de olhos agateados e inquietos. Educara-o nos rudes misteres da vida da fazenda e da vida do cangaço. Era bem um discípulo seu. Com doze anos já esfolava uma rês, para se acostumar com o sangue. Com dezoito era vaqueiro perito entre os mais peritos e já derrubara Simeão dos Otós, a faca, no terreiro espanado da mulata Micaela, que ele consolava da viuvez e que o Simeão com sua prosápia metera-se a conquistar. Hoje, com a idade, ganhava cada vez mais em músculos e em violência. Tinha o ânimo mais arrebatado daquelas redondezas. Temiam-no. O cabelo castanho guardava ainda um reflexo metálico do louro da meninice. Os olhos eram os mesmos olhos verdes, sensuais e fortes, duma cor profunda, duma transparência tão grande, que pareciam deixar entrever toda uma história de ascendência européia vinda por um mar calmo, claro sob o sol, onde riscavam caminhos caravelas altas em busca do ignoto...

O velho chefete de cangaceiros ferozes mirava orgulhoso a esbelteza física e estudava as qualidades de alma do seu filho adotivo. Muita vez, embevecido nas coisas dele que lhe contavam, ia até se esquecendo de que em verdade não era seu pai. Então, recordava a história daquele menino, que dava agora o que falar pela ribeira. Não era seu filho, infelizmente; no entanto, era o filho do homem que mais odiara e cujo corpo palitara com a ponta da faca. Rememorava o seu passado distante, ajuntando as já dispersas lembranças. Sempre, desde os tempos em que acompanhava seu pai às guerras sertanejas, que se lhe entranhava nalma, cada vez mais fundo, o velho ódio de raça e de família contra os Holandas alourados, de olhos glaucos, que dominavam para o sul, aparentados com os Cavalcantis, dos lados do Jaguaribe, que teimavam em assinar atas de eleição ou da câmara municipal com tê-i-ti, riscando nos lugares que o escrivão pusera Cavalcante com tê-e-te...

Os seus eram os Caxiaras e vinham, assim o afirmavam com o maior orgulho, de portugueses e dum chefe índio, que governara os insofridos Paiacus. Ainda o seu cabelo escorria lustroso e as suas barbas nasciam perpendiculares e duras. As maçãs do seu rosto estufavam-se e o tom de cobre que lhe sujava o corpo não era da soalheira, mas sim vestígio honroso da raça primeva e aborígine do

sertão adusto. Ele não era dos que apregoavam nobreza do reino, nem parentesco com os holandeses de Matias Beck e George Gastremann, nem avoengos trazidos por Duarte de Menezes, nem ligações antigas com os fidalgos da Itália, como faziam aqueles tripeiros do Jaguaribe em qualquer reunião onde fossem, levando gente às suas casas para mostrar umas louças pintalgadas de azul, que diziam ser da Índia, e o retrato dum sujeito enfarpelado em vermelho, com uma larga corrente de oiro ao pescoço, que eles apontavam como tendo sido grande coisa nos paços de Lisboa.

Transmitira-lhe o ódio intenso a sua família toda. Nele esse sentimento aumentara dia a dia, até que, por um pretexto de gados sumidos e de marcos de terras derrubados, declarou-lhes guerra. De surpresa, à frente de seus cangaceiros, atacou-lhes a fazenda. Lá só estavam vaqueiros e gente da família. Não esperavam o ataque, mas defenderam-se como heróis. Até as mulheres pegaram em armas. O próprio Delmiro dizia que os fidalgotes tinham morrido como homens. O seu bando numeroso ficou reduzido à metade. Arremeteu, porém, contra a casa, ateou-lhe fogo aos cantos e entrou pelas portas arrombadas, à frente da chusma, ceifando vidas. A pontaços de parnaíba rasgou a tela, onde o palaciano português estufava o peito rubro, e homens, mulheres e meninos, todos foram mortos a faca, a tiro e a coice de arma. . .

A um canto, porém, ainda deitado na rede pequena, com varandas ricas, bordadas pelos cuidados da mãe carinhosa, uma criancinha de meses chorava, rosada, rosada e gorda, em esperneios aflitivos. O Pedro Mulato ergueu a faca sobre o inocente, mas não a baixou. O velho chefe pegou-lhe o braço. O seu coração empedernido amoleceu-se àquele instante. Não pudera dominar a sua emoção. Fora a única fraqueza que jamais cometera. Ele mesmo nem sabia por quê.

Embrulhada numa manta, a criança foi levada para a sua fazenda. Criou-a. Era hoje aquele guapo rapaz de vinte anos, do qual por vezes se orgulhava. Mas logo que se lembrava da sua origem, voltava-lhe o ódio inacabável aos Holandas, aos Cavalcantis, aos Cunhas Pereiras, aos Peixotos e aos Bessas, a todos aqueles que no seu sertão, no sertão dos seus avós, usavam quatro, cinco nomes, arrotando pomposidades de fidalguias ante os seus dois nomes, dos quais um ainda vinha de Portugal, e outro era a ascendência inteira dos tapuias. Nessas ocasiões quase odiava o seu pupilo. Tinha ímpetos de desmascarar-se perante ele: — Sou o assassino de teu pai, de tua mãe, de teus irmãos, de teus parentes e acostados! O incendiário de tua casa e o saqueador dos teus bens e o homem que poluiu as mulheres de tua raça! Mas como sou ainda mais forte do que tu, morre!

Vivia, assim, de alternativas: ora, num esquecimento daquela velha história, revendo-se no discípulo que fizera; ora, a lembrar-se dos inimigos passados, odiando o filho dos seus antagonistas. Ele era no físico o retrato ignóbil da raça, mas no moral fora até bem pouco, estava convencido, o seu retrato, porque ele o fizera sem entranhas e sem pavor. Até bem pouco, porquanto há dias impedira o Pedro Mulato de matar os filhos do Batista, na tomada sangrenta da fazenda desse seu inimigo. A sua generosidade inconsciente naquele momento ficou o pesadelo do velho. Ali estava no moral do pupilo a qualidade primordial da ascendência paterna. E o velho Delmiro tremia, só de pensar que o Dudu chegasse um dia a saber por portas travessas da história do seu nascimento. O Pedro lhe afirmara que o seu gesto generoso fora o gesto do Manuel de Holanda, no Oriá, salvando da morte, depois de luta rude, os restos dispersos do inimigo derrotado... A esse Manuel de Holanda, pai do Ludu, chamavam o Gurari, nome dum pau duro e espinhoso, qualidades que tinha na luta com seus inimigos.

Nessas cogitações perdia-se o velho cangaceiro, quando o Mulato, sentando-se-lhe ao lado, a adivinhar-lhe no rosto o que pensava o cérebro, tornou-lhe a falar sobre aquele ato do Dudu no assalto da casa do Batista. Era já a décima vez que, como velho servo dedicado, abria os olhos do amo. Ah! ele tomasse cuidado, se um dia o menino soubesse da sua origem e da morte dos pais. Então matá-lo-ia, embora fosse ele o seu pai de criação. Estudava a sua fisionomia e dia a dia notava que nela não se pintava amizade pelo pai. Antes ali vinham reflexos de uma antipatia íntima, que o próprio rapaz não se explicava e, debalde, queria banir. O melhor meio era matá-lo. Poupava-se o Coronel a desgostos futuros. Ele estava pronto a fazer o serviço.

Conversaram assim algum tempo. Depois o cangaceiro afastou-se e o Coronel ficou a meditar, o queixo preso nos dedos crispados.

Mas estrugiu no samba o barulho duma disputa. Os valsistas encostaram-se trêmulos às tacaniças. Mulheres gritavam. Dois caboclos fortes, cangaceiros do Coronel, por um motivo fútil e injusto queriam furar o bucho dum pobre homem, aparentado ainda aos Cavalcantis. Insensível, antes gozando ainda no seu ódio, o Coronel não se interpunha entre o infeliz transido de medo e as facas nuas dos dois valentões. Ninguém se mexia. Então o Dudu, tirando um peia-boi do seu prego na parede, brandiu-o no ar, e, duro, firme, chispando fogo dos olhos agateados, apontou aos miseráveis a porta da saída. Não ousaram desobedecê-lo. Saíram resmungando. O Coronel pôs-se de pé, raivoso, resmoendo o bigode. Aquele gesto punha-lhe fim às cogitações. Decidia-o. Com um sinal chamou o Mulato e deu-lhe uma ordem ao ouvido.

Já manhã, com o sol de fora e pássaros cantando nos matos doirados, ao lento passo do castanho, o rosto amarrotado da noite de folgança, o Dudu regressava à casa, mastigando a ponta apagada do cigarro de palha.

Súbito, dum fechado de umarizeiras partiu um tiro de lacambeche.[36] Abriu os braços e caiu de lado no chão duro, com um baque surdo. Não deu um grito, não teve um estremeção. A bala varara-lhe o peito. Espantado ao tiro e à queda do cavaleiro, o cavalo desembestou aos galões pela estrada em fora, em busca da fazenda...

[36] Nome sertanejo das antigas espingardas de pederneira (*Nota do autor*).

EMBOSCADA

A Mello Morais Filho

> Mais tarde, regressava com sua força, ao lado duma moriçaba, quando ao enfrentar uma moita, no lugar Mangabeira, meia légua distante de Lavras, uma bala, partida do mato, o derrubou do cavalo, instantaneamente morto!
>
> J. BRÍGIDO: *O Ceará.*

APESAR dos seus melhores amigos o haverem prevenido com provas cabais que o Inácio de Albuquerque pusera assassinos de tocaia no percurso que tinha que fazer de Umari ao Iguatu, o Estêvão de Matos não recuou da resolução que tomara. Ir àquela cidade sertaneja a cavalo, varando o sertão inóspito, representava para ele um compromisso de honra. Havia prometido à firma Ricarte Irmãos saldar as suas dívidas no dia 30 do mês. Os seus negócios de gado em Pedras de Fogo tinham dado lucro suficiente. Possuía o dinheiro necessário ao pagamento das letras que os Ricartes guardavam. Eles lhe haviam emprestado aquelas somas para salvá-lo duma situação aflitiva nos seus negócios. Pusera-os em dia, só lhe restava agora desobrigar-se da promessa. Não haveria forças humanas capazes de o demover. Nem mesmo aceitava o alvitre de mandar pagar por outro. Iria em pessoa, para mostrar à firma que era homem de palavra e para mostrar ao Inácio que não lhe temia os cabras traiçoeiros e a vingança mesquinha.

A mulher, em lágrimas, rojou-se-lhe aos pés; os filhos pequenos suplicaram-lhe em vão. Marcou o dia da partida. Deu ordens severas para milhar bem o cavalo ruço e preparar um mocó de sustância. Destemeroso, honesto e franco não se arreceava de outro homem. É verdade que dum tiro certeiro de espera ninguém se livrava. Mas ele "sabia onde moravam os mocós". Era vaqueiro velho, cheio de mocambos, conhecedor de negaças. Andara uns tempos atrás de cangaceiros, guiando destacamentos. Tinha plena confiança em si.

No dia marcado seguiu viagem. Partiu de manhã, mas não se embrenhou logo nas catingas. Algum esculca o havia de ter espiado e logo corrido a levar a nova aos assalariados das emboscadas. Parou fora da vila, em casa do Matias Florindo, escondeu o ruço na casa de farinha e ali se ficou a parolar com o amigo até a boca da noite. Com o escuro foi embora, levando o animal devagar, a clavina

de repetição passada sobre o arção do *ginete*. Deixou a estrada e meteu-se pelo mato, guiando-se pelas estrelas faiscantes, que avistava por entre a ramaria rala dos paus-brancos. Tinha medo da lua. Nessa noite ela ainda se levantava tarde. Mas ao outro dia nasceria mais cedo e ao outro mais cedo ainda.

Quando ela clareou o matagal, madrugava já. Distanciou-se mais da estrada que seguia paralelamente, avistando-a, às vezes, por entre os troncos lisos. Num fechado de rompe-gibão, mandacarus e umburanas, onde o pasto verde e suculento cobria o chão, tirou os arreios do cavalo e amarrou-o pelo cabresto a um tronco. Depois, fazendo da carona manta e da sela travesseiro, adormeceu ao pé das árvores.

O sol nascia.

Assim viajou mais uma noite e dormiu mais um dia. Na terceira noite de viagem, a lua veio muito cedo. Aquilo contrariava-lhe os planos. Além disso, a catinga naqueles lugares era tão espessa, tão eivada de espinhais, tão acidentado o terreno, de barrocas, pedras e fojos naturais, que só teve um remédio, depois de experimentar o trânsito do mato em várias direções, que foi ganhar a estrada larga e seguir por ela, lento, de ouvido à escuta e olhos à espreita.

O luar claro escorria pelos troncos alvos e fazia das resinas transparentes lágrimas de luz. Altas, imóveis, as frondes das árvores destacavam-se na claridade do céu. Mães-da-lua gargalhavam ao longe, muito ao longe.

Os olhos argutos do Estêvão notaram que numa gameleira grande, entre dois grossos ramos em forquilha, as folhas eram tão chegadas que por entre elas não se coava o luar. Parou o cavalo e apontou a clavina para aquele escuro da folhagem, na desconfiança instintiva em que vinha de homens atocaiando-o das moitas e das copas das árvores. O tiro partiu, ecoando nos pedregais. E um vulto de homem tombou mole, lá do alto, a escabujar na estrada branca.

Do alto de outra árvore mais adiante veio uma voz de homem, dura e cortante no silêncio daquela solidão.

— Mataste, Chico?

O Estêvão estremeceu. A emboscada era de dois. Que havia de fazer? Se falasse, o salafrário conhecer-lhe-ia a voz e fugiria a prevenir o amo vil da morte do companheiro. Se não falasse, o miserável desconfiaria, havia de tentar espiar o que se passara e iria dar o alarma à chusma acanalhada dos bandidos do Inácio, ou do seu esconderijo talvez o prostrasse com um tiro bem dado. Essa hesitação durou um instante. A sua grande calma ante os perigos salvou-o, ajudada da fertilidade do seu espírito aguçado e todo sutilezas. Soltou um assobio arrastado e discreto, chamando o outro:

— Fô - fi - i - i -ô - ô - ô. . .

Ligeiro, apeou-se do ruço e ficou de pé, de clavina aperrada, no meio do caminho iluminado, ante o corpo do cangaceiro. O outro veio, cauteloso. Ao avistá-lo na claridade do luar, levou a arma à cara. O tiro partiu e o bandido caiu de joelhos, com um grito. Depois tombou de frente no barro, estorceu-se alguns segundos. Aquietou-se por fim.

Ao seu grito, só o eco respondeu. Nem uma voz soou nas espessuras das moitas ou baixou da ramada das umarizeiras. Pesou um grande silêncio no sertão enluarado. O Estêvão montou o ruço. Acendeu o caximbo e largou veloz pela estrada em fora...

ALMA SERTANEJA

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)
(Da Academia Brasileira de Letras)

ALMA SERTANEJA

(Contos tragicos e sentimentaes do sertão)

Editores
BENJAMIM COSTALLAT & MICCOLIS
AVENIDA RIO BRANCO, 127 — RIO
1923

A
LUIZ MURAT

COBRA É O DIABO!...

O ACAMPAMENTO ficava perto, além duma serrota pedrenta e nua de árvores que apontava por trás dos carrascais verdes e pujantes naquele ano de inverno farto. Como o sol descia e rapidamente seria noite, eu e o Luiz Fusco, cafuz alto, azeitonado, nada feio, de fisionomia expressiva, voltando de caçar marrecas na lagoa do Lemos, apressávamos o passo. No mato, havia já sombras espessas sob as copas e, nos ramos altos, laivos de púrpura do ocaso. Começavam os espaçados pios agourentos dos caborés e naquela tranqüilidade desusadamente crepitavam as nossas rudes alpercatas, esmagando o saibro grosso da vereda.

Espingardas ao ombro, seguras pelo cano, a coronha no ar, à maneira sertaneja, às costas a roda de marrecas e preca-paras mortas, úmidas de água e sangue, caminhávamos silenciosos. Uma, ou outra vez, o Fusco fazia em voz alta reflexões de caçador experimentado, quase sempre em meu desfavor:

— Ih! Virgem Maria! "Seu" moço foi quem Deus deixou neste mundo "mode" gastar pólvora a toa... Atirou na lagoa que foi um desespero! Vinte e cinco tiros contei eu e só matou oito patinhos...

— E você?

— Ih! Eu é outra coisa. Pólvora custa dinheiro e gente pobre não pode gastar sem conta. Escute, "seu" moço, dei quinze "papoucos" e trago seis marrecas, quatro preca-paras, um putrião, um socó-boi e um carão, ao todo quatorze bichos!

— Alto lá! Que conta é essa? Quatorze não, treze somente.

— Ora, "seu" moço, conto o carão por dois e vale bem, que é o bicho mais custoso de matar. Vosmincê nunca matou um carão na sua vida! Bicho espantado, "danisco", pior que barbatão mocambeiro. Só chegar perto dele é um "poema"!...

O "cabra" era "prosa" como quê e tinha desses termos petulantes, ou estapafúrdios, a cada momento. Eu ria e continuava a marcha,

apressado. Subimos uma lombada de cômoro, semeada de jataís pequenos, raquíticos, no meio dos quais sobressaíam as folhas branquicentas dos toréns. Uma coruja rasga-mortalha gargalhou pavorosamente na solidão. O Fusco gritou:

— "T'esconjuro", agouro!

Depois, o silêncio pareceu maior. Descemos o outro lado do cerro, que dava sobre estreito e alongado vale, despido de arvoredo, verdadeira varjota alcatifada de junco, orlada de sabiás pequeninas. Avistávamos a fogueira do acampamento e vultos de homens passando à frente da sua luz intensa. Quase noite, calma completa e a fumaça subindo no ar, linheira como uma diáfana coluna branca. Mas um silvo vibrou sinistramente, adiante, no caminho. O sertanejo parou de súbito, narinas dilatadas, olhos vivos percorrendo o chão. Apontou-me uma mancha mais escura que o barro do solo e que parecia mexer, a uns oito metros de distância. Mal a distingui.

— Cobra é o diabo! disse ele.

Levou a lazarina ao rosto e deixou-a cair na sua melhor posição de pontaria. O tiro partiu. A mancha escura distendeu-se e logo se imobilizou. Fomos ver o que era e levantei com o cano duplo da Flaubert uma cascavel de mais ou menos sete palmos e catorze anéis no chocalho, que estava de tocaia na vereda. O cafuz tomou-lhe a cauda nas mãos, contou esses anéis e exclamou, mostrando num grande riso os dentes brancos como marfim:

— Cada anel é um ano de idade. Quatorze anos esta diaba!

Levamos a serpente morta para o acampamento.

Mais tarde, a lua saiu de trás da serra. Seu rosto, olhando de cima dos íngremes contrafortes da cadeia do Gigante, espalhou o prateado perfume de sua luz à face de todas as coisas. Como que um mistério novo cobriu a natureza inteira. Na ânsia de senti-lo, deixei a barraca e fui sentar-me na relva, debaixo de vigoroso mulungu, de cuja embastida folhagem minha presença espantou pesado corujão da mata. Fiquei ali profundamente distraído. Da lua sobre o tapete de juncos da varjota e sobre as ramarias aveludadas desciam véus intensos, tecidos de luz esverdeada, dando a tudo uma tal suavidade de tons que encantavam os olhos infatigavelmente. Tudo parecia delicioso na noite mágica e até o uivo esganiçado das raposas subia no ar luminoso como uma vibração estranha e ao mesmo tempo harmônica com a paisagem dormente.

Todos os caçadores dormiam, ressonando alto. Longínquo berro de onça veio das quebradas da serra, cujo vulto imenso o luar diluía no horizonte, acordando-me da meditação. Relanceei o olhar em torno e dei com o Luiz Fusco acocorado, fumando, a dois passos de mim.

— Você não vai dormir, Luiz?

— "Inhor" não. "Seu" moço está acordado e eu vou ficando por aqui, "mode" vigiar. Isto é lugar de muita cobra e cobra é bicho do diabo!

— Quem lhe meteu na cabeça que aqui tem tanta cobra assim?

— Ih! eu sei. Tem mesmo. Tem que é coisa por demais. Este mato está cheio de jararacas, corais, cascavéis, caninanas e cobras de veado. Infelizmente, só não tem papa-ovas, que são as que comem as outras. Escute, "seu" moço, já morei aqui pertinho, na Ipueira do Gonçalo, detrás daquele cerrado de bálsamos e trapiás. Ainda lá devem estar os restos da minha tapera. Eu tinha no copiar uma cangalha velha, que era a minha ratoeira de apanhar cobra. Todas as manhãs, a gente levantava a cangalha e achava debaixo, enroscadas, uma, duas ou três bichas. Prendia-se cada uma à ordem de São Bento, e marrava-se o pau na cabeça até matar.

Sorri. O "cabra" mudou de posição, sentou-se numa das raízes do mulungu, bateu o cachimbo apagado, tornou a enchê-lo e a acendê-lo. Tirou duas fumaçadas e continuou:

— Creio que tenho o destino de morrer de cobra, mas também tenho matado tantas! Ainda "sturdia" me aconteceu uma! Virgem Maria! Foi nos mocosais da Serra Negra. Estava caçando mocós e escondi-me em riba daquela fenda estreita que divide a ponta da serra, como se lhe tivessem dado uma machadada. Espiei primeiro o lugar. Fervilhava de mocós! Nem cortiço de inxuí, quando se acende fogo "mode" espantar as abelhas. Escondi-me, como ia dizendo, e rocei dois pauzinhos, a fim de imitar os guinchinhos dos bichos e chamá-los fora da toca. Fiz pontaria no maior que vi e dei o tiro. Vosmincê sabe que tiro em mocó tem de ser mortal, senão ele foge, arrastando as tripas, e vai morrer dentro do buraco, onde não há cristão de juízo que enfie o braço. É sempre esconderijo de cobras. Elas são doidas por mocó.

O chumbo matou-o, mas ele rolou na beirada da grota e caiu lá embaixo. Tornei a fazer a chamadinha. Vieram ver o que era. Fiz fogo noutro. Tornou a rolar no corte. Então, cheguei à beira e olhei. Os dois bichinhos estavam presos a uma ponta de pedra, ao meio da descida. Resolvi ir buscá-los. Larguei a espingarda e comecei a descer entre as duas íngremes paredes, sustentando-me com os pés e as mãos num lado e noutro, todo arreganhado "que nem" Judas na forca. Assim, fui me chegando ao lugar onde estava a minha caça e a perdi sem poder fazer a menor ação. Sempre digo que cobra é o diabo! . . . Mal me preparava para largar a pedra dum lado, estender a mão e apanhar os mocós mortos, à minha vista, uma caninana de mais de uma vara de comprimento sai dum buraco e come com toda a calma os dois, um depois do outro. E eu, entanguido entre as duas paredes, sem nada poder fazer, dando até

graças a Deus e ao senhor São Bento que ela me deixasse em paz. Credo! Nunca passei por "agonia" maior, "seu" moço! Tornei a subir como tinha descido, de mãos abanando e furioso por não ter podido dar cabo daquela maldita ladrona. Porém vinguei-me dela. Matei terceiro mocó, atirei-o na tal ponta de pedra e fui de espingarda carregada para a beira do precipício. A danada veio pelo paredão, de língua de fora. Com uma boa carga de chumbo, esmigalhei-lhe a "caixa do pensamento"!

Larguei a rir, como rira do "poema". O Luiz olhou para mim muito sério e prosseguiu, agora sob o peso de imensa tristeza:

— Mas meu destino é morrer de cobra. Meu coração adivinha. É capaz até de ser hoje mesmo, pensei lá no caminho, quando a coruja rasga-mortalha largou aquela risada. A cascavel de tocaia deu-me mesmo um "batecum" no coração. . . Cobra é o diabo!

Vasta manada de nuvens negras, tangidas devagarinho pelo vento nos campos iluminados do céu, cobriu o rosto da lua e encheu de trevas o sertão. Era tarde. Levantei-me, dizendo:

— Bote fora os pensamentos ruins e vamos dormir, Luiz. Boa noite.

O homem ergueu-se, deu alguns passos atrás de mim, os pés dentro das tiriricas rasteiras e, antes que me respondesse o boa-noite, soltou um grito:

— Ai! Diabo!

Levantava o pé esquerdo, segurando-o com as mãos. No escuro nada se via. Risquei um fósforo e divisei perto do artelho uma diminuta picada vermelha. Ele pôs nos meus olhos espantados os seus estranhamente calmos e disse com resignação:

— Eu não lhe disse, "seu" moço, cobra é o diabo! . . .

Quem passa hoje pela varjota do Acampamento, como é chamada, vê, à sombra de frondoso mulungu, toucado às vezes de frutos rubros, uma cruz de madeira tosca, rodeada de pedras. É o túmulo humilde do maior matador de cobras do sertão — Luiz de Assunção Carneiro, apelidado Luiz Fusco.

Orem por ele.

MARIALVA SERTANEJO

UM TOURO GRANDE, cor da treva, de aguçadas pontas ligeiramente recurvas. Chamava-se Azulão, como o pássaro do mesmo nome, que também é negro. Talvez o apelido lhe viesse dos reflexos espelhantes do pêlo à luz do sol, que às vezes davam levemente a impressão do azul. Animal bonito e, sobretudo, famoso. Conhecia-o de nome o sertão todo, como o mais terrível e mocambeiro novilho dos que o coronel Paulo deixava amontados pelas serrotas, a fim de prometer prêmios aos vaqueiros que os trouxessem mortos ou vivos, quando o tempo, a perseguição e a liberdade os tornavam verdadeiras feras.

Todos os anos, após a ferra do gado, o grande fazendeiro escolhia um novilhote entre os mais possantes e dava ordem para abandoná-lo nas catingas aos seus instintos. O animal ficava selvagem e ele tentava a vaqueirama das ribeiras próximas a dar-lhe caça. O vaqueiro que lhe trazia a "bassoura" do barbatão morto a tiros, ou o próprio pegado a laço, derrubado a "mussica" recebia cinco patacões de velha prata portuguesa e divertia-se em grande festa, na fazenda, durante a qual os melhores cantadores o louvavam ao pé da viola. Havia quarenta anos que o coronel se dedicava a esse folguedo, começado logo que herdara as terras do pai, aos trinta de idade. Mas nunca espicaçara os sertanejos dos arredores atrás de bicho mais terrível que o Azulão.

Aquele touro bravo era o pior de que havia notícia nas tradições do sertão. Rápido como o pensamento e valente como as armas, já matara dois cavalos de campo e estripara um vaqueiro. O coronel Paulo prometera vinte patacões a quem o trouxesse vivo ao seu curral, cuja cerca de pau a pique, no alto dum teso[1] se mirava nas águas vagarosas do rio.

---

[1] Evidente: no sertão nordestino, não há a palavra *teso*, na acepção substantiva. O emprego por G.B. há de ter sido influência de cronistas portugueses, sobretudo João de Barros.

Dois vaqueiros irmãos, os melhores campeadores da região, Matias e Teófilo Sussuarana, puseram-se-lhe no piso, deram-lhe quedas e mais quedas nas várzeas para onde o tangeram e, depois de o fatigarem, o laçaram, trazendo-o para o curral, de madrugada, dificilmente, enleado em peias, de "mascára" e chocalho, para maior vergonha de sua derrota.

Mal o dia amanheceu, preveniram o coronel que o Azulão estava ali. Saiu de casa radiante, os lábios vermelhos sorrindo entre as revoltas barbas brancas, e foi olhar a fera cativa, encerrada no menor dos currais de apartação, laivado o dorso negro de arranhões, olhos afuzilando por trás do couro cru da "mascára", escarvando o chão, enervado pelo contínuo tinir do chocalho aviltante. E deu ordem para se convidar muita gente à festa que celebraria, desde a tarde até alta noite, o triunfo dos dois rapazes.

Horas depois, à sombra das árvores do terreiro, não havia mais lugar para amarrar cavalos. Celeremente se espalhara a nova da captura do animal e toda a vizinhança vinha ver o "fama" da ribeira.

O vento da tarde começara a rumorejar devagarinho na folhagem dos comarus e dos frei-jorges robustos, que circulavam o pátio, e a ardência do sol diminuíra, quando o cativo começou a dar sinais de terrível fúria. Passara o dia sempre escarvando o solo, porém embezerrado, acuado a um canto, olhos em brasa. Agora, não. Arremetia contra os "varaus" da porteira, agitava o "cupim", marrava a cerca, mugia lentamente, babava-se, estremecia todo, a complicada musculatura sacudida em crispações fugazes e violentas como descargas elétricas. E os olhares humilhantes de dezenas de vaqueiros, trepados nos moirões, excitavam magneticamente o animal prisioneiro.

O fazendeiro contemplava os progressos rápidos daquela raiva e, de repente, obedecendo ao seu temperamento estouvado e ardente, gritou:

— Duzentos mil-réis aos que pegarem o bicho a unha, dentro do curral!

A soma era por demais tentadora. Aqueles homens nunca tinham visto tanto dinheiro. Todos os olhos faulharam de cobiça. O vaqueiro da casa fez *correr* alguns paus da porteira, convidando sorridente:

— Vamos! Quem é homem para entrar?

O Azulão pareceu adivinhar o que contra ele se preparava. Recuou, babando mais, até o fundo do curral e ficou novamente imóvel, pontas em riste, sacudido pelos estremeções nervosos. Sentia-se de longe o fogo do seu olhar.

Os vaqueiros silenciosos, emocionados, olharam-no e não tiveram coragem de entrar. Então, o velho apregoou, sorrindo:

— Dou os mesmos duzentos mil-réis a quem o atacar peito a peito e o matar a faca!

Outra vez, o vaqueiro da casa fez o convite irônico:

— Vamos! Quem é homem para entrar?

Os vaqueiros levaram as mãos, maquinalmente, aos cabos das afiadas parnaíbas e logo as deixaram cair, sem ânimo de dar um passo. Os mesmos que o tinham perseguido e pegado no mato não ousaram mais que os outros. No campo, na primeira luta, o touro não tinha ainda a fermentada cólera de agora. Vendo aquela indecisão geral, o coronel encolheu os ombros e falou, com desprezo:

— Vocês são todos uns maricas! Súcia de medrosos!

Foi como uma chicotada que os vergastasse a todos, nas faces! Aqueles homens rudes, de rostos abaçanados sob os grossos chapéus de couro, não se atiraram ao insultador detidos pelo respeito feudal ao ancião, senhor da terra e do gado. Porém um, mais jovem e audaz, replicou:

— Se vosmicê não entra também, coronel, é tão medroso como nós.

O velho caminhava já para casa, em cuja alpendrada a mulher e a filha o esperavam para jantar. Deteve-se e fulminou o rapaz com um olhar formidável, arrancou do cinto do homem que lhe ficava mais próximo a comprida faca de arrasto e disse, serenamente, ao seu vaqueiro:

— Jerome, abra a porteira!

Fez-se grande silêncio. Ao fundo do curral, o touro negro arfava. E diante dos vaqueiros, respeitosamente descobertos, aquele homem de setenta anos de idade, de longas barbas brancas, penetrou sem medo no recinto temível!

A mulher e a filha deitaram a correr, gritando, da casa para os currais; mas, quando ali chegaram, já ele estava no meio do cercado, de faca nua na mão, olhando corajosamente o touro. Ninguém se atrevia a dar uma palavra. Pareciam suspensas as respirações e os arrulhos distantes das juritis ecoavam como gemidos fúnebres.

O Azulão distendeu a poderosa musculatura num salto felino sobre o fazendeiro, que evitou o bote, pulando de lado e golpeando-lhe com a faca o pescoço de aço. Num repelão, o monstro voltou à carga. Já o velho se encostava à cerca, defendendo as costas. Veio sobre ele numa investida delirante, não lhe dando tempo a esquivar-se. Houve um arrepio; depois, um grito de horror da assistência inteira.

O animal cravara as pontas finas no ventre do ancião, comprimindo-o de encontro aos moirões. Viu-se-lhe o braço nervudo erguer e abaixar a lâmina espelhante. Então, ficaram imóveis o homem e o touro.

Todos precipitaram-se no cercado e, quando se aproximaram do grupo petrificado, viram que o coronel estava morto, trespassado pelos chifres, cujas pontas fundamente se cravaram nos madeiros. Por isso, mantinha-se de pé o imenso corpo do Azulão; mas as pernas traseiras pouco a pouco cediam até que a vasta mole de carne e músculos abateu de vez. A facada do fazendeiro fora certeira e mortal: penetrara em cheio no cabelouro!

O COME-GENTE

ALI À ENTRADA DA MATA do Custódio, entre apertados barrancos, havia uns restos de casa de taipa, cheios de lagartixas que se aquentavam ao sol. Olhando-os, o João Bicudo contou-me pavorosa estória da seca dos dois zeros.[2] Mil e novecentos fora, com efeito, um dos anos mais calamitosos que têm desabado sobre o sertão cearense e o que me narrou o velho comboieiro era de arrepiar couro e cabelo. Credo!

O sol dava em cheio na mataria orvalhada e as rolas caboclinhas tatalavam nas moitas crespas. Havia cabeças vermelhas de galos de campina, como pequenas flores rubras inquietas num galho baixo de jeremataia. E numa fazenda próxima cantava um galo. Imaginem se tal história fosse dita em tempo de seca, no silêncio, na solidão, sob a canícula atroz, entre os esqueletos das árvores e a poeira fina das folhas mortas, servindo de leito às ossadas das vacas! Com aquela vida e abundância a coisa foi tétrica!

O Bicudo passara a perna, como mulher, no cabeçote da sela de campo, curvara o corpo magro para diante, enchera o caximbo de mapinguim e, cuspindo a cada momento, por entre os dentes, para um lado, enquanto o seu pedrês espantava com a cauda comprida as mutucas e meruanhas que lhe ferretoavam as ancas, desfiou lentamente o horror. Ouvia-o de pé, encostado ao cavalo castanho, divertindo-me a matar-lhe, na tábua do pescoço, com o largo peia-boi, as moscas bravas que o mordiam.

— Escute, "seu" cadete,[3] nesse tempo eu nem era mais comboieiro. Minhas quatro burras e mais três éguas que alugava ao compadre Deodoro da Saracura, tudo tinha morrido. Não havia gado nem

---

2 No Ceará, até o final do século passado, as grandes estiagens eram assim denominadas: *dos dois setes, dos três oitos, dos dois zeros.*

3 A expressão, que acreditamos tenha sido observada por G.B. no falar sertanejo do seu tempo de menino, pode ser de influência colonial francesa: mais moço, rapaz, por extensão.

animal que escapasse! "Isorde" desgraçado! Podia-se botar rama de juá para eles, mas era trabalho perdido, perdidinho da silva! Os pobres bichos não tinham água "mode" beber! Virgem Nossa Senhora! Virgem Nossa Senhora!

Aqui esta tapera foi uma venda do filho do Papavento. "Seu" cadete conheceu o filho do Papavento? Era um "sarará", o Cristóvão, que morreu todo inchado, nos Almazonas.

— Não. Não me lembro.

— Era bom camarada e homem até ali. Parecia "empambado", por causa da cor dele mesmo, porém era valente que nem onça e sem gabolice. Não tinha farofa e nas ocasiões precisas brigava como bicho.

Como ia dizendo, ele tinha uma venda aqui, de cachaça, farinha e rapadura. Eu não possuía mais nenhum animal de carga, não senhor. Resolvi ir de muda para o Iguatu, onde havia mais recursos. Bati a porteira do curral, espiei com os olhos cheios de água para a minha choupana, onde a mulher morrera de bexigas no princípio da seca, acertei nos pés as "alpragatas", pus a tiracolo o "patuá" com restos de farinha, sacudi a lazarina no ombro e desandei de rota batida para estas bandas.

"Seu" cadetinho da minha alma, cheguei aqui na vendinha do Cristóvão com dois dias de caminho e fome velha, sem ter encontrado um bicho do mato, de pena ou de pêlo, "mode" matar e comer. O Cristóvão estava preparando os urus para ir embora também, mas fez negócio com minha lazarina. Troquei a coitada por meia terça de farinha e três rapaduras. Foi negoção!

Quando tomei o caminho aí dessa mata, que era uma garrancheira preta, medonha, o filho do Papavento botou a mão no meu ombro, bem aqui assim — "seu" cadete, eu estou repetindo palavra por palavra o que o desgraçado me disse — e me perguntou:

— Você tem amor à vida?

— Tenho sim, respondi.

— Pois se tem, Bicudo velho, rodeie pela estrada do Fundão e ganhe o caminho da Forquilha. Por aqui é mais perto, porém muito mais perigoso. . .

— Perigoso por que, homem de Deus? Tem muita cascavel, ou onça esfomeada?

— Tem pior! disse ele, os olhos nos meus olhos, falando sério. Tem o Luiz Zambeta que ficou maluco de fome, depois que os filhos morreram de doença e de não comer. Dizem que se meteu nuzinho em pêlo aí na garrancheira da mata, com uma faca na mão, e deu para comer gente. Virou de novo caboclo-brabo![4] O delegado do

[4] Referência evidente à antropofagia ancestral indígena.

Iguatu passou por aqui à procura dele e disse que ele é mesmo um "estropófogo"! Maria Santíssima! Já três retirantes do Pindoba, que foram atravessar a mata, não chegaram do outro lado... E o Gonçalo da Florinda também desapareceu!...

— Eu não sou morredor, não, "seu" cadete, mas fiquei frio! O sol descambava por detrás da Serra Verde e a noite ia me pegar no meio da mata! Mas, si eu "arrepunasse",[5] o diabo do Cristóvão era capaz de ir badalar pelo Iguatu que o Bicudo tinha medo do tal de "estropófogo". O Bicudo velho nunca teve medo... Para dizer nunca, estou mentindo, porque nesse dia tive medo mesmo de verdade. Credo! Queria ver quem é que não tinha.

Não dei mais resposta aos conselhos do Cristóvão e fui tocando mata adentro. Já estava no entrançado das garrancheiras e, quando cheguei bem no meio, principiei a ouvir uns assobios me chamando. Eu a apressar o passo e o assobio me chamando:

— Fio! Fio! Fio!

"Voutes"![6] Só assombração! Espiei para todos os lados. Nada. Ia escurecendo, escurecendo, e eu depressa, depressa! E o assobio chamando, chamando:

— Fio! Fio! Fio!

De repente, mexeram nos galhos secos, quebraram gravetos como rês caminhando. Olhei para a direita. Nadinha. Para a esquerda. Valha-me Nossa Senhora! O Zambeta nu como macaco, magro como esqueleto, os dentes brancos alumiando, a faca na mão e me chamando com a mão e com o assobio:

— Fio! Fio! Fio!

Ai! "seu" cadete, o Bicudo velho danou-se para correr. Correu como uma ema e atrás dele ouvia o bater dos pés do Come-Gente na terra seca. E sempre o assobio horrível, chamando:

— Fio! Fio! Fio!

Passando a perna no selim, falei, para me não mostrar assombrado:

— Isso tudo foi sonho, pesadelo de fome, João Bicudo.

O arrieiro franziu as sobrancelhas e replicou:

— Vosmincê diz que foi sonho, porque não viu as desgraças no ano dos dois zeros e não ficou, como eu, até hoje, com a afrontação da carreira com que escapei, que não me deixa ao menos dançar e mais parece "puxado". "Puxado", sim senhor, que o doutor Zé Lopes tem a mania de chamar "aisma"...

---

[5] Corruptela até bem pouco muito comum, nos sertões nordestinos, do verbo repugnar, com o sentido de reagir por omissão.

[6] Também pronunciada *vôte* ou *vôtes*, ainda é muito empregada no nordeste, entre os menos instruídos dos sertões. Indica espanto, raiva, esconjúrio.

O DRAMA DO GURIÚ

NUM VERÃO que passei em pequena casa de taipa e telha, na alva e desabrigada costa cearense, gostava de passear pelos morros que orlavam a praia recurva do Guriú. Mal nascia o sol, já subira o dorso ondulado das dunas e lá de cima olhava as ondas verdes desfazendo-se numa renda de espumas. O céu, sempre alto e inteiramente limpo, alaranjava-se à luz matutina e na planície deserta do mar não se avistava um penacho de fumo, nem uma vela de jangada. Nunca tive maior sensação de solidão do que ali. Parecia que naquele recanto pouco conhecido do litoral da minha terra jamais houvera habitantes. Os grauçás e os maçaricos enxameavam na areia úmida, descoberta pela maré vazante, sem o menor receio da minha aproximação, quando descia das dunas, como animais de paragens onde nunca o homem houvesse pisado e completamente se ignorasse sua crueldade inata. Entretanto, uma vez, encontrei por trás de altas moitas de pinhão bravo, sussurrantes de maribondos de chapéu, restos de forquilhas de antiga palhoça, rodeados de montões de conchas e espinhas de peixe. De outra, da lombada do morro mais alto avistei uma coroa de terra, perto da costa, onde me pareceu haver pequeninas estacas negras. E ansiei por quem me explicasse os dois achados.

Passaram-se muitos dias. Ao alvorecer do de Todos os Santos, fui ao Guriú pescar bagres nas pedras de pequeno arrecife costeiro, em companhia do velho João Caiçara, o mais antigo pescador da redondeza, morador dali a três léguas de areia solta. Indaguei dele se as forquilhas eram, efetivamente, duma tapera de jangadeiro desaparecido e as estacas da coroa restos dum curral de peixe. Respondeu-me a piscar os olhinhos vivos, e as suas pálpebras eram debruadas de vermelho, como se o vento rijo do oceano as tivesse limpado de pestanas:

— As forquilhas são da casa que foi dos Nicácios e as estacas são das cruzes do lugar onde morreram.

Com o braço nu, escuro e nodoso como raiz de mangue, apontou o banco, que o mar descobria:

— Vosmincê conte. São seis, nem uma de mais, nem uma de menos. O mar carregou as travessas das cruzes e só ficaram os esteios de pé. Conheço aqueles paus, um por um, como as minhas mãos. Eu e o compadre Neco do Socó-Boi os enterramos lá, "mode" aqueles cristãos terem ao menos um arremedo de sepultura. Credo! Deus lhes fale nas almas!

Pedi ao velho pormenores do drama que adivinhava e ele mos deu, sentado numa pedra, o cachimbo apagado e esquecido entre os dedos, enquanto o sol sulcava de luz e sombra as rugas do seu rosto, cor de algodãozinho tinto com murici e engelhado como vela de jangada que a calmaria deixa tristemente cair sobre o pau da retranca.

Soube, assim, a história dos Nicácios. Eram uma família de oito indivíduos: pai, mãe, quatro filhos, uma filha, meninota, e um tio velho. Tinham vindo a pé do ardente sertão de Mombaça, famintos, escorraçados pela seca impiedosa. Aboletaram-se naquele cantinho do Guriú, construíram a palhoça com forquilhas de sabiá, varas de cauassu e palhas de carnaúba, e decidiram viver de pescar. Mas nada entendiam da vida audaz e livre do jangadeiro. Não distinguiam sequer os paus da jangada: sabiam lá o que eram bordos e meios. Até podiam pensar que a quimanga de levar comida fosse barril de cachaça, o tauassu de ancorar, amarrado na poita, pedra sem valia numa corda velha, a tapinambaba dos anzóis simples forquilha e a cuia de atirar água na vela uma grande colher de madeira. . . Com o tempo, ajudados da necessidade, em primeiro lugar, e dos pescadores da vizinhança, em segundo, arranjaram raízes de timbaúba, construindo com elas duas jangadas pequenas: um "bote" e um "paquete". Deixaram de alimentar-se somente com mariscos, aratus e bagres do arrecife. Lançaram-se ao mar, quebraram as três primeiras ondas, que são as de respeito, deslizaram sobre os "jazigos" da água traiçoeira e chegaram à força de remos até a coroa, pescando melhores peixes.

Certo dia, toda a família foi pescar na coroa e demorou-se demasiado. A maré encheu, quando descuidados, levando as pequeninas jangadas encalhadas na areia molhada do banco. Ficaram sem meios de voltar e a água crescendo de todos os lados, rodeando-os, ameaçadoramente! Apesar dos sertanejos serem geralmente nadadores, de todos, só o velho Nicácio sabia nadar. Deitou-se às ondas a fim de alcançar a praia e apanhar "bote" e "paquete" que a correnteza lá iria certamente levar. Antes, recomendou que todos de mãos dadas o esperassem sobre a coroa. A água cobri-la-ia, chegando-lhes aos ombros. Resistir-lhe-iam ao embate, apoiados uns nos outros. De-

pois, o mar baixaria de novo. Mesmo que não conseguisse reaver as embarcações, tivessem paciência e esperassem que seriam salvos.

Porém o sertanejo inexperiente da vida praieira não se lembrou do maior inimigo do pescador, o tubarão esfomeado, ávido, pululante naquelas claras águas verdes, que mal sente "o cheiro do homem" vem em cardumes audazes. Enquanto as vagas davam pela cintura da mulher, dos filhos e do tio, enquanto ele, tendo alcançado a costa, procurava às pressas as embarcações, uma multidão de esqualos vorazes surgiu em volta do bando assombrado. O pobre Nicácio ouviu um grito horrível. Olhou e viu as barbatanas escuras dos monstros rapidamente resvalando à flor do mar. A maré continuava a subir. Os infelizes debatiam-se nas águas movediças e os tubarões, virando-se de dorso para baixo, vinham furiosamente, os papos amarelos à mostra, atacar os prisioneiros do oceano!

O Nicácio encontrou o minúsculo "bote". Desesperado, saltou-lhe em cima e impeliu-o energicamente com o remo curto sobre a crista espumejante dos vagalhões. Veio, gritando, em socorro dos seus. Mas, quando chegou à coroa, somente achou, boiando sobre a luzente e impassível face do mar, pedaços de membros ensangüentados, que os cações ainda ferozmente disputavam. Grandes manchas vermelhas tingiram-lhe a pá do remo. E, como doido, continuou de pé sobre o "bote", gritando, gritando, entre o veloz rabanar dos tubarões assanhados!

À tarde, o Caiçara e o Neco, passando ali, deram com ele assim. Deitaram-se a nado e rebocaram-lhe os quatro paus de timbaúba para terra. Caiu-lhes desfalecido nos braços. Voltou a si para contar a tragédia. Depois, chorou e, quando parou de chorar, foi amalucando, dizendo umas coisas pelas outras, fazendo asneiras, até que ficou "varrido", tornando-se furioso à vista de qualquer peixe e passando horas esquecidas a olhar o mar, ou a atirar-lhe pedradas, para matar tubarões talvez. E não durou dois meses.

A ALMA DO TURCO

FUMOSA CANDEIA DE QUEROSENE pousada sobre um mocho de três pernas alumiava o pequeno copiar da casa de João Carrapixo, onde me hospedara com o Macário, meu pajem, encontrando aboletados ali um conhecido vendedor de gado, o Israel do Joá, e dois negros.

A casa era pequena e velha, a taipa toda esburacada e o telhado em petição de miséria, porém naquela erma barranca do rio Quixeramobim, entre o Egito e o Cruxatu, não havia outra. Na alcova dormiam o Carrapixo e a Teodósia, sua mulher, e a salinha era sempre cedida da melhor vontade àqueles que, como nós, súbita cheia do rio impedia de seguir viagem.

Tínhamos armado as redes e fiangos, uns por cima dos outros, nas estacas de aroeira que sustentavam o teto, e, para fazer sono, contávamos estórias de almas. Fora, a chuva açoitava, sem piedade, o matagal gemente.

Os cabritos e cabras da criação do Carrapixo, acossados pelas bátegas de água, abrigavam-se na exígua alpendrada da habitação. Coçavam-se no barro das paredes, ou na porta de umburana-de-espinho, que estremecia toda, chocalhando as dobradiças centenárias, de ferro batido a trouxe-mouxe, e a imensa fechadura de broca. De quando em quando, o fulejo velho, pai-de-chiqueiro, bufava repetidamente. E, à luz baça do candeeiro, via o riso branco de um dos negros, que certamente fantasiava os atos bestiais que o bode, malgrado chuva e vento, cometia.

Quem mais contou estórias de assombrações foi o Israel. Sabia um ror delas, na maioria acontecidas com ele próprio, no sertão distante dos Inhamuns, onde nascera, ou nas suas longas e contínuas travessias entre as ribeiras cearenses e as grandes feiras de gado de Pernambuco, ou da Paraíba. O negociante de bois, pelo que dizia, já tivera relações com o currupira, já vira duas, ou três, burras-de-padre, já desencantara um lobisomem e enconjurara, rente ao

muro do cemitério velho de Campina Grande, uma avantesma branca de três varas de altura e cabeça de galinha!

Ao terminar a narração deste último caso, o preto que ria alvarmente do bufar do fulejo, disse:

— Pior foi o que se deu comigo! Muito "mais pior"! Vosmincês todos podem dizer que é mentira, "mas porém" tão certo é eu me chamar Balbino da Purificação e ter nascido nas Alagoas como ter se dado o que vou contar. Foi numa noite de lua, na fazenda do meu patrão Miranda, na Barra do Valentim. Os matos estavam todos cinzentos e cheiinhos de caburés piando. Só mesmo agouro! Fui ao bebedouro do açude lavar o cavalo do filho do patrão, que chegara de viagem...

O negro calou-se e, lentamente, picou na mão aberta a ponta duma tora de fumo, para encher o cachimbo. Um fio gotejante de água, que a força da chuva aumentava, caía por uma fenda do telhado velho e batia monotonamente no barro socado do chão, onde começava a formar pequena poça. O Carrapixo, que estivera sentado em silêncio, a um canto, ouvindo a conversa, levantou-se, foi à cozinha, trouxe um alguidar de louça vidrada e colocou-o debaixo da goteira. Então, o fio de água bateu no vaso com um pequenino rumor triste. A Teodósia, encostada ao umbral da alcova, mantinha-se sem um gesto, uma palavra, um pestanejar de olhos sequer, impassível.

— Fui ao bebedouro noite de luar, como ia dizendo, prosseguiu o negro. Levava na cintura minha faca enterçada,[7] feita pelos Fernandes do Crato, e uma garrucha de dois canos, carregada com palanquetas. E foi a minha felicidade! Quando desci da parede do "sangrador" para a cerca do bebedouro, coberta de melão-de-são-caetano, avistei a marmota e fiquei logo tremendo de frio, com os cabelos arrepiados! Era uma visagem, a modos dum vulto branco, baixa e grossa, sem tirar nem pôr o corpo da Dorotéia do Ludovico, quando anda para ter criança. Bicho feio de todos os diabos! O cavalo do filho do patrão acendeu logo as ventas e as orelhas, bufou três vezes, pôs-se todinho de pé e, arrancando o cabresto das minhas mãos, desembestou pelo caminho em fora "que nem" maluco! Com o barulho que fez, a assombração, que estava de costas, virou-se para meu lado. "Voutes"! Virgem Maria Santíssima! Era uma carranca medonha, com os olhos de fogo! Risquei mais que depressa o pelo-sinal no peito, puxei a garrucha da cintura e fiz pontaria na coisa. Ela, então, foi estirando para riba, estirando, estirando até que ficou fina e alta como mastro de bandeira de novena! Papoquei-

---

[7] Empregada no sentido de *reforçada*, com a têmpera dos *terçados*, facões especiais para o corte de cana e outros vegetais.

lhe fogo! Quando a fumaceira passou, não vi mais nada e estava com o braço dormente que nem o podia mexer. Credo em cruz! Nunca mais houve quem me obrigasse a ir ao bebedouro de noite.

Antes que alguém desse uma palavra, a Teodósia deu dois passos para o meio da sala e, com a luz da candeia a sombrear-lhe cada ruga, cada linha enérgica do rosto envelhecido, exclamou, olhando-me de frente:

— Tudo isso que essa gente conta, "seu" doutor, é pura mentira! Vosmincê não acredite. Tenho cinqüenta e quatro anos, nasci na era de sessenta e vi meu pai todo amarrado, todo "inquirido", recrutado como voluntário para a guerra do Lopez, lá no Paraguai; porém nunca na minha vida vi rasto de alma nem couro de lobisomem. E só Deus Nosso Senhor sabe por que vexames tenho passado! Raios me partam agorinha mesmo, se acredito em visagens!

— Então, vosmincê crê que só há o corpo da gente, "sá Teodósia"? indagou com fingido espanto o Israel.

— "Inhor" não, moço, continuou ela, dirigindo-se somente a mim e cravando nos meus seus olhos negros de guajiru. "Inhor" não! Eu acredito em Deus Padre, em Nosso Senhor Jesus Cristo, em Maria Santíssima, em toda a corte do céu e nas almas do Purgatório; mas que elas venham fazer besteira na terra em corpo de cachorro, ou de mula sem cabeça, ah! nisso não acredito não!

Passou os olhos com desprezo nos circunstantes e acrescentou:

— Dizem que lobisomem é gente amarela que tomou a figura dum cachorro grande e bate as estradas. "Lambanças!" Isso é até fazer pouco nos cachorros. Eu já conheci um cachorro que tinha mais alma do que muito homem barbado que anda por aí. Foi o Turco. Se eu contasse a estória dele, vosmincês chorariam de pena!

Pedi:

— Conte, dona Teodósia.

Os outros acompanharam-me no pedido:

— Conte, "sá" Teodósia.

O meu arrieiro colocou a candeia fumosa no chão e aproximou o tamborete da velha. Ela sentou-se e falou:

— Quando eu tinha dez anos, morava na vila de Jaguaribe Mirim e na minha casa havia um cachorro grande, que pertencera a meu pai, chamado Turco. Era mourisco, de rabo cortado, para evitar rabugem e não morder de furto, com uma orelha baixa e outra em pé. Eu e meus irmãos tínhamos verdadeira loucura por ele. Brincava a manja e os quatro-cantos com a gente. Nós nos escondíamos e ele nos procurava, como se fosse uma pessoa. Mas minha mãe aborreceu-se muito com ele, porque deu para furtar e espantar as galinhas. Deu-o de presente ao dono dum sítio perto da vila. Choramos muito, porém o homem levou o Turco. Daí a três

dias, o cachorro apareceu em casa, com um pedaço de corda no pescoço. Nós lhe fizemos muita festa e minha mãe ficou furiosa. Entregou-o, então, ao Abraão da Venda, que o carregou para a fazenda de São Gonçalo, daí a trinta léguas. Choramos mais ainda do que da primeira vez. Passou-se mais de uma semana e, certa tarde, quando brincávamos à porta da rua, o Turco veio correndo e latindo do lado do rio, magro como esqueleto, língua de fora, a morrer de fome e sede. A gente agradou-o, deu-lhe água e comida, e andou com ele em charola até a hora de dormir. E minha mãe ficou ainda mais aperreada com o pobre bicho. Pediu-se muito a ela para o Turco ficar em casa e consentiu, com a condição de não roubar mais, nem perseguir as galinhas.

Mas qual! Era mesmo danado e não largou o mau costume. Minha mãe não perdoou e prometeu-o a um mascate, que ia para o Juazeiro da Bahia, de onde nunca mais poderia voltar. O cachorro parece que adivinhou. Quando o procuraram, não o encontraram. Escondera-se bem escondido e só apareceu dois dias depois que o mascate foi embora. Minha mãe jurou que ele lhe pagaria essa. Daí a tempos, um paroara, que voltava para o Amazonas, quis levar o Turco para o seu seringal, no rio Xingu. Na véspera de sua partida, minha mãe mandou amarrá-lo no fundo do quintal. Ele olhava-a, humilde, com os olhos cheios de água, e ela, inquizilada, dizia-lhe:

— Agora, desgraçado, quero ver você voltar para me furtar queijo e matar galinha! Quero ver você atravessar o mar a nado!

A meninada veio abraçar o Turco, chorando. Acredito que ele compreendeu que essa era mesmo a última vez; e, de manhã, quando o paroara veio buscá-lo, estava morto, deitado de lado, todo duro e coberto de moscas!

A Teodósia limpou os olhos na manga da blusa de chita e perguntou-me:

— "Seu" doutor, vosmincê não acha que a alma do Turco era maior do que a de muito homem que não tem amizade por ninguém?

Fiz que sim com a cabeça e todos os demais me acompanharam, menos o negro da estória da visagem, que continuava a rir idiotamente do bufar obsceno do fulejo...

A MOÇA DA SAPIRANGA

ERA TÃO AGRADÁVEL aquele sombrio socavão ao pé da serra da Tucunduba que me deixei ficar sentado numa pedra muito tempo. Um riacho claro cantava nos seixos e as nódoas do sol, cujos raios atravessavam esparsos a ramaria do arvoredo, brilhavam sobre a alcatifa de folhas secas que cobria a terra, ou se perdiam na azulada transparência da água. Uma ou outra dessas nódoas como que boiava na correnteza. No fio de luz que descia por entre a folhagem densa dos maiores galhos duma janaguba, esvoaçavam, zumbindo, abelhas mandaçaias. E na copa das umarizeiras cantavam, de quando a quando, os bentevis-gamelas.

Ali estava tão fresco, tão bom, após a travessia que fizéramos, cortando em diagonal o vale do rio Ceará, desde a fazenda da Jandragoeira, que não tínhamos mais coragem de continuar a viagem interrompida. O Maneco Alves, com quem eu ia subir a serra até a casa do Xico Veado, aninhada ao meio de altos jitós, para negociar um comboio de bananas, acendera o cachimbo de raiz[8] e estendera-se ao pé dum pega-roupa esgalhado, espreguiçando-se. Nossos cavalos dessedentados cochilavam à sombra. Cheguei mesmo a falar em um laço para pegar camarões no riacho. Devia haver muitos, entre as pedras. O Maneco deu um muxoxo e disse:

— Deixe-se de estórias, homem de Deus! Vamos demorar dois dias lá em cima, no Veado, e teremos tempo de sobra para pegar camarões na levada do sítio, que é uma beleza! Olha, criatura: não tem camarão-canela, como esta aqui que já desce para o sertão, mas

---

[8] Não vimos respeitando a grafia de G. B. — *Caximbo,* apesar do pressuposto da intenção sua de manter na palavra brasileira o *x* do original, da língua quimbundo: *quixima.* O mesmo com relação a *coxilar,* que é de idêntica origem. Preferimos ficar com a moderna grafia da palavra.

a gente se farta de camarões grandes da serra, que são melhores, cada aratanha, cada pituaçu deste tamanho!

Sorri e continuei, imóvel, a gozar daquela frescura tão boa. Tínhamos que subir a serra e sentíamos, além das árvores, a refulgente luminosidade da vasta planície sertaneja, por onde passáramos, eternamente queimada pela soalheira. Era no mês de outubro e, apesar de ter sido ótimo o inverno, já se não viam, pelo sertão todo, folhas verdes, senão nas canafístulas e jeremataias, nas oiticicas e juazeiros.

Fazendo um esforço para dominar a preguiça, ia eu dizer ao Maneco que era o momento de seguir viagem, pois o sol descambava muito, quando ele se pôs de pé, rapidamente, limpando as calças de brim listado e as perneiras de sola, com pancadas bruscas do chapéu de couro.

— Que foi? hein, que foi?

— Nada. Sentei-me aqui sem reparar, juntinho duma casa de mombucas, e os diabos das abelhas já me estavam subindo pela roupa.

— Bicho medroso!

— Medroso o quê! Não quero negócios com abelhas de fogo e de ferrão. Olha, criatura, gosto muito de mel, mas cortiço de tataíra, inxu, inxuí, capuxu, sanharão, boca-torta, cobatão e maribondo-de-chapéu nem à mão de Deus Padre vou tirar! Vou lá o quê!

Montamos a cavalo e saudosamente deixamos aquele delicioso recanto. Os animais caminhavam a passo, muito unidos, pela torcicolosa e estreita subida da Tucunduba. Dum lado e de outro, cercas altas de arame farpado, de cinco fios, limitando os bananeirais viçosos, os velhos cafezais tristes. A tarde caía. Voltando-nos sobre as selas, avistamos o sertão imenso, ainda doirado pelo sol e todo emoldurado de serranias.

Numa curva brusca do caminho, surgiu à nossa frente uma cabocla clara, de olhos rasgados e pestanudos. Trazia à cabeça, sobre a rodilha de folhas de bananeira, um pote de água e segurava-o com as mãos, arqueando os braços, o que lhe dava, a certa distância, um aspecto de grande ânfora clássica. Era moça, sadia e fresca como a serra majestosa. A pele, levemente tostada, tinha tons de oiro. O cabeção da camisa, pobre de rendas, mal lhe tapava os seios virgens, pequeninos, redondos e duros como limões doces. Ergueu para nós a face pura e singela, com uma indefinível graça natural, e murmurou:

— Boa tarde, "seus" moços.

O Maneco respondeu-lhe à saudação no mesmo tom. Eu quis dizer uma brincadeira qualquer sobre a tentação daqueles seios e daquela carne rija entrevista pelos rasgões da saia de chita, mas o meu companheiro tapou-me a boca com a mão calosa.

Adiante, sozinhos estranhei-lhe o gesto. Que mal faziam duas palavras amáveis na estrada deserta? Toda mulher gosta de sentir que impressionou um homem, gosta que se apregoem seus encantos. O Maneco ouviu-me e abalou a cabeça, sorrindo:

— Olha, criatura, na cidade, pode ser; no sertão, não.

Aí quem abalou com a cabeça e sorriu fui eu.

— Tanto faz no sertão como na cidade. A mulher é sempre a mesma em toda a parte.

— Lá isso não é não. Olha, criatura, vou contar-te uma história de verdade e por causa dela foi que te tapei a boca, que é lugar por onde o homem morre mais que o peixe. Não gosto de ver suceder desgraça pelo caminho a companheiro meu. . .

Sumira-se o sol além da serra do Camará, no rumo do Boqueirão da Arara. O Maneco afrouxou mais as rédeas no pescoço do cavalo, porque a subida se tornava íngreme, e narrou-me o caso. Fiz o mesmo com as rédeas do meu e escutei-o sem o interromper, de cabo a rabo.

— Olha, criatura, foi no sertão dos Orós que a história aconteceu. Eu andava por esse fim de mundo, em negócios de gado, mais o meu compadre João Balbino, que foi quem situou[9] a grande fazenda do Trapiá. Era homem alegre e folgazão, entrado já na casa dos quarenta, doidinho por um rabo-de-saia, capaz de fazer tudo por causa de mulher e viciado em dizer coisas a todas as cunhãs que encontrava. Uma tarde, indo comigo de viagem, topou no caminho com a filha dum capador de gado que mora ali perto e a gente conhecia de vista. Não era uma cabocla bonita como essa serrana que acabamos de ver. Era lá o quê! Era feia de verdade e tinha sapiranga nos olhos. Mas voltava do açude com o pote de água no ombro, o vestido velho todo rasgado e todo molhado. Os peitos empinados levantavam a fazenda puída da blusa e a gente sentia as pontinhas deles tremendo, quando ela andava. As únicas coisas que aquela diaba tinha de bonito eram esses dois diabinhos! Meu compadre João Balbino ficou todo "laméxa". "Voutes"! Homem danado por um rabo-de-saia! Deus Nosso Senhor lhe fale na alma! Ficou todo assanhado como cupira, quando a gente mete a enxada nas casas de cupim em que fizeram ninho. Espiou, babando-se, para o seio da cunhã sapiranguenta. Ela puxou a blusa descaída, concertou o cabeção, escondeu os bichinhos e, olhando fito para ele, com uma cara zangada de onça, perguntou:

— Que é que você quer, "seu" malcriado?

---

[9] É verbo ainda em voga nos sertões. Segundo Tomé Cabral, em seu *Dicionário de Termos e Expressões Populares*: "deixar em estado de segurança as culturas permanentes ou as que produzem em um ou mais anos consecutivos".

João Balbino, em lugar de ficar calado, respondeu:

— Quero me espetar no bico dos teus peitos, beleza!

Olha, criatura, a moça da sapiranga, ficou branca que nem o oitão lá de casa, parou no meio da estrada, bateu com o pé, enfezada, e repetiu três vezes:

— Se eu fosse homem, você se espetava, mas era na ponta duma faca!

João Balbino largou uma risada e seguimos nossa viagem para os Orós. Passaram-se muitos dias, fizemos nosso negócio e, de volta, nos arranchamos à tardinha, perto da casa do tal capador, debaixo de grande juazeiro. Logo que o sol se pôs, acendemos uma fogueira e armamos as redes. Fumamos e conversamos um bom pedaço. A noite era de luar e, lembro-me bem, como se fosse hoje, as raposas andavam numa vadiação danada! Pegamos no sono com o Setestrelo bem alto. De manhãzinha, quando o sol foi botando a cabeça de fora, acordei e chamei o compadre. Não respondeu. Cuidei que estivesse ferrado no sono, embora não ressonasse. Fiz fogo e coei café. Fui dar-lhe um pouco, na rede, e a panela caiu-me das mãos. O pobre João Balbino estava morto, quase sem manchas de sangue, com um sovelão de coser sacos de couro enfiado todinho no coração! Todo o tempo que levei carregando o corpo dele, atravessado na sela, até o povoado, lembrei-me da moça dos olhos de sapiranga e peitos empinados, que gritava, furiosa, no meio da estrada:

— Se eu fosse homem, você se espetava, mas era na ponta duma faca!

Pensei mais, que agulha de coser camisola ou de coser surrão, pequenina, ou grande, é mais arma de mulher do que de homem... Ninguém me tira da cabeça que foi essa diaba a assassina do meu compadre e por isso não gosto que companheiro meu mexa com mulher que não conheça, pelas estradas.

O Maneco calou-se e esporeou o cavalo, que preguiçava. Eu não disse mais uma palavra até apear no pátio da casa do Xico Veado, que nos esperava diante do alpendre, impaciente, balançando na noite escura um grande lampião de querosene.

OS NORUEGUESES DO SABIAGUABA

O SÍTIO CURIÓ, do capitão Antônio Alexandrino, fica meia légua adiante da vila de Messejana, perto da lagoa da Precabura, que é formada pelo estuário do rio Coassu. De longe, quem o buscar, vindo da estrada do Aquiraz pelos carnaubais gementes das vargens, ou indo da estrada de Fortaleza pelos tabuleiros enxadrezados de veredas, avistará logo a mancha escura do seu coqueiral, dominando os matagais rasteiros. Nenhum outro por ali possui tantos coqueiros, tão altos, tão frondosos, tão belos e tão antigos como esses, plantados ainda ao tempo do capitão-mor dos índios da Paupina, João da Cunha Pereira.

Fora esse o fundador do sítio. Vindo de Goiana, em Pernambuco, comprara ali uma posse de terra e construíra uma casa. Começava o século dezenove. Tempos rudes, naquela remota e áspera capitania do Ceará-Grande. Um chefe de família, fazendeiro, ou plantador, tinha que ser tudo, mesmo ferreiro, mesmo médico, quando fosse preciso. A casa do Curió ainda existe, tal qual o velho capitão-mor a construiu, singela e baixa, com um alpendre à frente. As portas, de rijas madeiras, com dobradiças de ferro batido, grandes e grosseiras, com fechaduras de broca, de palmo e meio de largura, e chaves colossais. Quando a levantaram, não havia na vila nem na capital onde se comprasse um prego-cabral. Até os pregos foram, portanto, forjados na oficina e batidos na bigorna do próprio capitão-mor pelo ferreiro da terra. Tempos rudes! mas a casa centenária de João da Cunha Pereira lá está, abrigando seus descendentes sob as mesmas telhas que o abrigaram, enquanto muitas mais modernas desapareceram sem deixar vestígios.

Não é muita a terra que rodeia essa antiga residência senhorial, com casa de farinha, tendo bolandeira, e primitivo engenho de açúcar; mas é bastante, toda ela delimitada por valados profundos, em cujas bordas se debruçam mangabeiras viçosas e ameixieiras bravas.

Casa e dependências ficam dentro do coqueiral formoso. Para o nascente, alinham-se mangueiras e jaqueiras, debaixo das quais se elevam montões de estrume tirado do curral dos bois de carro ou da estrebaria dos cavalos, que as galinhas vão ciscar. Ao norte, um pomar de tangerineiras, de goiabeiras brancas, de araçazeiros grandes, de dois ou três jambeiros e de uma esgalhada cajazeira. E o passaredo, naquela ramaria, a cantar o dia todo.

O sítio tem uma levada, marginada de ambos os lados por ubérrimo alagadiço, onde se planta cana caiana e crioula, e que termina na orilha de pequena mata, reserva florestal religiosamente conservada numa região que não tem mais um acende-candeia de tamanho suficiente para dar uma forquilha de cangalha. Um ambiente de tradição, trabalho e honestidade brasileira à antiga envolve essa mansão escondida modestamente à sombra dos coqueirais seculares, no seio dos vastos tabuleiros que se estendem entre a Precabura e a estrada de Fortaleza.

Por isso, nos meus passeios por aqueles lados, sofregamente o busquei sempre, como se as horas que ali passava me enchessem de repouso a alma inquieta pela agitação do meu tempo. Oásis de bonança e profunda tranqüilidade aquele velho sítio. Tudo ali me era conforto. Sentado à mesa tosca, conversava com o velho proprietário, o capitão Antônio Alexandrino, que me falava sempre de coisas idas que são, na verdade, as mais belas. Levantava os olhos para o teto de "telhas vãs", contando, por desfastio, os caibros alinhados. Ele acompanhava meus gestos. De repente, meu olhar pousava num velho carretel de madeira, espécie de moitão de navio, preso a uma das vigas de aroeira, que sustinha o telhado, por um torçal de fios brancos. O capitão repetia a mesma estória.

— Este carretel está aí há mais de setenta anos! Eu devia ter uns seis, quando tio Vicente subiu numa escada e o amarrou com aqueles fios de algodão aqui do sítio, fiado pelas mãos de minha mãe. Lembro-me como se fosse hoje. Servia para subir um lampião grande, que clareava a casa toda, nas noites de festa. Depois, todos os moços e moças, irmãos, primos, amigos, envelheceram, morreram, ou procuraram outras terras — melhores, dizem eles — e nunca mais houve festas. . .

Como aqueles fios brancos e fortes, limpa e forte era a alma do ancião. Nunca mudara. Tudo se metamorfoseara em derredor dela. Apareceram a República e o gás; mais tarde, a eletricidade, o automóvel e o aeroplano; mas, no seio daqueles valados centenários, defendidos por eles, viviam imóveis e indiferentes às mudanças, naquele homem, o espírito e o sentimento dos antigos povoadores da capitania. E era isso o que a minha curiosidade de escritor ia procurar na casa vetusta do Curió.

Após o jantar, sentava-me ao lado do capitão, num grande banco tosco que havia na varanda. Formavam-no duas tábuas escuras, de madeira de lei, reunidas, tendo a espaços furos regulares, bem redondos, dos quais metade ficava numa tábua e metade noutra. Os menores estavam aproximados aos pares; os maiores, isolados. À primeira vez que ali me sentara, perguntei a razão daqueles buracos e desde então, um ou outro dia, o capitão repetia a explicação que me dera:

— Isto era o "tronco", quando meu pai foi capitão-mor da Paupina, depois crismada em Messejana. Estava na casa da Câmara da vila, na parte de baixo, que servia de cadeia. As duas tábuas ficavam uma sobre a outra, em posição vertical, presas a mourões de pau-d'arco. Dum lado, unindo-as, uma dobradiça; do outro, duas argolas e um cadeado.

Suas mãos enrugadas alisavam as rudes madeiras, devagarinho. E prosseguia:

— Nos buracos pequenos se prendiam pelas pernas, ou pelos pulsos, certos criminosos, os índios mansos incorrigíveis, os bêbedos e os ladrões de pequenas coisas. Nos maiores, metia-se o pescoço dos que matavam, dos escravos fugidos, dos que salteavam pelas estradas, ou roubavam gado. Menino, ia olhar a sala do tronco, quando meu pai passava tempos na sua casa da vila. Estava sempre cheia de gente. Os presos chamavam-me: "Seu" Toinho, por favor, chegue aqui!" Ia. Um pedia-me um tijolo, para calçar o pescoço, logo acima dos ombros; outro, uma caneca de água; ainda outro, para tirar-lhe do bolso o cachimbo, enchê-lo de fumo, pô-lo à sua boca e acendê-lo. Fazia tudo isso com prazer. E, quando meu pai aparecia — parece-me que o estou vendo — de chapéu armado, suíças e bengalão retorcido, fugia sorrateiramente.

O velho cearense ficava com o olhar parado no espaço, como a ver todas aquelas cenas que evocava, enquanto o alto canto dos corrupiões vinha do pomar e eu, insensivelmente, me levantava daquelas tábuas, em que tantos homens, justa ou injustamente, havia tantos anos, tinham padecido.

Uma feita, além dessas mesmas coisas, contou-me triste caso, ao tocarem suas mãos o buraco grande do centro do banco, como se esse contato lhe tivesse acordado na memória o esquecido acontecimento:

— Neste esteve preso um dia inteiro, pelo pescoço, o Matias do Sabiaguaba. Você conhece o Sabiaguaba, menino? Não, não conhece. É um recanto de praia e bem bonito, por sinal, entre a barra do Rio Cocó e a do Pacoti. Meu pai tinha aí uma posse de terra, onde criava bodes, entregue a um morador de confiança, esse Matias, viúvo, sem filhos, que, numa casinha de palha, vivia sozinho

com Deus. Certa manhã, andando por cima dos morros, avistou no mar um navio desarvorado, que por volta de meio-dia, encalhava no areal. Dele desembarcaram seis homens, ninguém sabe de que terra, porque o Matias não entendeu patavina do que falavam. Fazendo-se entender por sinais, levou-os à sua choupana, onde beberam toda a água do pote e mais a de três dúzias de cocos. Vinham "arados" de sede e fome. O Matias plantara pequeno roçado num baixio. Havia macaxeira dum lado e mandioca do outro. O menino sabe que a macaxeira é o mesmo aipim, que a gente pode comer à vontade; mas que a mandioca embebeda e mata como o pior dos venenos. Pois ele tirou uma braçada de macaxeiras da rocinha, cozinhou-as e deu-as aos marinheiros, que comeram até acabar o último pedacinho. Como pareciam muito cansados, o morador fez-lhe compreender que vinha prevenir meu pai, para ir buscá-los no carro de bois, e ficassem descansando, dormindo na choupana, durante a sua ausência. Veio a pé, coitado! Chegou aqui tarde da noite. Estava tudo dormindo. Esperou que o dia amanhecesse, falou com meu pai, que mandou logo preparar o carro e seguiu na frente, a cavalo, com dois homens. Quando chegaram ao Sabiaguaba, os seis marinheiros estavam mortos no copiar da casa e havia restos de mandioca cozida numa panela de barro! Os desgraçados tinham visto o caboclo arrancar, lavar, descascar e cozinhar as macaxeiras. Tiveram fome, enquanto ele não regressava e fizeram o mesmo, porém com as mandiocas, que só os conhecedores diferenciam das outras. Envènenaram-se. Meu pai preveniu a justiça da capital e mandou enterrar os homens na lombada dum morro, defronte do lugar onde o navio encalhou. Há uns quarenta anos, estive pela última vez no Sabiaguaba e ainda existiam quatro cruzes das seis que o carpinteiro do Curió fez para as sepulturas.

— Então, perguntei, o Matias esteve no tronco por suspeita de ter morto os náufragos, até se aclararem as coisas?

— Qual o quê, menino! Meu pai mandou prendê-lo, porque ajuntou um bando de caboclos, roubou uma caixa de bebidas de bordo do tal navio, apanhou uma carraspana danada e "desmanchou" três sambas, noite de sábado, na lagoa Redonda, perto do Muritiapuá.

Passaram-se meses e tive oportunidade de ir à praia do Sabiaguaba, a cavalo, com um amigo da redondeza. Naquela praia arenosa e batida de sol, procurei vestígios do drama que o velho me narrara. Das seis cruzes somente restava uma e sem braços; mas, em frente, quase sumida na areia, a popa redonda dum pequeno veleiro, na qual ainda se liam estas letras:

S N D . . . .
K R I S T . . .
NORGE

CHIFRE DE CABRA

João Gameleira foi meu pajem, numa triste viagem que fiz entre a Serra Azul e a do Estêvão, durante uma das piores secas que têm assolado o sertão. Era um caboclo alto e claro, musculoso e calmo, cheio de rude ironia para tudo. Nunca o interior cearense produzira tipo mais inteligente e interessante. Paradoxal no seu modo de falar, tinha respostas incisivas, repentinas, em todas as ocasiões. Entendia de todos os misteres daquela região ardente e áspera: castrava e ferrava o gado, sabia mezinhas[10] para os cavalos doentes, benzia "espinhelas caídas", tirava novenas, cantava desafios na toada "ligeira" e na "naturá", conhecia todos os caminhos e toda a gente que por eles trafegava, e, apesar de analfabeto, costumava dizer que, sendo preciso, até dizia missa. Às vezes, porém, no meio da sua constante alacridade, um desânimo o tolhia e ele, abalando a cabeça, exclamava:

— Eu sou chave que abre muita porta e só não abre a que devia me servir "mode" passar... "Mas porém", se não abrir a do céu, ao menos há de abrir a do inferno...

Depois, encolhia os ombros e sacudia fora de si os maus pensamentos. De novo, nos seus lábios carnosos, sob o bigode ralo, floriam sorrisos. E era um gosto ter a companhia do João Gameleira, viajando.

Na travessia das ribeiras calcinadas, nesse ano, passamos dias horríveis, sem água para beber, muitas vezes encontrando cadáveres esqueléticos, que os urubus bicavam e vendo nossas cavalgaduras deperecerem à míngua de alimento. Um dia, no meio de certa várzea estorricada, onde não havia no solo nu uma folha seca e as árvores despidas e negras como que se retorciam de dor, ele, relanceando o olhar pela desolação que nos rodeava, largou esta frase profundamente significativa da miséria que presenciávamos:

---

10 Palavra que, mesmo nos sertões nordestinos, cai progressivamente em desuso. Sinônimo de qualquer remédio. Corruptela do latino *medicina*.

— Qual, "seu" doutor, aqui não tem mais nada com que se entupa um chocalho!

Mais adiante, a copa verde-cinza dum juazeiro heróico alegrou a catinga morta e, junto a ele, uma carnaubeira linheira e alta, a única que por ali havia, dava ao vento sutil da tarde a harpa eólia das palmas. E floresçia naquele deserto, desafiando os horrores da seca!

O Gameleira olhou, demoradamente, a palmeira florida e disse:

— "Qual, "seu" doutor, cada vez a seca vai ser pior!

— Por que, homem de Deus? indaguei.

— Porque carnaubeira quando flora é sinal de seca demorada.

— E quando não flora?

— Qual, "seu" doutor, quando não flora é muito "mais pior"!

Baixei a cabeça, pensativo. Terra infeliz em que a graça natural do rude sertanejo é a zombaria contra a inclemência da natureza com que luta! Naquele agreste sertão, muitas vezes, quando não há seca, desabam sobre gados e gentes flagelos "mais piores": pestes, epizootias, invernos tão abundantes e prejudiciais que se chamam "secas de água".

Depois que me acolhi à serra do Estêvão, dispensei o pajem. Ele voltou para a fazendola onde morava, à margem do Banabuiú. Passei mais de um ano sem vê-lo até que o encontrei na feira do Quixadá, vendendo um cavalo fouveiro, "bom de carga e de sela como ninguém".

Estendeu-me, satisfeito, a mão calosa. Apertei-a com prazer e perguntei-lhe como ia. Respondeu-me como verdadeiro filósofo da desgraça:

— Qual, "seu" doutor, vou ruim como capim!

Obedecendo a natural curiosidade, quis saber o que significava essa maneira de exprimir-se. Ele sorriu e disse:

— Qual, "seu" doutor, o destino do capim é o pior do mundo. Se não chove, morre seco, estorricado. Se chove e cresce, vem o boi e come-o. Para todos os lados que olho, só vejo desgraça. Por isso, vou ruim como capim.

Sorri. Ele não sorriu mais. Conservava mais tempo no rosto aquela fugaz impressão de desânimo diante dos mistérios da vida, que observara na nossa viagem. Só desfranziu os lábios, quando dele me despedi.

No ano seguinte, contaram-me na venda do Xico Dunga, na cidade de Quixeramobim, um fato horrível, acontecido para os lados de Banabuiú. Pequeno criador dali, desconfiando do procedimento da mulher, durante suas freqüentes e prolongadas ausências como pajem, arrieiro, comboieiro, passador de gado, ou vendedor de cavalos, fingiu ir para um desses misteres e ocultou-se num pedregal,

perto de casa. À noite, quando a lua nasceu, viu chegar a cavalo, no terreiro, o filho de importante fazendeiro da vizinhança. O rapaz apeou-se e entrou na sua morada. Deixou passar algum tempo e aproximou-se. Os cães logo o conheceram e não latiram. Encostou-se à parede de taipa e viu a esposa entregar-se ao outro.

Penetrou, como uma fera, no lar desonrado. Passando pela porta da cozinha, que ficara aberta, apanhou o machado de rachar lenha. Dentro da camarinha, desferiu centenas de golpes sobre os dois amantes reunidos na mesma rede!

Quem me narrou o caso não me deu os nomes das vítimas, nem do assassino, mas acrescentou que viera humildemente entregar-se à prisão e que o subdelegado local achara dentro da rede verdadeiro angu de carnes e ossos, não se podendo reconhecer feições, nem mesmo membros, dos dois cadáveres horrivelmente confundidos. E concluiu:

— Veja o senhor! Andam aí pelas ruas, soltinhos da silva, os piores cangaceiros e ladrões do mundo, apadrinhados pelos chefes políticos. Entretanto, esse pobre homem, que, num momento de aguda raiva, castiga o adultério da mulher, apanhada em "sufragante" delito com o seu sedutor, foi condenado pelo júri a trinta anos de prisão.

— Justiça do Ceará te persiga! foi praga de nossos avós, rematei, acendendo o cachimbo de raiz atufado de bom fumo da terra.

À primeira vez que fui à cadeia de Quixeramobim encomendar aos presos um par de botas de couro cru, vi o João Gameleira metido num cubículo infecto. Falou comigo através das grades. Sua mão tremia na minha e vi que tinha os pés muito inchados. Como lhe perguntasse por que motivo ali se achava, contou-me, calmamente, o crime que me tinham relatado na venda do Dunga. Na sua face, pesava uma tristeza calma, definitiva. Todo ele, olhar, voz, gestos, era uma resignação profunda, um fatalismo imenso. Dir-se-ia um árabe. Sorriu, ligeiramente, ao dizer-me:

— Qual, "seu" doutor, fui chave para muita porta e só abri para mim as grades da cadeia e do inferno!. . .

Meus olhos pousaram nele com piedade e quis dizer-lhe uma palavra consoladora. Não mo consentiu. Interrompeu-me:

— Qual, "seu" doutor, não diga nada! Eu sou como chifre de cabra. . .

Antes que o interrogasse, continuou:

— "Inhor" sim. Com chifre de boi se faz tudo — botão, copo de dados, bengala, cabo de faca; com chifre de carneiro se faz cornimboque, para guardar rapé, ou tabaco de caco. Chifre de cabra não tem serventia nenhuma, nem para cornimboque. . . Qual, "seu" doutor, eu fui na vida "que nem" chifre de cabra!. . .

A LOUCA

O VELHO DOMINGOS LOPES partira, ao cair da noite, da quase abandonada vila de Pentecostes. Cansado de lutar contra a seca daquele ano fatal, que vorazmente devastara as humildes ribeiras sertanejas, tendo visto tombar de inanição sobre o solo estorricado a derradeira vaca da fazenda onde trabalhava, resolvera fugir do povoado sequioso e faminto, rumando para o litoral. Daí o conduziria o destino aos igarapés doentios do Norte, ou às fazendas de terra roxa do Sul. Encarava a alternativa com indiferença. Sua brônzea alma de sertanejo de nada se arreceava. Seria o que tivesse de ser. Gastara cinqüenta e muitos anos de vida naqueles cafundós, a mourejar na lavoura e na criação, de enxada em punho ao sol quente das baixadas, encourado e a cavalo no recesso espinhento dos carrascais, e de viola na mão, ao luar maravilhoso, nos terreiros poentos em que fervilhavam os sambas. Bastava, para ter coragem, pensar que nascera na terra onde "desgraça pouca é bobagem", ou é "tiquinho", e só se pesa a infelicidade de "arroba p'ra riba"!

Afastando-se de Pentecostes, caminhara a noite inteira, com a velha lazarina carregada de balas de chumbo ao ombro, o chapéu de couro deitado para a nuca e o barbicacho a vincar-lhe o pescoço. Seu passo igual e seguro ressoou pelo caminho ermo, entre as catingas desfolhadas, num silêncio imenso que nem o grito dos animais bravios cortava mais. Silêncio de cemitério! O luar esverdinhado escorria pelo tronco dos arvoredos esqueléticos, prateava o pátio limpo das fazendas abandonadas, onde se não ouviam mais ladros de cães. Nas proximidades dos currais desertos e dos bebedouros chupados, alumiavam ossadas de reses e talvez de gente. E, sobre a vasta desolação e o vasto silêncio, a cúpula alta do céu indiferente, que o luar fazia translúcida, e de cuja diafaneidade a lua pálida deixava correr para o sertão morto as lágrimas da sua luz misteriosa e fúnebre.

Caminhando sem parar, o velho sertanejo pensava em como seriam as terras para onde ia sozinho e miserável, terras que nunca vira, porque nunca saíra de sua ribeira agreste, cuja descrição nunca lera, porque não sabia ler. Como seriam, em verdade, a capital do Forte, o mar, o vapor "os Almazonas", ou os cafezais sulinos? Baixava a cabeça, suspirava, passava a mão calosa pelos duros cabelos grisalhos empoeirados, "maginando" nos horrores da seca, que acabava com tudo — plantas, gados e gentes, no seu pobre sertão! Os olhos umedeciam-se com saudade dos tempos felizes, quando andava coberto de couro de capoeiro, atrás dos barbatões e novilhos fugidos, ou quando cantava a desafio nas vendas das encruzilhadas.

Ao amanhecer, longe, a Serra do Gigante banhava-se no oiro pulverizado do sol. Pedregulhos micantes reluziam, como embutidos de gemas, entre a garrancheira do mato, à beira do leito seco dum córrego. O vento leve erguia rente ao solo torturado ligeiras espirais de pó negro. De onde em onde, por cima do bracejar dos galhos escuros e pelados, surgia, qual um oásis no deserto, a copa valente dum juazeiro, quase murcha, verde-cinza! E as palmas das carnaubeiras, esparsas em pequenos grupos pelas varjotas, gemiam baixinho, doloridamente.

O velho caboclo parou num ponto mais alto da estrada e percorreu com o triste olhar a paisagem morta. Depois, fixou a vista aguda, meio quilômetro adiante, numa fachada singela de casa, que branquejava à luz. Sobre as telhas rubras do teto pousavam urubutingas e camirangas. Ondeava no ar um revôo de aves negras. O Domingos Lopes, cheio de curiosidade, apressou o passo naquela direção. Perto da casinhola, um aflato de podridão obrigou-o a tapar as narinas. Apesar disso, avançou e gritou, junto à porta, que estava fechada:

— Ó de casa!

Ninguém respondeu. Os urubus do telhado, espantados, bateram asas e voaram, rumorosamente. O eco repetiu ao longe a última sílaba do seu grito. Foi tudo. Empurrou a porta com a mão. As tábuas de umburana-de-espinho resistiram, guinchando. Meteu-lhes, então, o ombro, retesou a musculatura de aço, num esforço, e arrombou os batentes, que se abriram com estrondo e ficaram estremecendo nas dobradiças desconjuntadas. Um bafo horrível veio do escuro copiar. O retirante recuou, aperrou a espingarda, num instintivo receio de qualquer surpresa, e penetrou na casa.

Formigas e moscas cobriam o cadáver dum cachorro magro, atravessado diante da porta. Os olhos logo se acostumaram à escuridão e descobriram, estirados ao pé das paredes de taipa, cobertos de trapos imundos, os corpos apodrecidos de três pequenas crianças, que deveriam ter morrido de fome.

Nada havia que fazer ali e o sertanejo ia retirar-se, quando esbugalhou os olhos de horror. Da porta da camarinha saía uma mulher de pupilas afuzilantes, melenas caídas, ossos furando a pele terrosa, inteiramente nua, os peitos ressequidos tombando como pelhancas, brandindo na mão trêmula, comprida e afiada faca de vaqueiro! Dava pequenos saltos, rangendo os dentes como onça, o corpo sacudido por violentos estremeções, durante os quais parecia que os ossos chocalhavam! Verdadeiro monstro de fome, desespero e loucura! Fitou no homem estático os olhos de febre e fogo, rugindo entre gemidos roucos, a sacudir cabeça e grenha, a revolver o ar com a lâmina reluzente:

— Assassino! Assassino! Abandonaste-me com os meus filhinhos, dizendo que ias buscar recursos na povoação. Eles morreram de fome e sede, coitadinhos! . . .

Desatou a soluçar. O velho ia dizer-lhe qualquer coisa: explicar quem era e por que estava ali, consolá-la, quando, novamente enfuriada, bradou:

— Eles morreram, pai miserável! Eu vou morrer de fome e sede como eles, mas, antes de morrer, vou matar-te, para comer tua carne e beber teu sangue!. . .

Soltou um uivo formidável:

— Quero beber o teu sangue! . . .

O Domingos, encostado à parede, arma engatilhada na mão, suava frio e tremia de horror. Ela deu um pulo maior para ele, fitando-o com as dilatadas pupilas febris. O caboclo vacilou, como se a casa lhe andasse à roda. A lâmina luziu a dois passos do seu pescoço. Apertou com as mãos geladas a fecharia da lazarina. Insensivelmente, encostou o cano ao peito da sinistra mulher e um tiro quebrou o silêncio imenso do sertão!

A Louca caiu, abrindo os braços, escabujou no chão alguns momentos e logo se inteiriçou. E ele, largando a espingarda, fugiu pela porta escancarada, na carreira. . .

O POÇO DAS PIRANHAS

FOI, DURANTE MUITOS ANOS, dono do sítio Monte-Flor, o capitão Damasceno Mendonça, que vendera seu cartório de tabelião, em Fortaleza, e se retirara da vida ativa, para descansar seus últimos dias naquele rincão fresco e farto da serra de Baturité. Constava o sítio de meia légua quadrada de boas terras, poucos altos e muitas vazantes, pequeno açude à beira da estrada, engenho primitivo de moer cana, bolandeira para desmanchar farinha e uma casa grande, assoalhada, pintada de amarelo, com alpendrada corrida, em redor.

Na monarquia, antes da abolição, prédio e terras pertenceram à célebre família dos Rodovalhos, possuidora de muitos sítios de banana e café, na serra, e de várias fazendas de criar, nos sertões de Canindé e da Pedra Aguda. Gente bárbara, semifeudal, torva, valente, cruel e cheia de formidável orgulho. Temida por toda a parte, devido à sua união, que armava todos os irmãos e primos, com as súcias de cabras, à menor ameaça que a um deles alguém tivesse a ousadia de fazer. E contavam dos Rodovalhos um rol de estórias de arrepiar.

Mas o tempo lhes destruiu o poderio. Decaíram pouco a pouco. Os últimos rebentos venderam o Monte-Flor, solar familiar, capital de suas propriedades, àquele pacífico tabelião. De muito longe o conhecia, relações antigas de família, e muito gostava de sua franqueza e bondade. Duas, três vezes por ano, largava meus trabalhos e ia passar uma semana em companhia do velho e de dona Raimundinha, sua mulher, na casa rodeada de laranjais do sítio hospitaleiro.

Levava vida ociosa e relativamente divertida. Acordava às seis da manhã para o banho no açude, após o qual me serviam uma tigela fumegante de café com leite, queijo de manteiga e de coalho, cuscus e biscoitos de milho. Saía a cavalo, galopando pelas estradas limpas, de barro socado, num melado-caxito esquipador e passarinheiro, até Guaramiranga, onde palrava instantes com amigos, na botica, até

Pernambuquinho, onde conversava um pouco com um vendeiro conhecido, ou mesmo até Pacoti, onde tomava uma "xícara-dedal" de café bem preto com o filho do Anastácio Correia, chefe político governista.

Às dez horas, estava de volta e a negra Tereza servia o almoço farto e saboroso: picadinho com jerimum, galinha de cabidela, malassada, laranjas em calda e café. Fumava uma caximbada na rede da varanda, olhando a luz do sol brincar nas águas do açude e "prosando" com o Damasceno. Jogávamos gamão, dormíamos à sesta, caçávamos mocós de espera, ou nambus de pio, passeávamos a pé, íamos visitar um vizinho, ou descíamos até Baturité, para tratar de negócios, somente regressando à noite. A não ser nestas descidas, jantávamos às quatro horas da tarde e jogávamos gamão até a hora de dormir, quando na treva densa tremeluziam vagalumes.

Um dia, não sabendo o que fazer, inventei uma pescaria. Passamos horas ao sol, no açude, de anzol e tarrafa. Pegamos somente três curimatãs magras. Desapontado, disse que preferia pescar nas lagoas do litoral, para os lados de Aquiraz e Messejana, onde tinha amigos que me convidavam. Lá não faltavam uiriús, piabas, carás, gargarus, morés, jundiás, jacundás, mil outros peixes.

O velho, temendo que lhe faltasse de quando em quando, a alegria de minha presença, explicou-me que, por motivos vários, nas águas doces das serras havia sempre muito menos peixe do que nas do sertão, ou da costa. Entretanto, prometia ensinar-me um lugar, que eu não conhecia, dentro do próprio sítio, onde pescaria com abundância, pois os antigos proprietários tinham criado ali um viveiro de cangatis, traíras, piaus, branquinhas e piranhas. Chamava-se o poço das Piranhas, tantos desses bichos vorazes continha. Conduzir-me-ia lá no dia seguinte.

Fomos, depois do almoço. O poço ficava no sopé dum alto, sob as copas verde-negras de árvores imensas, lugar ermo, umbroso e úmido. Havia como que lodo até no ar. Os troncos do arvoredo, os galhos, os cipós, as pedras estavam cheios de limo. Ciciavam insetos. A luz do sol não atravessava as frondes compactas. E a água quieta, sinistra, estendia-se na sombra sem uma ruga, muito escura.

Baixei-me e nela mergulhei a mão. Era fria como gelo. Preparei o anzol com uma minhoca e ia atirá-lo na água, quando o velho Damasceno falou:

— Ainda o não tinha trazido até aqui, porque este poço tem uma estória de fazer medo.

Logo, com a atenção despertada, a curiosidade esporeada, arranquei o anzol da água profunda e negra, pedindo-lhe me dissesse o que sabia. Ele demorou calmamente os olhos nos meus e contou:

— Não juro que seja verdade, porém um velho escravo da família, que ainda encontrei aqui, dizia ter visto tudo. Se mentia ou caducava, isso é lá com ele. A mim repetiu o caso antes de morrer, asseverando que me não pregava peta. Juramento de moribundo, você sabe, é coisa sagrada! Na hora da morte, só mesmo um endemoniado é capaz de mentir. João Rodovalho, pai do Manoel, que me vendeu o sítio, casou no Aracati com uma moça alta e alourada, da família Martinho, bonita como quê! E tinha um "xodó" por ela "que nem" cachorro em certos tempos... Mulher, diziam os antigos, é pior do que três diabos de sociedade. Consta que essa valia mais do que quatro, na manha. O certo é que o Rodovalho descobriu, no fim do segundo ano de casado, e bem descobertos, os amores dela com um mulato moço e bem parecido, que lhe servia de pajem. O negro velho jurou-me que fizera os escravos de confiança porem ambos nuzinhos em pêlo, como vieram a este mundo, de pés e mãos amarrados, mandando atirá-los dentro desta água perigosa. Em segundos, milhares de piranhas devoraram os desgraçados. Ficou somente em cima do poço uma grande mancha de sangue!... O escravo moribundo disse que viu tudo...

Enrolei o cordão do anzol, em espiral, na vara flexível e propus ao velho amigo:

— Vamos para casa?

— Vamos.

E, sob a compacta fronde das árvores, a água sinistra e negra, sem uma ruga, estendia a sua frialdade, silenciosamente...

OS FILHOS DO CAPITÃO JOÃO PEDRO

— TEMPO DE SECA, moço, a gente vê coisas!

E o velho João Pedro, capitão reformado, veterano do Paraguai, que vivia em Fortaleza, silenciosa e tranqüilamente, do seu modesto soldo, ficou por muito tempo pensativo, riscando com a ponteira do guarda-sol "barraca" o saibro fino do chão. Estávamos sentados num banco do Passeio Público da capital cearense, diante do mar verde e bravio, à sombra de altas castanholeiras que ramalhavam ao vento da tarde.

O sol dava nos areais alvíssimos da costa desabrigada, ainda com força. Sobre eles, as sombras dos coqueiros lentamente se estiravam, à proporção que o astro descia para o ocaso. O capitão levantou a cabeça e repetiu:

— Tempo de seca, moço, a gente vê coisas!

Pedi que me contasse algumas. Levantou-se, ofereceu-me grosso cigarro de palha de milho e fumo picado, dos chamados "peito de vaca", acendeu outro e caminhou para a velha fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que se encostava ao Passeio. Disse-me:

— Prefiro falar nessas coisas andando.

Compreendi que desejava um meio de disfarçar qualquer emoção e segui-o. Trepamos sobre a larga muralha ameiada, construída pelo marechal Pedro José da Costa Barros, e ficamos instantes de olhos perdidos na paisagem praieira que se estendia dos nossos pés ao horizonte. Na fímbria do mar e do céu, na "risca" dos jangadeiros, para o norte, vultos azulados de serras, ou dunas, surgiam à flor das águas, como grandes naus de guerra em linha de batalha. Sobre a costa árida, de revoltos areais brancos, os três coqueiros tristes da Lagoa Funda, o telhado e os altos pára-raios do Paiol da Pólvora, a barraquinha do Telégrafo Submarino e os lábios espumantes das ondas. Por trás dos morros do Croatá e do Moinho, cobertos de casas como uma lapinha, apareciam as casuarinas do antigo cemité-

rio dos Ingleses. Aquém dos morros, parte da estação ferroviária, rampas imundas, os muros brancos da Cadeia, a fachada da Santa Casa e os negros reservatórios do Gasômetro.

Abaixo de nós, viam-se galpões aduaneiros diante das águas tumultuárias da maré enchente, que batia com violência, espadanando espumaradas, de encontro ao abandonado quebra-mar das Obras do Porto; um maceió enegrecido pelo pixe do Gasômetro, que desembocava no poço da Draga, coalhado de alvarengas, lanchas, botes, escaleres e bateiras.

Daí o olhar passava pelo Arsenal de Marinha, enfiava pela rua do Chafariz, toda ensolada, encontrava ao fundo um coqueiral barrando a perspectiva, desviava-se para o mar, onde alvejavam velas de jangadas, demandando o Porto, ou o Meireles, e seguia as curvas do litoral até a volta da Jurema e a ponta do Mucuripe, dominada pelo seu farol.

O velho esquecera-me, distraído pela vista. Pulei para o recinto atapetado de ervas das velhas baterias. Ele acompanhou-me por entre os canhões de bronze, que ainda ostentavam no dorso, acima das alças em forma de golfinho, serpente, ou dragão, as armas lusas, castelhanas e flamengas. E foi dizendo:

— Um caso de seca que lhe queria contar veio-me à lembrança ali no Passeio Público, onde se passou. Como você sabe, debaixo das suas árvores, o governo do Estado, quase sem recursos e sempre sem inteligência, acomodou, na última seca, grande parte dos retirantes que alcançaram a capital. Aquele belo lugar ficou reduzido a um acampamento desordenado e miserável. Dos galhos baixos das mongubeiras e outras árvores pendiam centenas de redes pequenas, rasgadas e imundas. Sobre três pedras, as panelas de cozinhar o feijão das distribuições, n'água e sal. Ao pé dos troncos, acumulados, caixotes e trouxas, surrões e cestos, esteiras e caçuás. No meio dessa confusão, homens esquálidos, de ceroulas e camisas de algodãozinho roto e negro de sujeira, mulheres cadavéricas, enroladas em colchas de retalhos, crianças de todos os tamanhos, andrajosas, ou nuas, todas famintas e tristes. Nem uma cantiga, nem um som de viola nesse arraial desolado! Pobre gente!

Chegávamos a um bastião mais alto, onde havia restos de antigo mastro de sinais. Debrucei-me do parapeito. Lá embaixo alumiava o córrego do Pajeú, entre os capinzais do sítio do Mississipi. O capitão João Pedro prosseguiu:

— Cada pessoa da cidade veio trazer a esses miseráveis um pouco de conforto: este, roupas velhas; esse, embrulhos de café; aquele, um pedaço de carne; aquele outro, um saquinho de feijão. Não

houve quem se não apiedasse de tanta miséria e esquecesse a esmola que podia dar. Em frente ao Passeio, morava nesse tempo, numa casinha baixa, de porta e janela, o Zé Remígio, guarda da Alfândega, que tinha mais filhos do que cabelos na cabeça. Vivia quase na miséria. Seu pequeno ordenado não chegava para sustentar a família. Por isto, a mulher matava-se a fazer "doces de tabuleiro", que os meninos vendiam pelas ruas. Ele fazia todas as economias possíveis. A fim de não pagar ao barbeiro, cortava o cabelo da filharada, adquirindo, com o tempo, bastante prática desse mister.

Pois, meu amigo, esse pobre homem não podia dar aos retirantes do Passeio um vintém, ou uma cuia de farinha, porque isso faria falta aos seus. Mas a caridade é grande como o mundo, quando é espontaneamente verdadeira. E o pobre Zé Remígio achou jeito de ajudar aqueles infelizes a carregar o peso da sua aflição. Todas as manhãs, antes de ir à Alfândega, aparecia no Passeio, como muitas vezes vi com estes olhos que a terra há de comer, para cortar de graça os cabelos sujos, emaranhados, cheios de piolhos daqueles que a seca expulsara do sertão!

Nunca tivera relações com esse ótimo homem. Conhecia-o somente de vista. Porém, depois que o vi agir assim, passei a cumprimentá-lo com mais honra e maior prazer do que ao Presidente do Estado, — esse que aí está, o que já passou, ou o que está para vir!

Demorei os olhos na larga face brunida de sol e enrugada pelos anos do velho soldado, toda emoldurada em cabelos brancos. Estávamos de pé junto a um grande canhão, que alongava o pescoço sobre o respaldo em declive da muralha. O sol rasava a superfície convexa dos morros, lá pelos lados da barra do rio Ceará.

— Entretanto, Deus ainda se não apiedara do Ceará infeliz, nessa terrível seca! Além da fome e sede, veio a peste! As bexigas começaram a matar aqueles que haviam escapado à miséria. Zé Remígio, coitado! cortando o cabelo daquela gente desamparada, em contato diário com ela, levou a doença para casa: morreu primeiro a filha mais velha; depois, a mulher; por fim, ele lá se foi também!... Um horror! Deixava sozinhos neste mundo de amarguras oito crianças, das quais a mais velha contava somente onze anos!

Piedade e admiração invadiram-me a alma, privando-me momentos de falar. Enfim, rompi o silêncio:

— Que destino tiveram esses pobrezinhos, capitão?

O velho baixou a cabeça, como envergonhado, como se tivesse praticado uma ação má. Bruscamente anoitecera, como sempre anoitece nessa terra tropical sem crepúsculos suaves, e na noite tranqüila e imensa, lentamente, o nobre ancião me respondeu:

— Deus não me deu filhos, moço, e eu tomei esses para mim.

MANO FRANCISCO

SERTÃO INÓSPITO! O mais inóspito de todos os sertões cearenses. Quando os primeiros povoadores o contemplaram, descendo das serras que se elevam do lado de Leste, vasto e queimado de sol, quase sem árvores, com uma muralha de montanhas azuis ao fundo, tal parecença lhe acharam com as rechãs escaldantes da África que o denominaram sertão de Mombaça.

Pois eu o atravessei, há muitos anos, entre seca e inverno, nos fins de água. Nos ramos enegrecidos dos arbustos, ainda palpitavam folhas amarelas, e lá uma, ou outra touceira de capim verde enodoava o tom triste da pastagem acamada. Após um dia de calor intenso, passado a cavalo, cheguei mais ou menos pelas quatro horas da tarde a uma casa de telha e taipa, entre altas umburanas-de-cheiro, encostada a longo chiqueiro de bodes.

— Ó de casa!

— Ó de fora! respondeu-me lá de dentro uma voz feminina.

À porta, logo se apresentou uma mulher morena, de olhos claros, moça e nada feia, mas com um grande gilvaz cortando-lhe de alta-baixo a face direita. Perguntou-me:

— Que deseja?

Respondi:

— Vou para a fazenda do Bento Alves, daqui a três léguas, mas, como estou com muita fome e lá só poderei chegar ao anoitecer, desejava que me dessem qualquer coisa para jantar. Pagarei bem.

Por trás da mulher surgiu um rosto tostado e enérgico de sertanejo, de cabelos alourados, que falou:

— "Desapeie", moço, "o de-comer está botado" e vosmincê janta com a gente. É jantar de pobre e dado de coração, "mas porém", se faz questão de pagar, será melhor ir bater noutra porta. "Desapeie", moço.

Apeei-me e prendi o cavalo pelo cabresto a uma estaca do chiqueiro. Desapertei-lhe a cilha e dei-lhe água numa cuia. Depois, tirei-lhe o freio e pus-lhe o embornal de milho ao focinho. Entrei na casa de chapéu na cabeça, mas sem esporas, em sinal de consideração pelo dono, segundo o "estatuto" da terra. A comida constava de jerimum cozido, leite de cabra, farinha e rapadura, tudo em pratos de louça grosseira e coités, sobre um couro de boi, no chão. Sentei-me no barro batido, com os dois e conversamos. Disse de onde vinha e para onde ia. Soube que viviam ali sozinhos, eram casados e não tinham filhos.

Ao meio da refeição, um urro selvagem, como de onça com fome, fez-me estremecer, arrepiou-me de horror. Mas tal era a placidez dos dois que pensei tratar-se de alguma sussuarana mansa, amarrada, ou engaiolada, do lado traseiro da casa. Mais duas vezes, o mesmo berro horrível ecoou ali próximo. Perguntei o que era. Sorriram amarelo e não me responderam. Com certo esforço, consegui ficar calmo como eles.

Findo o jantar, acendi o cachimbo e saí ao terreiro com o matuto. Dei, devagar, conversando, volta à casa, espicaçado pela curiosidade de saber que uivo pavoroso era aquele.

Do lado da cozinha, sob uma das folhudas umburanas, deparei com uma coisa medonha. Era um monstro de forma humana, nu, com uma tanga de estopa em farrapos, uma tira de couro cru ao pescoço, outra na cintura, das quais pendiam correntes que o ligavam ao tronco forte da árvore. Tinha os olhos encovados, barbas e unhas crescidas, folhas secas misturadas aos longos cabelos desgrenhados. Dava pulos maquinais, como os macacos presos, escancarando as mandíbulas armadas de dentes amarelos. Uivou de novo, longamente!

Nisto, a mulher saiu de casa, com uma cuia de comida numa das mãos e um cacete de jucá na outra. Afugentou o "bicho" com o pau e colocou a cuia sobre uma forquilha de três pontas. Afastou-se. Aquele ente pavoroso dirigiu-se, então, para o alimento e devorou-o bestialmente, com a cara dentro da cuia!

Fiquei gelado e olhei com assombro para o sertanejo, que, parando e cravando nas minhas as escuras pupilas penetrantes, disse com a maior naturalidade:

— Coitadinho! É o mano Francisco. Teve uma porção de doenças feias na cidade de Barbalha, onde estava trabalhando, veio tratar-se em casa e elas lhe subiram para a cabeça. Não houve cabeça-de-negro que lhe desse jeito, nem sangria, nem reza-forte, nem benzedura! Ficou doido varrido e deu para querer matar todo o mundo. Vosmincê não viu aquele talho na cara da Mundica? Foi obra dele, com a machadinha de rachar lenha! Ela custou muito a ficar boa, quase

morre! Prendemos ele na camarinha, de mãos amarradas, porque as paredes de taipa não agüentariam ele solto. Pois roeu as cordas com os dentes, arrombou a parede e fugiu. O Tonico, nosso irmão mais velho, quis segurá-lo e ele o matou com a mão-de-pilão! Pedimos socorro ao delegado de Humaitá, mas nem "mode coisa", a polícia não fez nada. Fomos obrigados a "requerer o adjutório" do compadre Teotônio do Saco da Velha, que veio aqui com três vaqueiros. Caçamos mano Francisco no mato, pegamos ele trepado numa oiticica, amarramos o desgraçado e faz mais de ano que "véve" debaixo daquele pé de pau. Já descascou a umburana toda com as unhas! Tem uma força! Quando está com fome, urra como vosmincê ouviu e tempo de lua faz um barulho que não deixa ninguém dormir!

O meu informante aproximou-se mais do meu ouvido e murmurou:

— Ele está convencido que virou leão!

Depois, sorriu, dolorosamente, e acrescentou:

— A gente é pobre e não tem recursos "mode" levá-lo para o asilo da cidade do Forte. Mesmo "dizque" lá dão surras nos doidos até matá-los. Por isso, ele não tem outro jeito senão ficar ali até Deus ser servido levá-lo para o céu. Pobre mano Francisco! era tão bonzinho!

Voltei, trêmulo, à frente da casa, preparei o cavalo e parti. Só despertei da meditação melancólica que me envolveu, quando, do alto dum cerro, avistei as luzes da fazenda do Bento Alves. E nunca mais passei por aquele sertão.

O PERDÃO DAS TREVAS

NOITE ESCURA. O Setestrelo alto e nem mais um grito de caboré, de mãe-da-lua, de coruja, de qualquer bicho noturno, nem mais um vôo rasteiro de bacurau, ou passar veloz de raposa, que a seca era brava e da garrancheira morta das catingas toda a vida tinha desertado. Noite escura e no negrume longínquo do céu os pingos de luz silenciosos das estrelas. O silêncio, esse era de amedrontar, profundo, imenso como a escuridão da própria noite. Muito raramente, uma cobra cascavel silvava, faminta, nas trevas. O chão era tão seco, os galhos mortos e as folhas caídas estavam reduzidas a pó tão fino que os passos do João Bruzundanga pareciam sem rumor, de algodão, misteriosamente fofos como o vôo dos curiangos.

Ele ia lentamente pelo caminho largo que o seu instinto de sertanejo adivinhava, descendo a lombada dum contraforte da Serra da Joaninha, no fundo dos ásperos sertões cearenses que a crise climática tornava quase intransponíveis. Embora acostumados àquela dura vida, o silêncio, a solidão negra da noite o apavoravam. Tinha ímpetos de parar, erguer os braços para a amplidão impassível e gritar, gritar, gritar, até cair esfalfado ali mesmo, ou de desandar a correr, a correr, até rolar na poeira, exausto! Para dominar a emoção invasora, levantava os olhos para os luzeiros celestes e contava-os, um a um, dando-lhes os nomes sertanejos:

— O Cruzeiro, o Carreiro de Santiago, as Três Marias, o Rabo de Tatu, o Carro de Bois. . .

E, de repente:

— "Cadê" a Papaceia?

Percorreu com a vista o espaço constelado e murmurou:

— Ela só aparece ao cair da noite, quando os meninos vão comer mingau. Nem me lembrava. . . E, "dizque", quando eles não chegam depressa, a estrela come o mingau "todinho". . . "Busões"! . . .

Outros pensamentos o assaltaram. Vinha de longe, duma povoação triste e paupérrima da fronteira do Piauí, onde a seca era tão ruim, senão pior que no Ceará. Deixara a mulher e o filho recém-nascido, sem vê-los pela última vez, na sua casinha de trás da igreja, e fugira com gente no encalço, que somente perdera sua pista na noite anterior. Mal tivera tempo de prover-se, numa venda, de meia tira de carne seca e uma garrafa de cachaça.

Veio-lhe, novamente despertada, a sede horrível. Desde a véspera, não bebia uma gota de água. A derradeira, sorvera-a, de bruços, na lama duma cacimba abandonada, dali a oito léguas. De dia, escondia-se nas garrancheiras, ou nos pedregais; de noite, pela escuridão, caminhava. Somente assim evitaria que dessem com ele os que o vinham seguindo desde o Piauí.

Bebeu um trago, o derradeiro, na boca da garrafa. Um ardor queimou-lhe demoradamente as mucosas. Lançou-a ao longe, a esmo. Ela cortou o ar, bateu numa pedra, ou num tronco, e quebrou-se, retinindo.

Para que tomar cachaça naquela apertura? Era bem uma "abrideira", como diziam. Deu-lhe uma fome! Havia quantas horas já mastigara cru o último pedaço de carne seca? E nenhuma esperança de consolo naquele deserto hostil, nenhuma! Estava todo ele, na mesma petição de miséria, o sertão cearense, calcinado pelo sol: garranchos a perder de vista, subindo, descendo, tornando a subir e a descer as ondulações do terreno; nem uma folha verde; todas as fazendas e casebres ao abandono; ossadas de reses por todos os lados e ninguém, ninguém, ninguém! Quer horror!

De novo, seus olhos procuraram a face negra do céu, recamada de jóias, e a sua voz gemeu:

— O Setestrelo... o Carro de Bois... o Rabo de Tatu... o Cruzeiro... as Três Marias... o Carreiro de Santiago... Ah! a Papaceia fugiu... fugiu como eu...

E sorriu, dolorosamente. Fugira, sim, após uma luta de faca, deixando estendidos e "com Deus", à porta do Mercado, dois homens! Luzinha trêmula, coada através dos garranchos, lhe feriu as pupilas alertas. Com efeito, lá do seio da catinga morta vinha um lume tênue. Que bom! Pulou-lhe no peito o coração, "que nem cabrito às primeiras chuvas", cuidou ele. Ia talvez achar quem lhe desse um pouco dágua, uma mancheia de farinha, ia ver gente... Ver gente! Farejou, tateou a borda do caminho. As mãos sentiram uma pedra; depois, arranharam-se em espinhos. Adiante, um silvo de cascavel na tocaia chegou-lhe aos apurados ouvidos.

— Que diabo! O que é ruim não se acaba! Não há seca que mate cardeiro nem cobra de chocalho!

Adivinhou uma vereda e seguiu por ela, mais lentamente, rumo da luz entrevista. Outros pensamentos lhe vieram e entre eles a rememoração exata do crime. Pequeno insulto do Manduca, filho do boticário Anacleto dos Passos, numa festa, deixara-lhe o rasto do diabo na alma, tão fundo como se ela fosse ainda mais mole do que massapê no inverno. Andara a esporear-se a si mesmo com a idéia da vingança, como ema, quando corre e se espeta com o aguilhão das asas. Meses e meses não pensara noutra coisa. Nem uma só vez levara suas idéias para o lado da família e de Deus. Então, deste se afastara de todo. Nem sabia mais da conta do tempo em que se não confessava; nem também do em que não ia à missa. Pensava em alcançar o Juazeiro do Santo Padre Cícero, que lhe não recusaria a bênção, purificadora, como nunca a recusara a nenhum dos criminosos acoitados à sombra do seu prestígio.

Em que dia estava? E refletiu: vira o Maneco dirigir-se ao mercado, o demônio o tentara (também para que lhe dera o Antônio Socó aquela faca enterçada, que furava um vintém de lado a lado e dava ganas de ser experimentada no couro dum cristão?!), atravessara-se-lhe à frente e esbofeteara-o. O outro era homem e reagira. Brilharam facas fora da bainha, logo! O Belisário, irmão mais moço do Manduca, correra da botica, em defesa do mano, com uma garrucha de dois canos. Errara ambos os tiros a queima-roupa. Ele, Bruzundanga, era "curado" de bala, tinha o "corpo fechado"! Quem era capaz de duvidar, depois disso? Tornara-se uma fera na luta. Estendera os dois irmãos esfaqueados, na calçada! Fora no dia vinte e dois, ao meio-dia. Havia dois dias e duas noites que fugia. Estava, portanto, a vinte e quatro de dezembro, véspera de Natal.

Seu olhar procurou no manto de veludo preto do firmamento as Três Marias. Elas brilhavam desusadamente, mais altas, mais distantes. Ele pensou que, no sertão, as chamavam também os Três Reis Magos e que, certamente, iam em busca do Deus Menino, para adorá-lo.

Seus pés pisaram um terreiro limpo de casa. A luz que avistara filtrava-se dentre as palhas entretecidas duma cabana. Chegou-se à mesma. A porta de taliscas de buriti estava encostada. Abriu-a e penetrou no copiar. Ao chão, uma velhinha magra e esfarrapada, morta de inanição. Abaixou-se, pegou-lhe as mãos geladas, mas ainda sem rigidez. Não devia haver muito tempo que exalara o último suspiro.

Em frente dela, sobre uma mesinha tosca, ardia, ao pé do Pequeno Jesus no berço, rodeado por Nossa Senhora, São José, o Burro e o Boi, de pau, muito velhos e sem pintura, um toco de vela de sebo. Acendê-lo fora a derradeira ação daquela anciã, morta das agruras da seca naquele deserto!

Bruzundanga ficou em silêncio algum tempo, perdido no emaranhado cipoal de seus pensamentos. A luz bruxuleou e morreu a um sopro mais forte do aracati que chegava. A cabana ficou tão escura quanto a noite, lá fora. Insensivelmente, ele ajoelhou nas trevas densas, voltado para as imagens que não via mais, fez o sinal da cruz, deixou pender a cabeça sobre o largo peito e exclamou:

— Pela santa noite de hoje, meu Deus, perdoai-me a morte dos filhos do boticário!. . . Eu me arrependo tanto do que fiz!

E sentiu naquela escuridão silenciosa como que um grande alívio, como se Nosso Senhor o tivesse escutado e suas pequeninas mãos suaves pousassem devagar, muito devagar, sobre a sua pobre cabeça, que a febre começava a escaldar. . .

O LOBISOMEM

Estórias de lobisomens!

O sertão está cheio delas, cada qual a mais pavorosa. Não há matuto que não tenha espiado pelo buraco da fechadura a rumorosa passagem desse monstro, que não é cão nem homem, nas estradas enluaradas, noites de quinta para sexta-feira, vulto horrível, de olhos de fogo e resfolegar ardente, ao qual os cachorros não têm coragem de latir.

Há mesmo gente que afirma tê-lo visto "virando-se", isto é, na ocasião da metamorfose, de roupas vestidas pelo avesso, espojando-se no estrume dos cavalos de sela e das bestas de carga. E todo sujeito pálido, de olheiras, opilado, tem esse fadário, nas luas crescentes uns, nas minguantes outros.

Uma das mais estranhas estórias de lobisomens foi a que ocorreu com o Manoel Tertuliano, afilhado do coronel Zé Machado, dono da fazenda dos Três Corações. Era um rapaz de vinte e cinco anos, branco, desempenado e valente, que o fazendeiro criava desde pequenino. Achara-o abandonado à beira do caminho, perto de casa, numa noite, e trouxera-o a choramingar, na lua da sela. Dona Pulquéria, sua casta e feíssima esposa, tomara conta do enjeitadinho, do pobre "filho das ervas", cujos verdadeiros pais nunca se descobriram. Mas as filhas do Geringonça, faladeiras de truz, enquanto foram vivas não se cansaram de espalhar aos quatro ventos que a mãe era, por força, a Xiquinha do Serrador, uma assanhada que punha goma na cara, como "muié-dama". E o pai, esse só podia ser o bilontra do coronel, homem "desavergonhado", "arrastador de asa", pior que bode velho.

O Manoel Tertuliano cresceu como filho do velho casal sem prole, sempre muito querido e dando boa conta de si. Tanto assim

que era quem muitas vezes andava com o dinheiro do ancião e lhe resolvia os mais sérios negócios.

A casa da fazenda dos Três Corações passava por ser a melhor da ribeira do Banabuiú, entre os campos do Oriá e o Tabuleiro Grande. Ficava num alto, a cujos pés se estendia o açude, de parede de alvenaria. Os currais que a ladeavam, amplos e bem cercados, tinham porteiras de aroeira pintadas a zarcão, com dois chifres encruzados em cima, para enfeitar e dar boa sorte. Nas salas e camarinhas, o chão estava bem entijolado e, como as paredes tivessem flores azuis semeadas na brancura da cal, o povo dos arredores dizia que era "vê uma igreja". Sob a sua alpendrada, descansava, emborcada num girau, uma canoa de pescar no açude.

No mês de março de 1899, ano da "seca de água", em que as demasias do inverno castigaram o sertão, o coronel Machado levou a mulher para o Quixadá, a fim de ver se melhorava, com a mudança de ares, duma "sufocação" que a andava perseguindo e só podia ser mesmo "espinhela caída", ou "coisa feita".

O rapaz ficou na fazenda, esperando uma boiada de gado de "solta", que devia chegar da Cachoeira e ele pagaria na ocasião da entrega, descontando o refugo. Fazia-lhe companhia o vaqueiro Geraldo, que tinha fama de homem honesto, incapaz de praticar qualque ato indigno, olhos de raposa em cara de santarrão. Era a única pessoa que sabia ter o Tertuliano, numa das malas, cinco contos de réis empacotados, para pagamento dos garrotes que iam chegar.

Todos os dias, ele dava uma volta, a cavalo, pela vizinhança e trazia notícias terríveis do aparecimento de cangaceiros por aquela pacífica região, o que impressionava o moço, por causa da soma de que era depositário.

Certa noite, o vaqueiro chegou "sarapantado". Encontrara na venda do Cosmo Pais três cangaceiros "cacheados" e na volta da estrada, ao pé do serrote da Panela, mais quatro, todos cobertos de "apetrechos belos", com "marianas",[11] cartucheiras, "canindés",[12] e rifles de calibre 48 e dezoito balas! Quem sabe não teriam farejado a maquia[13] deixada pelo coronel em mãos do afilhado? Talvez soubessem da vinda da boiada e calculassem estar o dinheiro à espera. Se atacassem a fazenda, que poderiam eles dois fazer contra seis ou oito "bichos", habituados ao "cangaço", para quem matar era "nenê", gente, sem dúvida, do célebre Zé Dantas?

---

11 Chamam-se assim, nos sertões do Nordeste, antigas armas de fogo.

12 Canindés eram facões estreitos, curvados na ponta.

13 Palavra antiga, com o significado de lucro, reserva monetária.

O rapaz, receoso, acreditou no vaqueiro e pediu-lhe à reconhecida sagacidade uma traça salvadora. Então, o Geraldo falou:

— "Seu" Tertuliano da minha alma, Virgem Maria, o melhor é não querer brigar com essas onças-tigres, se aparecerem aqui! A gente deixa "eles" entrar na casa e procurar o dinheiro nas malas, que é onde pensam que deve estar, mas a gente já o escondeu noutro cantinho. Escute, patrãozinho, enterrar não vale a pena, as notas ficam todas estragadas. Bota-se o pacote debaixo desta canoa, no girau, e nós dormimos nas redes, pertinho, aqui no alpendre. Se eles vierem, não poderão adivinhar que o cobre esteja aí, em lugar tão à-toa, não é mesmo?

O plano foi pouco discutido e logo aceito na atarantação do momento. Saiu o maço da mala de pregaria e foi parar debaixo da canoa. Ambos amarraram as redes nas forquilhas da alpendrada, com as armas ao alcance da mão.

Antes de pegar no sono, o Geraldo perguntou ao rapaz:

— Vosmincê sabe, "seu" Tertuliano, o que está acontecendo ao Pedro Fulô depois que chegou do Amazonas, feito paroara?

— Não. Que é?

— Deu "mode" virar lobisomem, o desgraçado!

— Porque ficou amarelo de doença? indagou o moço, meio incrédulo.

— "Qui o quê!" Os filhos-da-candinha[14] andam dizendo que é porque ele foi "mação" sete anos, na companhia dos nova-seitas e dos judeus de rabo, sem ir à missa, sem se confessar e cuspindo em Nosso Senhor, no Bode Preto de Manaus. O que eu sei é que lhe deu o fadário. Ele corre noite de "lunha", de quinta para sexta, com as orelhas batendo nos ombros, do tamanho de abanos, focinho de cachorro, e uivando. Credo, assombração! E já viram o bruto aqui por perto do açude. . .

— Se ele aparecer, você me acorde, Geraldo, que desejo experimentar uma bala de rifle no couro do danado.

Foram as últimas palavras que ali se pronunciaram, nessa calma noite de luar. Ambos dormiram ao embalo duma brisa sutil, perfumada, que lhes trazia de longe o canto das mães-da-lua.

Mas o sono do rapaz, preocupado, era inquieto. Devia ser tarde, quando acordou, sem saber por quê. Abriu lentamente os olhos e, sem mover-se, olhou em redor. Na noite tranqüila, os mesmos eflúvios misteriosos do luar. A rede do vaqueiro mostrava-se pejada pelo seu corpo membrudo. Ficou alguns instantes a espiar o mato próximo, quando, de repente, dum canto da casa surgiu de quatro

---

14 Cai progressivamente, entre os sertanejos do Norte e Nordeste essa expressão popular antiga, significativa de informadores desconhecidos.

pés um homem, com qualquer coisa cobrindo a cabeça e uns couros de maracajá amarrados pelos ombros e pela cintura!

O vulto do Geraldo enchia a sua rede quieta. Que seria, pois, aquilo? O Pedro Fulô virado lobisomem? Seria possível? Apesar do seu espanto, dos cabelos arripiados, aproveitando a distração do bicho, o Tertuliano pegara a clavina, que estava no chão, sob a rede, e a apertava nas mãos.

O lobisomem dirigiu-se para a canoa, meteu-lhe as mãos por baixo, retirou o pacote e ia voltar para onde surgira, quando o rapaz, compreendendo mais ou menos, pôs-se rapidamente de pé, levou a arma à cara e atirou.

Depois, mais calmo, desemborcou o cadáver caído de bruços numa poça de sangue e todo ataviado de couros velhos: reconheceu nele o honesto Geraldo.

Dentro da rede do vaqueiro, havia somente um pedaço de moirão de baraúna, fingindo gente.

COMO EU MATEI A MAÇAROCA

O QUARTEL DO DESTACAMENTO ficava nuns "quartos" da rua de Baixo, por trás da Câmara Municipal. Era um casebre infecto e pequenino, tendo ao fundo um telheiro de zinco, que servia de cozinha às "muié de soldado". Por todo mobiliário, uma mesa "infalsa"[15] dois tamboretes de pau e, no chão, as portas da traseira da habitação, arrancadas das dobradiças para servirem de camas. A um canto, uma rede suja, com "varandas" de labirinto.

Comandava a força, composta de cinco praças, dois anspeçadas e um cabo, o sargento Galvão, afamado pegador de criminosos no sertão do Assaré. Os homens eram todos antigos romeiros do padre Cícero, ou cangaceiros de profissão, tendo cada um, no mínimo, três mortes na "cacunda". Andavam pelas ruas de fardas desabotoadas e chapéus de palha de carnaúba, alpercatas e calças enroladas no joelho. Deixavam as Comblains encostadas aos cantos do quartel e os cinturões pintados de alvaiade, com os refles, pendurados de pregos, nos portais. E ostentavam no cós as facas afiadas, de "arrasto", que preferiam.

Tinham vindo ali parar, destacados da companhia volante do capitão Arrais, que, no Arneiroz, perseguia um bando de cangaceiros, ou melhor, fingia que os perseguia, pois eram protegidos da política. Antes causava danos aos adversários do governo, na região, prendendo-lhes os fâmulos, invadindo-lhes as casas, sob o pretexto de apreender armas destinadas a fomentar o banditismo.

Como houvesse necessidade de amedrontar os eleitores daquela vila, para ela vieram o sargento e seus companheiros, escolhidos a dedo entre os piores elementos da tal companhia volante. Os cinco

[15] A palavra *infalsa,* empregada, no texto, em forma adjetiva é a forma contracta da expressão erudita *em falso,* fora de nível. No caso, uma perna menor que as outras.

praças eram jagunços legítimos, de bentinhos ao pescoço e medalhinhas da Maria do Rosário no chapéu. O cabo chamava-se Luiz Poeirão e fora, na capital, o maior e mais expedito surrador de jornalistas da oposição. Um dos anspeçadas era o João Lubino, cabra do nariz de "repolego",[16] capaz de "tirar o coração pelas costas" a quem lhe caísse no desagrado; o outro acudia por Xico Linheiro, fora sequaz de um fazendeiro do Jardim, ladrão de cavalos, guarda urbano na Paraíba e viera terminar a vida aventurosa nas fileiras dignas da polícia estadual.

Pertencia-lhe aquela rede suja do canto do quartel e a mais gorda das três "muiés" que cozinhavam o feijão sob as telhas de zinco. Sentado nela, enquanto esperava o "de comer", ele contava estórias. A própria rede tinha uma, que era das melhores.

Certa vez, na vila do Coité, formaram-se dois partidos rivais de cabras que trabalhavam nos sítios da vizinhança: os Bacuraus e os Caborés. Uns plantavam e colhiam bananas; os outros plantavam e colhiam café. Começou a inimizade em cantigas de desafio e terminou em pancadaria grossa, "de criar bicho". Quando os grupos adversos se encontravam no mercado, era um "Deus nos acuda", "fechava-se o tempo!" Chovia cacete de todos os lados, acabavam-se os negócios, o povo desertava dali, e seis, oito cabras saíam de costelas moídas e cabeças arrebentadas. Então, o delegado mandou postar todos os dias de feira uma força, comandada pelo anspeçada Linheiro, à porta do mercado, com ordem de tomar as facas e "quirins"[17] de quem ali quisesse entrar "prevenido". Assim, os sujeitos desarmados não brigariam tão facilmente como dantes.

Mas os brigadores imaginaram um ardil para iludir essa vigilância. Dois dos Bacuraus apresentaram-se ao portão da feira, carregando numa rede, estendida em longa vara que lhes pesava aos ombros, um vulto embrulhado em lençóis. Era uma velhinha doente, disseram, que ia comprar umas ervas para fazer "chá". A força deixou-os passar. No meio do mercado, arriaram a carga. Dentro da rede vinham, bem arrumados, as canelas-de-veado, os jucás, as massarandubas, os pequiás e os corações-de-negro da súcia. E os Bacuraus, armados de repente, caíram em cima dos Caborés sem armas, que foi uma lástima!

Os soldados, à custa de muita pranchada de sabre, restabeleceram a ordem e o anspeçada tomou para si a rede de "varandas" de labirinto. Ela lhe serviu, tempos depois, para um "plano" de arromba.

---

[16] Não encontramos, noutro qualquer texto, a palavra. Não a registrou F. A. Pereira da Costa no seu *Vocabulário Pernambucano*. Tampouco Tomé Cabral em seu *Dicionário de Termos e Expressões Populares*.

[17] *Quirim*, também *quiri*, é sinônimo, no alto sertão, de cacete curto, porrete.

Com o comandante do destacamento do Maranguape, o furriel Paulino Pisca-Pisca, roubara uma noite um porco cevado, perto do Culuminjuba. Sangraram-no logo, para que não gritasse e puseram-no dentro da rede, cujos punhos foram amarrados numa vara. Cada um meteu o ombro debaixo duma das pontas e seguiram a passo largo, rumo da cidade, como se carregassem um defunto. De vez em quando, gritavam na noite escura:

— Cheguem, irmãos das almas!

Abria-se a porta duma choupana, surgia um matuto, esfregando os olhos, que perguntava:

— É homem ou mulher?

Respondiam, sisudos:

— É macho, sim senhor. É o Zé Raimundo do Culuminjuba. Nós "é" os irmãos dele e vamos enterrá-lo no cemitério do Maranguape, de manhãzinha.

— De que morreu? indagava o homem.

— Dum "ar do vento", Ave-Maria![18]

E o caboclo substituía um deles e agüentava o peso durante um quarto de légua. Aparecia na estrada outra casa adormecida. De novo, gritavam:

— Cheguem, irmãos das almas!

Repetia-se a mesma cena. Assim foi até o portão do cemitério, onde os dois "irmãos" do "defunto" se despediram dos últimos que o ajudaram, com mil agradecimentos. Era de madrugada, ficaram sozinhos e, ao clarinar dos galos, que anunciavam o sol, recolheram ao quartel com o gordo capado.

Como a descarregar a consciência de pecado tão leve, o Linheiro exclamava:

— Também havia mais de seis meses que o diabo da coletoria não pagava o soldo da gente!

A estória da rede era invariavelmente seguida da do seu feliz proprietário. Ele contava cada dia um rol de suas aventuras. Dessas uma ficou na memória dos meninos da vila, que gostavam de ir ver e escutar os policiais, no quartel. Diz o povo: "menino por goiaba e soldado é pior do que raposa por cachaça".

No tempo em que o Linheiro servira sob as ordens do tenente Monte e que os cangaceiros incendiaram a vila de Aurora, aparecera uma onça maçaroca[19] no sertão, que dera o que fazer aos criadores.

---

[18] A expressão cristã de fé *Ave-Maria* era complemento obrigatório da expressão *ar do vento*. O romancista, poeta e contista cearense Oliveira Paiva assim intitulou uma de suas estórias curtas, reunidas no volume *Contos*, editado em 1976, pela Academia Cearense de Letras. A estória fora publicada no número 3 do jornal literário *A Quinzena*, de 15/2/1887.

[19] Espécime de onça de porte pequeno, nos sertões do Nordeste.

Durante meses, muitos a perseguiram por todos os meios, sem lograr matá-la, e ela, preando bodes, garrotes e poldros, dera na ribeira prejuízo superior a dez contos de réis. Os cantadores populares fizeram versos a seu respeito e sua fama correu mundo.

— Pois fui eu quem livrou a terra desse "fragelo"! afirmava o anspeçada, e vou contar como eu matei a maçaroca.

Pigarreava, ajeitava-se melhor na rede e falava:

— O tenente Monte mandou-me levar da Aurora para Lavras o Luiz Jaibara, cangaceiro e ladrão de cavalos. Meteu-se ele num colete de couro, bem cosido do pescoço à cintura, porém o malvado do carcereiro da vila molhou o couro. Saímos de madrugada, ele na frente e eu atrás, com a Comblain atravessada no ombro. Quando o sol esquentou, o couro do colete começou a engelhar e a apertar o desgraçado, que acabou caindo sufocado. Tive pena do Jaibara. Trazia, dependuradas do cinturão, para qualquer necessidade, umas algemas de ferro batido. Liguei-lhe os pulsos com elas, cortei a costura com a faca e aliviei-o do colete. Continuamos nosso caminho. Por volta de dez horas, paramos à sombra dum pé de pau, para almoçar. Dei farinha e rapadura ao preso. Depois, ele me pediu um cigarro. Meti-o entre seus beiços e o bandido, com voz de anjo, suplicou:

— Agora, anspeçada, acenda pelo amor de Deus!

Risquei um fósforo e aproximei-me descuidado. Na ocasião em que estendia a mão para fazer-lhe o favor, ele levantou os braços algemados para o alto e descarregou-me os ferros no meio da cabeça. Caí desfalecido.

Quando voltei a mim, devia ser bem meio-dia. A cabeça doía-me muito e, passando a mão pelo rosto, senti-o coberto de sangue coalhado. Olhei para todos os lados: nem sinal do Jaibara! O safado pusera-se no bredo.[20] Apanhei a Comblain e dispus-me a voltar para Aurora, com vergonha dos companheiros e medo do tenente Monte. Apanhava na certa "um mês, sendo quinze". Castigo medonho: quinze dias de xadrez e quinze de solitária! Felizmente, escapei. Querem saber como?

Os que o escutavam aproximavam-se mais, curiosamente, e ele prosseguia:

— Passando os olhos pelo mato, avistei por cima das folhas, numa ponta de lapa dum serrote, um vulto mexendo. O sol estava forte e batia na minha cara. Não podia ver muito bem. Mas devia ser, com toda a certeza, o Jaibara, querendo esconder-se. Ah! se fosse ele, levava o seu couro ao tenente, para espichar na grade da cadeia. Preso fugido, soldado mata! Encostei a um galho o cano da Comblain, que é arma danada "mode" estragar com a bala o corpo

---

20 A expressão popular, cada vez mais em desuso, significa *fugir*.

de qualquer um. Fiz a melhor pontaria que pude e o ronco saiu. A tal coisa caiu, movendo-se ainda. Atravessei a catinga cheia de unhas-de-gato, que acabaram com a minha farda de brim pardo, e subi pelas pedras. Quando cheguei lá "em riba", meninos, foi que vi o "estrupício"! Não é mentira, não! Lá estava, morta, bem morta, a tal maçaroca "arrenegada". E o mais curioso é que, perto dela, em cima da lapa, havia nódoas de sangue, uns ossos e as algemas de ferro. A bicha tinha comido o Jaibara, com tripas, cabelos e tudo!

No meio do profundo silêncio dos circunstantes, ele findava:

— Está aí como eu matei a maçaroca!

GUSTAVO BARROSO E A CRÍTICA

Na *Terra de sol*, os capítulos mais úteis ao folclore são os seguintes: "Os divertimentos (Música e Dança)" (pp. 209-220); "A poesia" (pp. 221-256); "Lendas relativas ao mundo natural" e "Lendas relativas ao mundo sobrenatural" (pp. 259-271). Mas em *O sertão e o mundo* é que melhor se patenteiam os sólidos conhecimentos folclóricos de Gustavo Barroso.

BASÍLIO DE MAGALHÃES

Foi um mestre incontestável do folclore brasileiro, valorizando-o em fase em que ninguém percebia interesse e valia, enriquecendo-o com livros de notável erudição, divulgando os confrontos temáticos que revelavam a universalidade e velhice do que se julgava local e apenas pitoresco no momento. Um estilo ágil e claro, de discreta elegância vocabular, trazia uma força de comunicabilidade admirável.

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

... Dentro deste raciocínio pode ser colocado *Terra de sol*, de Gustavo Barroso. Livro publicado há cinqüenta anos, quando o autor ainda não contava 24 de nascido, obra por muitos aspectos imatura, serviria, no entanto, de fonte, de sugestão ou de índice, a toda a numerosa produção regionalista desse escritor admiravelmente dotado "do alto sensualismo da inteligência, da inquietação de descobrir e saber, da avidez de imaginar e criar."

BRAGA MONTENEGRO

Justificando a sua observação, Gustavo Barroso (*Trovadores e cantadores* in *Anais do V Congresso Brasileiro de Folclore* (IBECC), p. 15) lembra composições poéticas dos nossos sertanejos denominados debates, que correspondem ao *debatz* do medievo. O nosso desafio é a *tenson* dos provençais, a *viole* do *troubadour* é a viola dos cantores.

AFRÂNIO COUTINHO

A "Coleção Dolor Barreira" constitui um esforço no sentido de dar divulgação a uma série de autores e obras literárias do Ceará que, de indiscutível valor, há muito estavam esgotadas, e cuja ausência nas grandes bibliotecas do País causava sérios empecilhos ao trabalho dos pesquisadores, no campo das letras cearenses de entre o século passado e princípios deste.